

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

GRASIELA MOSSMANN DA SILVA

**INTEGRAÇÃO E CONFLITO ENTRE FILHOS DE BRASILEIROS E FILHOS
DE PARAGUAIOS: UM ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO EM UMA
ESCOLA DE SANTA RITA - PY**

**Toledo/PR
2014**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

GRASIELA MOSSMANN DA SILVA

**INTEGRAÇÃO E CONFLITO ENTRE FILHOS DE BRASILEIROS E FILHOS
DE PARAGUAIOS: UM ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO EM UMA
ESCOLA DE SANTA RITA - PY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ciências Sociais – nível de Mestrado, na linha de pesquisa “Fronteira, Cultura e Identidade” como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Azevedo

Co-orientador: Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese

**Toledo/PR
2014**

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária
UNIOESTE/Campus de Toledo.
Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

Silva, Grasiela Mossmann da

S586i Integração e conflito entre filhos de brasileiros e filhos de
paraguaios : um estudo de caso etnográfico em uma escola de Santa Rita - PY /
Grasiela Mossmann da Silva.-- Toledo, PR : [s. n.], 2014.

112 f. : il. (algumas color.)

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Azevedo

Coorientador: Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade
Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Toledo. Centro de Ciências
Sociais e Humanas.

1. Ciências sociais - Dissertação 2. Etnicismo 3. Santa Rita (PY) - Relações
étnicas 4. Pluralismo cultural 5. Comunidade e escola - Santa Rita (PY) 6.
Conflitos étnicos 7. Integração social 8. Brasil - Fronteira - Paraguai I.
Azevedo, Paulo Roberto, orient. II. Colognese, Silvio Antônio, orient. III. T

CDD 20. ed. 305.86980892

GRASIELA MOSSMANN DA SILVA

**INTEGRAÇÃO E CONFLITO ENTRE FILHOS DE BRASILEIROS E FILHOS
DE PARAGUAIOS: UM ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO EM UMA
ESCOLA DE SANTA RITA - PY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ciências Sociais – nível de Mestrado, na linha de pesquisa “Fronteira, Cultura e Identidade” como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 05 de setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Azevedo (Orientador)
Unioeste - Toledo

Prof. Dr. Allan de Paula Oliveira
Unioeste – Toledo

Prof. Dr. José Lindomar Coelho Albuquerque
UNIFESP – São Paulo

SILVA, Grasiela Mossmann da. **Integração e conflito entre filhos de brasileiros e filhos de paraguaios: um estudo de caso etnográfico em uma escola de Santa Rita - Py.** 2014. 113 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 05 de Setembro de 2014.

RESUMO: Este estudo tem como objetivo evidenciar as situações de conflito e integração entre brasileiros, seus descendentes e paraguaios e averiguar como ocorre à manutenção da fronteira étnica entre os dois grupos estudados, na cidade de Santa Rita – Py, tendo como principal contexto o ambiente escolar. A partir de pesquisas realizadas em escolas na fronteira do Brasil com o Paraguai, que recebem vários alunos vindos do país vizinho e que vivenciam situações de conflitos culturais, étnicos e linguísticos neste ambiente, surgiu o interesse em saber como é a convivência entre filhos de paraguaios e filhos de brasileiros nas escolas do lado paraguaio da fronteira, uma vez que, não se encontrou estudos que abordem este tema. Para tanto, tem-se como aporte teórico para esta pesquisa os estudos de Goffman (1988), Barth (1998), Goldman (2003), Schallenberger (2006), Albuquerque (2010;2012), Silva (2009), Silva (2001), dentre outros e as pesquisas de Dalinghaus (2009), Fiorentin (2010), Menegotto (2004), Pereira (2011), as quais apresentam análises que contribuem para essa investigação. Esta é uma pesquisa de caso etnográfica e os métodos utilizados foram, além da pesquisa bibliográfica e de campo, a observação participante e as entrevistas. Além de ocorrerem em uma escola da cidade, as entrevistas e observações se estenderam para outros ambientes, em que a interação entre os dois grupos não é tão controlada, nos quais, a opinião das famílias dos alunos também pudesse ser coletada. Aponta-se, dentre outros resultados, o preconceito e os estigmas que um grupo atribui ao outro, sendo esta a forma em que a fronteira étnica é mantida. Além disso, observaram-se as diferenças entre as gerações, já que, a atual geração descendente dos primeiros colonos brasileiros, apesar de herdar alguns pensamentos preconceituosos dos pais, passa a conviver melhor com o outro grupo étnico, os paraguaios.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira étnica, estigma, ambiente escolar;

SILVA, Grasiela Mossmann da. **Integración y conflicto entre hijos de brasileños y hijos de paraguayos: un estudio de caso etnográfico en una escuela de Santa Rita - Py.** 2014. 113 p. Trabajo de Conclusión de Curso (Maestría en Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 05 de Setembro de 2014.

RESÚMEN: Este estudio tiene como objetivo poner en relieve el conflicto y la integración entre brasileños, sus descendientes, y paraguayos y averiguar cómo es el mantenimiento de la frontera étnica entre los dos grupos en la ciudad de Santa Rita - Py, teniendo como contexto principal el entorno escolar. A partir de pesquisas realizadas en escuelas de la frontera de Brasil con Paraguay, que reciben varios estudiantes del vecino país y experimentan situaciones de conflictos culturales, étnicos y lingüísticos en este entorno, surgió el interés en saber cómo se produjo la convivencia entre hijos de paraguayos y de brasileños en las escuelas del lado paraguayo de la frontera, ya que, no encontraron estudios que abordan este tema. Con este fin, se tiene como apoyo teórico para esta investigación, los estudios de Goffman (1988), Barth (1998), de Goldman (2003), Schallenger (2006), Albuquerque (2010, 2012), Silva (2009), Silva (2001), entre otros y las pesquisas de Dalinghaus (2009), Fiorentin (2010), Menegotto (2004), Pereira (2011), que proporcionan un análisis que contribuye para esta investigación. Se trata de un estudio de caso etnográfico y los métodos utilizados fueron, además de la revisión bibliográfica y la investigación de campo, observación participante y encuestas. Además de producirse en una escuela de la ciudad, las entrevistas y observaciones se extendieron a otros entornos, en los que la interacción entre los dos grupos no es tan controlado, en el que también se pudo recoger la opinión de las familias de los estudiantes. Se señala, entre otros resultados, el prejuicio y el estigma que uno grupo atribuye a otro grupo, siendo esta la forma en que se mantienen los límites étnicos. Asimismo, se observó diferencias entre las generaciones, ya que, la actual generación, descendiente de los primeros colonos, a pesar de heredar algunas ideas sesgadas de los padres, conviven mejor con el otro grupo étnico, los paraguayos.

PALABRA-CLAVE: Frontera étnica, estigma, entorno escolar;

Frontera

*Y había una frontera que
no me dejaba salir, no era la bella
Argentina, tampoco el colorido Brasil.
Era un límite que no me dejaba respirar,
que incluso asfixiaba a mi sombra
y no me permitía volar.*

*Aquella frontera no parecía de concreto,
sino más pesada, era un triste espectáculo
como las luciérnagas sin luces.*

*Aquella frontera que me negaba crecer
no fue un río inmenso, ni una montaña
de papel, esa frontera se llamaba
ignorancia, fue el país más chico
con que la humanidad luchó.*

Eduardo Quintana (2006)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
------------------------	-----------

CAPÍTULO I: CARACTERIZANDO O AMBIENTE DE PESQUISA: A CIDADE, A ESCOLA E A CONVIVÊNCIA ENTRE OS ALUNOS FILHOS DE BRASILEIROS E FILHOS DE PARAGUAIOS	13
---	-----------

1.1 CAMINHANDO POR SANTA RITA	14
-------------------------------------	----

1.2 O CONTEXTO DE FORMAÇÃO DA CIDADE	24
--	----

1.2.1 A imigração vista por meio do Censo Demográfico	26
---	----

1.3 O AMBIENTE ESCOLAR	32
------------------------------	----

1.4 A ESCOLA COMO LOCAL DE INTEGRAÇÃO E EXCLUSÃO	37
--	----

1.4.1 O caso de Santa Rita	41
----------------------------------	----

1.5 A PESQUISA DE CAMPO E SUAS IMPLICAÇÕES	44
--	----

CAPÍTULO II: A MANUTENÇÃO DA FRONTEIRA ÉTNICA POR MEIO DOS ESTIGMAS	51
--	-----------

2.1 A IDENTIDADE DOS DESCENDENTES: SOU AQUILO QUE O OUTRO NÃO É	57
---	----

2.1.1 O paraguaio da fronteira	60
--------------------------------------	----

2.1.2 O paraguaio de Assunção	62
-------------------------------------	----

2.1.3 O bugre	63
---------------------	----

2.2 AS REPRESENTAÇÕES DO OUTRO POR MEIO DA MÍDIA	63
--	----

2.3 O ESTEREÓTIPO DO NORDESTINO	66
---------------------------------------	----

2.4 O AMBIENTE DE TRABALHO E O ESTIGMA DE PREGUIÇOSO	67
--	----

2.5 AMIZADES E NAMORO ENTRE OS DOIS GRUPOS	72
--	----

2.6 O ESTIGMA REFERENTE À HIGIENE	74
---	----

2.7 VOLTAR PARA O BRASIL	74
--------------------------------	----

2.8 SAÚDE: A BUSCA DE ATENDIMENTO NO BRASIL.....	76
--	----

2.9 OS ESTIGMAS RECORRENTES DO PERÍODO PÓS-GUERRA	78
---	----

CAPÍTULO III: O BILINGUISMO E OS CONFLITOS LINGUÍSTICOS	84
3.1 O BILINGUÍSMO PARAGUAIO	86
3.1.1 Língua Guarani: da importância cultural ao preconceito linguístico ..	93
3.2 O BILINGUÍSMO DOS DESCENDENTES	98
3.2.1 Estigmatizando a Língua Guarani	100
CONCLUSÃO.....	104
REFERÊNCIAS.....	108

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir de algumas reflexões sobre os conflitos étnicos, culturais e linguísticos vivenciados por alunos, filhos de brasileiros que migraram para o Paraguai, e que, em virtude disto, foram alfabetizados naquele país. Com o retorno de seus pais para o Brasil estes alunos se depararam com uma nova realidade nas escolas brasileiras, isso porque apesar de sua língua materna ser o português, a língua da alfabetização é a língua espanhola e os conteúdos lá aprendidos como história e geografia se referiam aquele país.

Alguns professores consideram a educação do Paraguai mais rígida que a do Brasil porque os alunos vindos de lá, segundo eles, são mais quietos, só se manifestam diante da solicitação do professor, já para outros professores isso é sinal de um aluno fraco e não compreendem o contexto de migração e alfabetização destes, simplesmente taxando-os de “burros”, “fracos” ou “desinteressados” por não saberem nada sobre o Brasil e pela dificuldade com a Língua Portuguesa na escrita, muitas vezes influenciada pelo conhecimento da língua de alfabetização ocorrendo a interferência linguística.

Por ter sido alfabetizado em espanhol, transfere os conhecimentos adquiridos sobre essa língua para o português [...] a avaliação que se faz da escrita desse aluno geralmente é negativa. O problema maior, no entanto, é que esse julgamento muitas vezes acaba sendo correlacionado ao seu desenvolvimento cognitivo, o que pode reforçar o preconceito e o estereótipo de aluno incapaz. (SANTOS, 2004, p. 198).

Além do preconceito dos professores alguns estudos mostram que estes alunos vivenciam situações de estigma por parte dos colegas que atribuem a estes estudantes os mesmos estigmas relacionados aos paraguaios como, por exemplo, preguiçoso, sujo, burro. (SANTOS, 2004; DALINGHAUS, 2009).

Surgiu então, o interesse em verificar a ocorrência de conflitos nas escolas do Paraguai, com grande concentração de brasileiros e seus descendentes. A pergunta inicial era se os descendentes também sofriam algum tipo de preconceito no ambiente escolar no Paraguai, tanto por parte dos

professores como dos colegas de classe, motivados por diferenças culturais e linguísticas. Portanto, constitui-se como um dos objetivos, analisar as situações de integração e conflito entre estes dois grupos (filhos de brasileiros e filhos de paraguaios), no ambiente escolar.

Moita Lopes (2002, p. 197) explica que, com relação às práticas discursivas em sala de aula, os alunos “estão posicionados de forma diferente no exercício do poder”. Assim, por meio da interação desses alunos e dos significados construídos é possível “entender como os alunos vêem esse contexto, a si mesmos e os outros nas práticas sociais desenvolvidas ali”.

O autor mostra que a escola tem um papel fundamental para a vida social do aluno, pois é nela que se aprende a construir significados que possibilitam participar do mundo social fora das paredes da escola, além de considerar que,

a) a escola é o primeiro espaço social do qual a criança participa em seu contato com o mundo fora de casa; b) o tempo que os indivíduos passam na escola é considerável; c) o papel de autoridade no gerenciamento dos significados construídos nesse contexto é desempenhado pelo professor; e (MOITA LOPES, 2002, p. 200).

Para este estudo, foi escolhida a cidade paraguaia de Santa Rita, colonizada por agricultores oriundos do sul do Brasil e localizada a 70 km da fronteira, no Departamento de Alto Paraná.

Existem poucos dados e pesquisas sobre os brasileiros e seus descendentes, do lado de lá da fronteira, principalmente no contexto escolar, enquanto que no Brasil várias pesquisas já foram realizadas. Albuquerque (2012) aponta para a importância da presença de brasileiros pesquisando o Paraguai e paraguaios pesquisando o Brasil, para o autor, as diferentes visões seriam um fator enriquecedor para as pesquisas.

As entrevistas ocorreram em uma escola considerada subvencional, em que a educação infantil é de responsabilidade do governo e o Ensino Médio é privado. Apesar de o Ensino Médio ser privado, as mensalidades cobradas são acessíveis, pois não chegam a um terço do valor cobrado em outras escolas particulares da cidade, isso porque, a escola é coordenada pelas Irmãs da

Caridade de São Vicente de Paula e, por isso, possuem um objetivo de formação cristã, ao contrário do ensino privado que visa o lucro.

A presente pesquisa tem como recorte o ambiente escolar, no entanto, as entrevistas e observações se estenderam para fora da escola uma vez que este ambiente é de certa forma, controlado pelos professores e, também, porque se observou que a interação entre os dois grupos estudados já se desfazia na hora do intervalo. A partir disso buscou-se saber se esses dois grupos interagem e continuam suas amizades além das paredes da escola.

Foram feitas observações e entrevistas nas três turmas do Ensino Médio, 1º, 2º e 3º ano, totalizando 75 alunos, três professores também foram entrevistados. Alguns alunos e pais foram entrevistados em casa, no comércio ou outros locais por onde circulam, sendo que as entrevistas e conversas informais fora da escola foram as mais reveladoras.

Conversamos também com vários moradores da cidade, alguns colonos, comerciantes, professores, funcionários da escola e com a família que me acolheu durante a realização da pesquisa. Vale ressaltar que, assim como Maria e Joaquim, casal que me acolheu, todos os entrevistados e a escola em que a pesquisa esta ocorrendo receberam nomes fictícios.

No primeiro capítulo são expostos os dados obtidos durante as observações realizadas logo no início da pesquisa, ao chegar na cidade. As peculiaridades da cidade e as diferenças entre os brasileiros e seus descendentes com relação aos paraguaios, observadas no convívio social destes. Em seguida são expostos os dados históricos sobre a formação da cidade (relato dos primeiros colonos) e a imigração de brasileiros para o Paraguai dando enfoque ao Departamento de Alto Paraná e a cidade de Santa Rita, com base nos dados do Censo Demográfico analisado por autores brasileiros e paraguaios, permitindo, assim, além da análise quantitativa, a visão específica de um autor brasileiro e um autor paraguaio sobre este fenômeno, revelando visões diferentes para um mesmo fenômeno com base na cultura e na ideologia em que se está inserido. Para tanto, utiliza-se como aporte teórico os estudos de Laino (1979), Menegotto (2004), Albuquerque (2010), dentre outros.

Posteriormente, serão expostas as pesquisas já realizadas no ambiente escolar, que visam verificar os conflitos vivenciados por alunos nas escolas de

fronteira, sendo que estas pesquisas foram realizadas do lado brasileiro da fronteira, não sendo encontrada nenhuma pesquisa neste sentido realizada nas escolas paraguaias. Após esta exposição trataremos do caso de Santa Rita, como era a primeira escola, os conflitos vivenciados pelos primeiros alunos, e os conflitos relatados pelos alunos da atual escola pesquisada. Para finalizar, uma breve exposição dos métodos e técnicas metodológicas, utilizados nesta investigação.

No segundo capítulo será exposto a teoria de Barth (1998) sobre a manutenção da fronteira étnica e as teorias de Goffman (1988) e Bacila (2008) sobre o estigma, que no caso desta pesquisa, é o que mantém esta fronteira. Em seguida serão descritos por tópicos os estigmas encontrados no ambiente social, a começar pela diferença identitária entre os dois grupos (SILVA, T. T., 2009), a influência da mídia na formação e manutenção dos estigmas e estereótipos (ALBUQUERQUE, 2010 e MOITA LOPES, 2003), os estigmas relacionados à higiene, ao trabalho, o estereótipo do nordestino e do índio, os estigmas oriundos do período pós-guerra, dentre outros.

O terceiro capítulo é especificamente sobre os conflitos linguísticos, a começar pela definição de bilinguismo adotada para este estudo, a história do bilinguismo paraguaio (espanhol/guarani) e o preconceito relacionado a Língua Guarani existente entre os próprios paraguaios. Também é abordado o bilinguismo dos descendentes e os estigmas que um grupo atribui ao outro devido as diferenças linguísticas.

CAPÍTULO I: CARACTERIZANDO O AMBIENTE DE PESQUISA: A CIDADE, A ESCOLA E A CONVIVÊNCIA ENTRE OS ALUNOS FILHOS DE BRASILEIROS E FILHOS DE PARAGUAIOS

Neste primeiro capítulo expor-se-á as primeiras observações sobre a cidade de Santa Rita e seus moradores, o contato com as escolas para realização da pesquisa e as primeiras observações no ambiente escolar, possibilitando assim, verificar como é a convivência entre os dois grupos estudados, os filhos de brasileiros e os filhos de paraguaios. Vale ressaltar que a maioria destes alunos é paraguaia, já que nasceu no Paraguai, no entanto, far-se-á tal distinção, pois existem diferenças nas práticas culturais entre filhos de brasileiros e filhos de paraguaios.

Em seguida será feito um breve histórico sobre a formação da cidade e das primeiras escolas, o resgate deste contexto histórico permite verificar a presença não só da cultura brasileira, mas a presença marcante da cultura regional gaúcha e sua influência na formação da cidade e integração de brasileiros e paraguaios.

Para este primeiro momento da pesquisa, foram utilizadas as descrições das observações do cotidiano da cidade, comércio, escola, exposição agropecuária, conversas informais e entrevistas com os primeiros moradores da cidade. Também foram utilizados os estudos de Laino (1979) e Menegotto (2004) que apresentam alguns dados históricos sobre a migração de brasileiros para o Paraguai.

Em seguida são apresentados dados sobre os conflitos culturais em escolas de fronteiras, mais especificamente as escolas do lado brasileiro, que instigaram a realização dessa pesquisa em uma escola paraguaia, uma vez que, não se encontrou pesquisas e bibliografias sobre este tipo de investigação no Paraguai. Já do lado brasileiro tem-se as pesquisas de Dalinghaus (2009), Santos (2004), Pereira (2011), dentre outros.

Para finalizar serão expostos os procedimentos metodológicos utilizados, e como estes procedimentos contribuíram especificamente para esta pesquisa. Dentre eles destaca-se o estudo de caso como delineamento, a pesquisa de campo etnográfica e como técnica de coleta de dados a observação participante e as entrevistas.

1.1 CAMINHANDO POR SANTA RITA

Santa Rita é uma cidade paraguaia que está localizada a 70 km da fronteira com o Brasil, fundada em 1973 por Osvino Schineider e colonizada por imigrantes brasileiros provenientes do Sul do Brasil possui, atualmente, uma população de aproximadamente 33 mil habitantes, destes acredita-se que cerca de 60% são brasileiros, dentre os outros 40% estão os paraguaios e filhos dos brasileiros nascidos no Paraguai e que possuem toda a sua documentação no país¹.

O primeiro contato com a cidade de Santa Rita ocorreu no mês de fevereiro de 2013, com o intuito de conhecer as escolas, uma vez que as aulas começam neste período e o ambiente escolhido para a pesquisa é a escola.

Fui acolhida por uma família de brasileiros que vieram para o Paraguai, ainda jovens com seus pais. Atualmente, além de possuírem terras e outros imóveis, são donos de um dos maiores supermercados da cidade, empregando vários adolescentes, tanto filhos de paraguaios como de brasileiros e o contato com esses jovens foi muito relevante para a investigação. A família forneceu várias informações relevantes para a pesquisa, além de auxiliar na busca por contatos. Para garantir o anonimato dos participantes, o nome dos entrevistados, bem como da escola em que a pesquisa foi realizada, serão fictícios, assim como o da família acolhedora: Maria e Joaquim.

No cotidiano da cidade é possível perceber as emissoras de rádio tocando uma mistura de músicas em Língua Espanhola, Inglesa e Portuguesa, esta última principalmente os gêneros: sertanejo e sertanejo universitário, ouvidos entre os jovens que atravessam a fronteira até a cidade de Foz do Iguaçu em busca de bares e baladas sertanejas, presenciou-se, em alguns momentos, os próprios paraguaios ouvindo música sertaneja. Existe no país a obrigatoriedade com relação a programas transmitidos totalmente em guarani,

¹ Foi exposto apenas uma estimativa do número de habitantes de acordo com o informado pelo Secretário Geral da cidade, uma vez que a apresentação dos dados do Censo Demográfico de 2012 ainda não estão totalmente disponíveis, apresentando apenas as informações por Departamento e não por cidade. Mais detalhes sobre a história da cidade estão descritos no subitem 1.4 deste capítulo.

na cidade isso ocorre durante a madrugada para não perder a audiência dos brasileiros que não falam a língua e o patrocínio dos comerciantes que são majoritariamente brasileiros.

Laino (1979) já falava na década de 1970 sobre um processo de “brasilização” do espaço territorial paraguaio, próximo a fronteira com o Brasil. O autor explica que, nesta época, já havia a preocupação com a penetração cultural brasileira por meio do rádio e da televisão. Devido à qualidade da transmissão, a programação da TV brasileira já alcançava o território paraguaio, ganhando cada vez mais adeptos.

De acordo com brasileiros que vivem em Santa Rita, os paraguaios não só ouvem a música brasileira, como também, assistem às novelas. Para esses brasileiros, o que atrai os paraguaios, além da qualidade da imagem, são as histórias das novelas caracterizadas por eles como sendo mais modernas, abordando assuntos atuais como, por exemplo, o tráfico de pessoas².

Muitos paraguaios confirmam que a imagem e os temas diferenciados são atrativos, mas alguns dizem que só assistem a TV brasileira porque alguns seriados americanos não passam na TV paraguaia e afirmam que se não fosse por isso, não assistiriam.

No escritório da igreja católica a influência brasileira é nítida, a secretária é filha de brasileiros e atende as pessoas ora em português, ora em espanhol, até alguns padres vieram do Brasil. Os “santinhos”³ apresentavam as orações em espanhol, mas os informativos sobre casamento, batismo e demais cursos estavam em português. Já as missas ocorrem na Língua Espanhola e não há problemas de interpretação, assim, brasileiros e paraguaios cantam e rezam em espanhol, vale ressaltar que a missa é um momento de pouca interação, portanto, neste primeiro contato com a cidade e seus habitantes, os únicos lugares em que se falava em espanhol eram a prefeitura e os bancos.

Encontrou-se também um bar de torcedores do Grêmio, time brasileiro do Rio Grande do Sul, em uma visita ao bar em dia de jogo obteve-se algumas informações em conversas informais. Os frequentadores do bar informaram que realizam constantes viagens para o Rio Grande do Sul, para visitar parentes e assistir aos jogos do Grêmio no estádio.

² Tema abordado pela novela “Salve Jorge” no ano de 2013.

³ Folheto pequeno contendo a imagem na frente e uma oração no verso.



Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=14539&language=0>

Canclini (2007) explica que a comunicação dos imigrantes com seu local de origem tem sido facilitada devido a globalização, o que antes ocorria por meio de cartas que demoravam semanas para chegar, hoje ocorre instantaneamente.

Os imigrantes atuais têm mais possibilidades de manter uma comunicação fluída com o local de origem [...]. Os meios audiovisuais, o correio eletrônico e as redes familiares ou de amigos tornaram incessantes os contatos intercontinentais que no passado levavam semanas ou meses. [...] A interculturalidade hoje se produz mais por meio de comunicações midiáticas que por movimentos migratórios. (CANCLINI, 2007, p. 73-74).

O contato com o local de origem, neste caso, também é facilitado devido à proximidade dos dois países e a facilidade de transição, já que o único documento exigido é a carteira de identidade⁴.

É possível encontrar no site do time o registro de uma dessas visitas em que os torcedores de Santa Rita visitam o novo estádio. O que chamou a atenção foi o fato de um paraguaio estar a frente da direção do bar e ter se tornado torcedor do Grêmio, já a decoração do bar é feita pela bandeira do

⁴ O Mercosul tem como objetivo criar um mercado comum de livre circulação de bens e promover a integração entre os países participantes, por isso em 2008 foi instituído como documento para a circulação entre os países o documento de identidade. Disponível em: <http://www.mercosul.gov.br>

Paraguai, do Grêmio e do estado do Rio Grande do Sul. Depreende-se, portanto, que o futebol se tornou um dos meios para a manutenção da cultura gaúcha.

No comércio observou-se fachadas nas duas línguas, até as propagandas feitas com carros de som que passeiam pela cidade ocorre ora em espanhol, ora em português. Ao entrar em uma casa de câmbio uma frase na parede dizia “Sejam bem vindos” e uma Bíblia em português sobre uma mesinha ao lado das cadeiras para espera dos clientes, além disso, todos os funcionários atendiam em Língua Portuguesa.

Os comerciantes de nacionalidade ou descendência brasileira explicam que os brasileiros preferem frequentar o comércio de pessoas da mesma nacionalidade, segundo eles o que atrai o cliente não são as promoções, mas sim a qualidade do atendimento. Além disso, por ser uma cidade pequena, muitas pessoas se conhecem, assim, o que vale é a amizade e o “boca a boca”, já que muitas informações circulam entre os indivíduos de mesma nacionalidade.

Os brasileiros gostam de ser bem atendido de ter atenção, gostam que você ligue quando chega um produto, eu trato meus clientes como meus amigos e muitos são meus amigos realmente. Por isso muitos paraguaios que têm comércio estão contratando empregados brasileiros como uma forma de chamar clientes, porque os funcionários convidam outros brasileiros pra irem lá comprar (Comerciante brasileira, 05/04/2013).

Outra diferença cultural também faz com que os grupos se dividam no comércio. O que ocorre é que os mercados de paraguaios vendem muitos produtos a granel, diferentemente dos brasileiros que compram os produtos já embalados. Muitos paraguaios vivem da agricultura de subsistência, plantam pequenas quantidades de frutas, verduras e ervas e levam para vender na cidade, como conseguem o dinheiro aos poucos também fazem suas compras dessa forma.

Ao permanecer um pequeno espaço de tempo diante de um mercado de donos paraguaios é possível observar as pessoas saindo com sacolas que contém um pouco de macarrão, um pouco de carne e dois ou três ovos. Eles

compram somente o que não produzem, e em quantidade para dois, três dias apenas. Já os brasileiros fazem o “rancho”, forma popular de dizer uma compra grande, que dure o mês. Muitos brasileiros donos de mercado, para atender as duas clientelas, disponibilizam em seus estabelecimentos os produtos exportados do Brasil, Argentina e até do Chile, e os produtos nacionais a granel.

Além disso, o produto nacional paraguaio é visto como sendo de baixa qualidade pelos brasileiros e até por alguns paraguaios. Uma paraguaia explica que o produto nacional agrícola é mais feio em relação ao que vem da Argentina,

O que vem da Argentina tem uma apresentação melhor e isso atrai mais, depende da apresentação do produto, os produtos paraguaios não podem melhorar a apresentação por causa do gasto, eles já gastam no plantio e, às vezes, nem dá muita coisa, se for pra gastar mais com a apresentação não dá lucro. (paraguaia, 18/10/2013).

Ela explica que os paraguaios tem propriedades menores e menos poder aquisitivo para investir, além disso, não utilizam agrotóxicos e não tem mecanismos para lidar com os períodos de seca.

Outro comerciante brasileiro conta que uma rede de mercado, muito famoso em Ciudad del Este, abriu uma loja em Santa Rita e só vendia produtos nacionais. Ele explica que alguns produtos como o café, por exemplo, só eram disponibilizados uma ou duas opções de marca e alguns como a erva-mate para o chimarrão não tinha. Em uma cidade em que os brasileiros são maioria não só numericamente, mas economicamente, era de se esperar que não durasse muito.

Joaquim esperava que o famoso mercado fechasse as portas em um ano e até preparou promoções e reduções de preços no seu mercado devido à concorrência, no entanto, o estabelecimento recém inaugurado na cidade fechou em dois meses. Ele explica que os próprios paraguaios estão preferindo os produtos brasileiros apesar de o sistema de compra ser diferente. *“Eles não compram um pacote de macarrão, ou de alho, eles compram 100g de macarrão, uma cabeça de alho. Tive que mandar regular minha balança porque*

ela só pesava acima de 100g e às vezes eles compram menos". (Joaquim, 14/02/2013).

Muitos paraguaios reclamam que Santa Rita é a cidade mais cara do país, com um custo de vida muito alto, isso ocorre porque, como muitos produtos são importados o custo com transporte e imposto para regularização é repassado para o consumidor, tornando o produto mais caro.

Uma exposição agropecuária também movimentou o comércio da cidade todos os anos, é a Expo Santa Rita que ocorreu em maio de 2013. Pode-se observar um pouco de como é a convivência entre as culturas paraguaia e brasileira, mais especificamente a cultura regional gaúcha.

A 21ª edição da Expo teve como slogan "*El Universo del Agronegocio*". O evento é realizado pelo Centro de Tradições Gaúchas, o CTG Índio José, que tem como objetivo divulgar a tradição da cultura gaúcha difundida no Rio Grande do Sul e trazida para a cidade pelos primeiros colonos. De acordo com o diretor do CTG, Luis Carlos Ribeiro, esta cultura influenciou a comunidade devido à origem dos pioneiros e colonos da cidade, Ribeiro explica que o CTG foi criado para mostrar as raízes dos colonos e manter esses costumes.

Muitos dados históricos foram encontrados em uma revista distribuída especialmente para a Expo nos comércios e no próprio evento, intitulada "*Santa Rita: La comunidad y su Expo, reseña de una ciudad*". Organizada por uma empresa de marketing, cujos donos são paraguaios e, escrita totalmente em espanhol, a revista apresenta matérias extensas sobre a história da cidade e entrevistas com os principais pioneiros que, além de serem donos de grandes quantidades de terras possuem grandes indústrias na região.

De acordo com o redator da revista, Bruno Jara, a Expo foi criada como uma forma da comunidade ser vista pelo restante do país e hoje é referência não só no Paraguai, mas também a nível internacional. Alguns dos entrevistados para esta pesquisa informaram que esta é a segunda maior exposição do país, perdendo apenas para a de Assunção, informação confirmada no site da Expo⁵.

⁵ <http://www.exposantarita.com.py/>

Ao caminhar pelo local do evento foi possível observar o predomínio das línguas portuguesa e alemã. A presença dos menonitas⁶ se destacava entre os visitantes pelas vestimentas e pela língua, Laino (1979) explica que os menonitas ocupam as terras do Chaco paraguaio desde 1926, e destaca que os menonitas foram assim denominados devido a sua religião, não se tratando apenas de alemães:

También, bajo la denominación genérica de “menonitas” en alusión a su religión, inmigrantes provenientes de Federación de Rusia, Alemania, Canadá, Estados Unidos de América y México, se instalaron desde 1926 en el Chaco paraguayo y se expandieron posteriormente al centro y norte de la región oriental, impulsando de manera particularmente exitosa la agricultura y la producción ganadera, creando cuencas lecheras de alto impacto en la economía nacional actual. (EXPO SANTA RITA, 2012, p. 11/12)

Rivas e Arias (2014) explicam que os menonitas ganharam as terras de Don Carlos Antonio López, pai de Francisco Solano López, que se tornou presidente em 1844.

Já os paraguaios se concentravam nas lojas de roupas e acessórios como vendedores, no setor de alimentação, segurança e nos serviços mais pesados. Os brasileiros eram a maioria entre os visitantes, até no parque de diversões os atendentes eram brasileiros, o que leva a crer que é um parque vindo do Brasil. Já os expositores eram de todas as regiões inclusive de outros países como, por exemplo, Brasil e Argentina.

As apresentações da dança tradicional gaúcha dividem espaço com as apresentações de artistas brasileiros, paraguaios e argentinos, reunindo a população da cidade e atendendo a todos os gostos.

⁶ Devido a falta de literatura sobre o assunto não obteve-se maiores informações sobre a presença dos menonitas no Paraguay.



No primeiro dia de visita ao evento Maria me acompanhou para apresentar o local. Uma de suas sugestões foi com relação a um lugar em que poderíamos fazer alguma refeição, já que a comida era “limpa”, os demais ela informou não conhecer. Ao chegar no local indicado, observou-se que os atendentes eram brasileiros e o preço era o dobro dos demais locais em que a comida era feita por paraguaios.

A música ambiente neste primeiro dia de visita era Música Popular Brasileira, alguns lugares tinham som próprio e nestes, predominavam as músicas brasileiras, principalmente do cantor Michel Teló, inclusive em lojas de paraguaios. O único momento em que tive que falar em espanhol foi quando entrei no estande da Artemac, empresa que fez a revista distribuída na Expo. Buscava o material que serviu de apoio para a matéria sobre a história da cidade e me surpreendi por serem estes os únicos expositores paraguaios que encontrei e que não falavam português, já que os atendentes dos outros estandes, por mais que fossem paraguaios falavam a Língua Portuguesa.

O CTG é considerado de grande importância para a manutenção da cultura gaúcha e também desempenha um papel de integração entre paraguaios e brasileiros. Ele surgiu em 1990, por meio de um grupo de colonos, que teve a ideia de fundar uma entidade com o intuito de manter a cultura gaúcha já que a maioria dos colonos eram oriundos do Rio Grande do Sul, assim, foi criado o CTI, Centro de Tradições Imigrantes “Cruzando

Fronteiras”, que após alguns meses se tornou no CTG, Centro de Tradições Gaúchas “Índio José”⁷.

A partir de então foi organizado o primeiro rodeio em 1991 que, segundo os fundadores, serviu de base para a primeira Expo Santa Rita, realizada no ano seguinte.



O evento que era realizado em um espaço de cinco hectares, conta, atualmente, com treze hectares, é o primeiro em número de negócios e o segundo em número de participantes, perdendo apenas para a Expo da capital Assunção.

Um dos fundadores explica que vivia em Santa Rosa e foi atraído pelo progresso que a cidade oferecia. Segundo ele, no Rio Grande do Sul havia várias atividades para as famílias ocuparem os fins de semana o que não havia no atual município. Trataram logo de criar o CTG e contratar um professor de dança. A participação da comunidade foi aumentando rapidamente assim como a evolução do grupo de dança que passou a ser convidado para realizar

⁷ O nome Índio José tem relação com a Padroeira do Paraguai, a virgem de Caacupé que foi entalhada em madeira por um índio chamado José após a sua aparição.

apresentações dentro e fora do Paraguai. Com os gastos crescendo, surgiu a ideia de realizar uma exposição para arrecadar fundos e, assim, manter o CTG.

“Para os brasileiros, especialmente para os gaúchos, era um orgulho ter um CTG no Paraguai representando sua cultura [...] desde o início tivemos muita credibilidade, porque na época trazer ao interior do país o presidente da república não era comum.” (EXPO SANTA RITA, José R. Picolotto, fundador, 2012, p. 26-27).

Con el transcurrir de los años, amalgamada con la tradición paraguaya, ambas culturas se encuentran presentes en cada acto que se realiza en la ciudad. Predominan las costumbres gaúchas, aquellas traídas y cultivadas por los colonos que llegaron del Estado de Rio Grande do Sul. Santa Rita es una de las ciudades de mayor crecimiento económico del país, impulsada, fundamentalmente, por la agricultura y la ganadería. (EXPO SANTA RITA, 2012, p. 18)

Um comerciante paraguaio que acompanhou a fundação do CTG explica que para ele era absurda a ideia de hipotecar a própria casa para conseguir construir o CTG. *“La verdad, era una idea descabellada. Imagínese, hipotecar la casa por la comunidad. Eso no cualquiera hace”*. Acreditando na integração entre imigrantes brasileiros e paraguaios, Benitez conta que, juntamente com um dos fundadores, visitava várias empresas, inclusive de Assunção, convidando para expor na feira. *“A algunas de las consideradas grandes les ofreciamos hasta pagarles el transporte para que traigan su mercaderia a la muestra”*.

Atualmente o CTG oferece um curso de dança gaúcha e atende aproximadamente 200 pessoas entre crianças e adultos. Aline, esposa do professor de dança, conta que o curso é gratuito e um ônibus pega as crianças em casa ou na saída da escola para levar para o curso. Estima-se que 20% dos alunos sejam paraguaios já que o curso é ofertado a todos sem distinção. *“Muitos paraguaios fazem curso com a gente há anos. Tem o caso de uma mulher que fez o curso quando era jovem e agora o filho dela também faz”*(Aline, brasileira, 17/10/2013).

Ela acredita que a procura dos paraguaios pelo curso seja a principio pela gratuidade,

mas depois eles acabam gostando, a gente é como uma família nos reunimos toda semana para o ensaio, muitas mães levam seus filhos porque no ônibus só cabem 25 pessoas, e ficam por lá conversando, tomando chimarrão, enquanto os filhos ensaiam. Muitas vezes viajamos para fazer apresentações em outras cidades e o único custo que os alunos têm é com o seu traje (Aline, brasileira, 17/10/2013).

Todo o custo do curso e das viagens vem do CTG, o que é arrecadado na Expo é utilizado para manter o parque de exposições, o CTG e o curso para a comunidade.

1.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA CIDADE DE SANTA RITA

A imigração de brasileiros para o Paraguai foi impulsionada por diversos acordos entre os dois países, uma vez que, o Paraguai sob o comando militar de Stroessner, tinha o objetivo de levar o país ao mercado internacional de exportação de grãos.

Dentre os principais acordos entre os governos do Brasil e do Paraguai que auxiliaram na definição da fronteira e que rendem discussões até os dias atuais, pode-se citar o convênio sobre o tráfego fronteiriço pelo Presidente Getulio Vargas em 1941; O acordo para a construção da Ponte da Amizade entre Juscelino Kubischek e Alfredo Stroessner em 1956; A inauguração da cidade de *Puerto Presidente Stroessner*, atual *Ciudad del Este*, também em 1956⁸ e a construção da *Ruta 7*, rodovia que liga a Capital Assunção a *Ciudad del Este* e ao Brasil; A inauguração da Ponte da Amizade em 1964 e o Tratado de Itaipu em 1973;

Com relação ao início da imigração de brasileiros para o Paraguai, Menegotto destaca a gradual extinção do minifúndio com a política de crédito

⁸ Vale ressaltar que Ciudad del Este foi construída especificamente para facilitar o tráfego entre os dois países e isso ocorreu antes da inauguração da Ponte da Amizade. Isso explica porque, mesmo sendo a primeira cidade em contato mais próximo com o Brasil, não apresenta, nos dados do Censo, a presença de brasileiros. Apesar de muitos trabalharem na cidade, residem no Brasil, além disso, a cidade não tem zona rural, apenas zona urbana. Já as demais cidades apresentam grande número de brasileiros, principalmente na zona rural.

que beneficiou os médios e grandes produtores. Assim, as novas técnicas e maquinários “exigiam maiores investimentos, tornando inviável a produção para os pequenos” (MENEGOTTO, 2004, p. 39), causando a migração para outros estados e até para o Paraguai.

Não significa que grandes produtores não tenham participado desta migração, mas explica porque grande parte dos agricultores, que atualmente são bem sucedidos, relata ter partido para o país vizinho em condições precárias e com o dinheiro da venda de poucas terras no Brasil. Esses relatos podem ser encontrados nas pesquisas de Menegotto (2004) e Albuquerque (2010).

Em 1963 foi criado o IBR, Instituto de Bem-estar Rural e, no mesmo ano, a Lei 854 que estabelece o Estatuto Agrário, definindo como seus beneficiários os “homens e mulheres, com 18 anos de idade ou mais, paraguaios ou estrangeiros, que se dediquem habitualmente aos labores agropecuários [...]”. Para Menegotto (2004, p. 41) “a legislação paraguaia não faz qualquer restrição aos estrangeiros. Pelo contrário coloca-os no mesmo patamar que os paraguaios [...]” e, ainda, com relação à distribuição de terras, destaca: “para isso o IBR e seus representantes aliavam-se a empresários brasileiros na tarefa de colonização”.

A começar pela ocupação territorial da faixa de fronteira do Paraguai, o autor explica que ocorreu de forma distinta que no Brasil, isso porque, o país vizinho não teve a presença dos posseiros e, quando a expansão da fronteira agrícola brasileira entrou no Paraguai, esse processo ocorreu com uma velocidade maior, uma vez que os brasileiros tiveram acesso às terras pela compra. Referente à reorganização do espaço paraguaio Menegotto (2004) esclarece que

as áreas de atração de estrangeiros, sejam rurais ou urbanas, definem uma regionalização ligada a processos de reorganização do espaço paraguaio, que foram definidos em políticas de desenvolvimento ocorridas a partir dos anos sessenta, mas que se alargaram nos anos setenta. (MENEGOTTO, 2004, p. 45).

Com relação às cidades de Santa Rita e Santa Rosa, dois empresários brasileiros adquiriram grandes extensões de terra, onde hoje se situam essas cidades, por um preço muito baixo. As terras foram adquiridas de pessoas que intermediavam a aquisição junto ao IBR. Foram esses empresários que trataram de atrair outros brasileiros para a região e redistribuir a terra.

Segundo Fogel (1989) os dois grandes empresários brasileiros que compraram as terras do IBR por um preço muito baixo, onde atualmente se situam as cidades de Santa Rita e Santa Rosa são, Adelino Vittorelli e João Muxfeld.

Um agricultor entrevistado por Menegotto, disse ter comprado terras de Vittorelli em 1972, foi recebido por ele em uma barraca no meio do mato, as terras ainda não haviam sido mensuradas nem divididas, tão pouco havia estradas, mas a qualidade da terra e o tamanho da propriedade tornavam possíveis as possibilidades de enriquecimento.

Joaquim que hoje é dono de um dos maiores mercados da cidade, além de outros terrenos e terras na zona rural, informou que quando seus pais migraram para o Paraguai, viveram durante meses em um barraco de lona e o crescimento veio aos poucos, diz o comerciante. Sua família migrou no ano de 1976, o pai, a mãe e treze irmãos somando-se a eles alguns animais, moraram em baixo de uma lona por seis meses, até construírem uma casa.

Nóis tem tudo que agradece o nossos pais porque a coragem deles era muito grande, hoje se fosse pra nós faze isso aí acho que a gente não ia te coragem de enfrenta uma dificuldade tão grande. Na época tudo era mato. Pra vir de Ciudad del Este para Santa Rita na época demorava um dia, era tudo estrada de chão, era picadão que eles abriam pra tira madera. O primeiro comércio tinha que anda 40km a pé até Santa Rosa. (Joaquim, 14/02/2013).

1.2.1 A imigração vista por meio do Censo Demográfico

Laino (1979) analisa os dados do Censo de 1962 e 1972 mostrando a evolução da imigração brasileira no Paraguai e sua visão para a mesma. Sendo este autor paraguaio, fica expressa sua preocupação com relação à expansão brasileira sobre os limites fronteiriços de seu país.

O autor destaca os problemas com relação à veracidade dos dados, já que, os censos da época não eram atualizados, as informações eram, muitas vezes, contraditórias, havia a falta de funcionários e a falsificação de documentos.

No Departamento de Alto Paraná o acesso de imigrantes se dava exclusivamente pela Ponte da Amizade e eram registrados na Divisão de Imigrantes na Aduana. Neste contexto o acesso era mais controlado, mas em regiões de fronteira seca como, por exemplo, as cidades de Pedro Juan Caballero e Salto del Guairá, o controle não era eficaz.

Em um levantamento de dados feito pela Itaipu, o Departamento de Alto Paraná cresceu mais de 24 vezes em um período de dez anos.

Dep. Alto Paraná	1962	1972
Paraguaios	22.674	67.346
Brasileiros	720	18.658

Dados divulgados pela Itaipu

De acordo com o Censo os departamentos limítrofes com o Brasil, (na Região Ocidental: Alto Paraguai e na Região Oriental: Concepción, Amambay, Canendiyú e Alto Paraná) tinham uma população total de 285.190 habitantes, destes 34.387 eram estrangeiros sendo 30.653 brasileiros. Somente no Departamento de Alto Paraná, de 69.044 habitantes 7.130 eram brasileiros, sendo este departamento um dos que apresentavam maior densidade demográfica brasileira, perdendo apenas para Canendiyú e Amambay.

Departamentos	População Total 1972	Total de brasileiros
Canendiyú	27.825	12.028
Amambay	65.111	10.027
Alto Paraná	69.044	7.130

Dados divulgados pelo Censo

Nota-se que os dados divulgados pelo Censo e pela Itaipu para o mesmo departamento e mesmo período não estão de acordo. No Departamento de Alto Paraná em 1972 apresenta pelo Censo 7.130 brasileiros

e pela Itaipu 18.658. Como os dados oficiais são imprecisos, o autor buscou outras fontes que forneciam dados mais reais, com base em reportagens e estudos de brasileiros e paraguaios e, também, nos dados das próprias agências colonizadoras e chegou à seguinte conclusão: a imigração brasileira iniciou por volta de 1965 e, de 1968 a 1973 cerca de 56.000 brasileiros migraram, sendo 1973 o ano de maior fluxo.

Estes dados demonstram o importante contingente de brasileiros estabelecidos na fronteira nacional, mas não estão refletindo toda a realidade. Esta é uma estatística oficial e sabe-se que existe uma porcentagem considerável de pessoas que ingressam “sem registro” no país; portanto, não são computados pelos órgãos estatais. (LAINO, 1979, p. 67).

Em 1975 cerca de 50.000 brasileiros já se encontravam no Alto Paraná e Santa Rita já aparecia como uma das colônias com maior concentração de brasileiros. A porcentagem de brasileiros nestas colônias era de 90% a 100%. Em Santa Rosa, por exemplo, em 1977, dos 12.000 habitantes os paraguaios representavam menos de 1%.

O autor destaca que, devido ao fato de os brasileiros serem maioria na região de fronteira a política do país foi afetada e cita como exemplo as eleições municipais em Salto del Guairá que resultou em mais de 97% para os partidários de Stroessner, uma vez que estes iriam defender melhor os interesses dos brasileiros.

Nota-se que a migração de brasileiros alterou a visão do mapa político do Paraguai, modificou a rigidez dos seus limites políticos e redefiniu a sua representação nacional. Regiões que há trinta anos apresentavam baixa densidade demográfica, hoje possuem fortes núcleos de povoamento. Novas formas culturais, políticas e sociais foram postas em movimento, tanto no sentido histórico, como espacial. (FIORENTIN, 2010, p. 73).

O preço das terras também foi elevado o que, segundo o autor, não representou um problema para os brasileiros já que estes tinham um capital maior, no entanto, dificultou o acesso aos agricultores paraguaios que

passaram a vender sua força de trabalho para os brasileiros recebendo em troca salários muito baixos.

Os altos preços tornam proibitivo ao produtor paraguaio o acesso à propriedade da terra; os altos preços estimulam os proprietários paraguaios – pequenos e médios – a vender o que possuem aos brasileiros. De fato se acelera a desnacionalização. (LAINO, 1979, p. 241)

O autor critica ainda que “nem os lucros em divisas de produção de fronteira são assimilados pelo sistema econômico paraguaio” (LAINO, 1979, p. 243) e a madeira era contrabandeada para o Brasil com a cumplicidade de funcionários paraguaios e autoridades da região. Além da madeira, gado e produtos agrícolas eram alvos de contrabando, segundo o autor, sempre com o auxílio do governo. Para Menegotto (2004) os governos dos dois países não se esforçaram pra conter a migração nem o contrabando.

Menegotto (2004) analisa a migração com base no censo de 1972 a 1992, para o autor a densidade demográfica no Brasil juntamente com as políticas agrárias e a facilidade de se atravessar a fronteira foram os principais fatores que contribuíram para a migração.

O pesquisador explica que a região de fronteira com o Paraguai apresentava uma alta densidade demográfica e alto valor da terra, ao contrário do país vizinho que apresentava baixa densidade demográfica e baixo valor da terra. O Departamento de Alto Paraná apresentou o aumento mais significativo neste período, passando de 6,9 hab/km² para 27,2 hab/km².

O autor também cita a imprecisão dos dados uma vez que na década de 1980 muitos brasileiros retornaram, sendo assim, não há como precisar os dados de ida, tampouco os de volta.

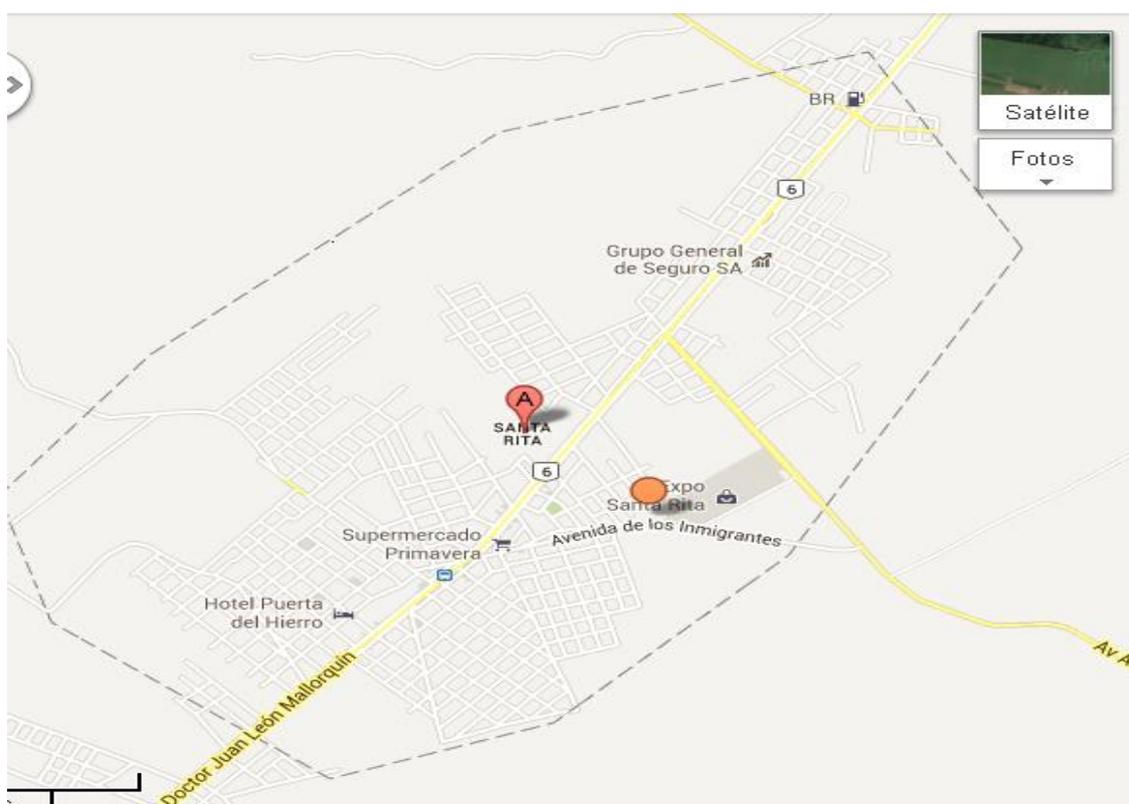
Uma pesquisa mostra que as imigrações passaram de 223.160 pessoas em 1972 para 1.221.101 pessoas em 1992. Já os dados do Censo apontam para:

	1972	1992
Total de imigrantes	48.168	187.233
Total brasileiros no PY		108.526
Total brasileiros no Alto Paraná		53.205

Zona rural		42.442
Zona urbana		10.763

No Departamento de Alto Paraná os brasileiros se localizam em maior quantidade nas áreas rurais. Já em Santa Rita o percentual de brasileiros na zona rural chega a 51,3% e na área urbana 60,8%.

Santa Rosa foi colonizada antes de Santa Rita e recebeu este nome em homenagem a cidade do Rio Grande do Sul que leva o mesmo nome. Santa Rita só cresceu após a construção da *Ruta 6*, rodovia que liga *Ciudad del Este* a *Encarnación* em 1986 e, com este crescimento e devido as facilidades que a rodovia proporciona, muitos brasileiros que já viviam em Santa Rosa mudaram para Santa Rita. Atualmente esta rodovia passa no meio da cidade, mas os primeiros moradores se encontravam em um lugar mais afastado e a rodovia atraiu as pessoas fazendo com que a cidade se formasse em volta desta.



Disponível em: maps.google.com.br. Acesso em: 20/04/13

No início da década de 1980 as principais colônias brasileiras no Paraguai já estavam estabelecidas e, assim, o departamento de Alto Paraná tornou-se um dos principais exportadores do país.

Menegotto (2004, p. 43) explica que, para que esse processo ocorresse muitos nativos foram expulsos, mas, para ele a expulsão foi positiva já que possibilitou o processo de urbanização.

A entrada de brasileiros em território paraguaio coincide com um movimento de expulsão dos camponeses que se deslocam para as áreas urbanas, pois estes não têm condições de adquirir terras, sendo, então, um elemento importante no processo de urbanização.

Para Stroessner o Paraguai precisava do colono brasileiro, já que este tinha mais conhecimento com a lavoura e traria a mecanização para o país e, também, apresentava uma característica que impulsionaria o país para o desenvolvimento da agricultura, o desbravar da terra. De acordo com um religioso, que realizava trabalhos sociais com os colonos brasileiros e paraguaios, os paraguaios, ao contrário dos brasileiros, eram considerados “indolentes para o pesado serviço de derrubar mato”, e foram expulsos das terras que ocupavam. O religioso esclarece, ainda, que “a retirada foi facilitada porque eles não têm o mesmo sentimento de posse em relação à terra que o colono brasileiro tem. Eles simplesmente chegam e ocupam o solo. Isto faz parte da sua cultura.” (WAGNER, 1990, p. 14-15). Após a expulsão do colono paraguaio, as grandes colonizadoras brasileiras e de alguns outros países se encarregaram da colonização no lado Leste do Paraguai, conforme previa a estratégia planejada pelos governantes.

Em muitos casos não são os agentes individuais, mas sim as organizações e instituições, que decidem, de facto, os mapas migratórios. Embora a decisão individual seja, em última instância, decisiva, é a multilocalização das organizações e as suas estratégias de colocação de pessoal - ou, noutra perspectiva, mecanismos “macro-sociológicos” - que revelam as principais dinâmicas de mobilidade (PEIXOTO, 2004, p. 22).

Sendo assim, a migração dos colonos do Sul do Brasil para o Oeste paranaense e, em seguida, para o Leste paraguaio não se deu pelo mero acaso, mas sim por políticas públicas que visavam a colonização destas regiões e pelas companhias colonizadoras que levavam os colonos.

1.3 O AMBIENTE ESCOLAR

Chegando na cidade informei-me de que há 45 escolas pertencentes ao município, destas apenas sete estão na área urbana as demais estão divididas entre as colônias que pertencem ao município. Estas escolas se dividem em pública, particular e subvencional, este último é o nome dado as escolas que oferecem parte do ensino público, recebendo verbas do governo e parte do ensino particular, cobrando taxas mensais dos pais dos alunos. Existem também seis Faculdades particulares e duas Universidades Nacionais

Optei por realizar a pesquisa em uma escola pública já que a quantidade de filhos de paraguaios é maior devido à condição econômica destes, informação obtida por meio de entrevista com o Secretário Geral da cidade e com a família que me acolheu, e a hipótese era de que, ao se ter uma quantidade maior ou igual de filhos de paraguaios com relação aos filhos de brasileiros, os conflitos neste ambiente seriam mais nítidos.

Nas escolas particulares o número de filhos de brasileiros chega a 90% ou até mais, pois estes possuem maior poder aquisitivo, já os paraguaios por terem menor poder aquisitivo concentram-se mais nas escolas públicas. No entanto, na primeira viagem não consegui conversar com os diretores das escolas públicas, pois as aulas só iniciariam em março.

Ao retornar e conversar com a direção de uma das escolas públicas obtive uma resposta negativa, na segunda escola apesar da resistência houve uma abertura maior para a conversa, no entanto a responsável pelo Ensino Médio fez uma série de exigências, além de não permitir a observação em sala de aula. Eles alegam que não existe este tipo de pesquisa no Paraguai e ficaram bastante desconfiados, mas informaram que o principal problema enfrentado pelos professores é com relação à língua materna de alguns alunos. Segundo eles, o descendente de brasileiros não demonstram interesse em aprender as línguas oficiais do país, o Guaraní e o Espanhol.

Na segunda escola pública a coordenadora iria conversar com a professora da disciplina de Sociologia e Psicologia e solicitar a autorização dela para que as entrevistas com os alunos fossem feitas durante a sua aula, passei então a depender da autorização da professora. Comecei então a procurar outra escola caso não fosse possível realizar a pesquisa nesta, no entanto, restaram apenas as escolas particulares e subvencionais.

Conversei então com uma funcionária do mercado, aluna de uma escola subvencional, que me relatou vários conflitos que ocorreram em sua sala de aula, justamente devido ao choque entre as culturas. A filha mais velha do casal que me acolheu, estudou todo o período escolar neste colégio e foi comigo para fazer este primeiro contato e, para minha surpresa, fui aceita no mesmo momento, acredito que ida dela comigo tenha influenciado na decisão da diretora. No entanto, a diretora solicitou-me que começasse somente após a Semana Santa⁹, ou seja, o período do feriado de páscoa, isso porque várias celebrações ocorrem durante essa semana e, por isso, não haveria aula.

Esta escola se caracteriza por ser subvencional, ou seja, somente o Ensino Médio é particular. Dirigida pelas Irmãs da Caridade de São Vicente de Paula a escola tem uma missão evangelizadora, que é possível verificar já no início da aula, que começa com todos os alunos reunidos no saguão para as orações.

Por ser regida por freiras vicentinas, a coordenação visa ajudar os mais necessitados, assim, cada pai contribui de acordo com suas possibilidades podendo variar de 20 mil guaranis (cerca de 10 reais) a 180 mil guaranis (cerca de 70 reais), deste modo, a escola recebe crianças e adolescentes de todas as classes sociais. De acordo com um professor, a maioria dos pais paraguaios é empregada, não têm empresa própria e muitos trabalham para os brasileiros.

No primeiro contato com os alunos observei as aulas de Língua Guarani e Matemática, no 2º ano do Ensino Médio. A distribuição dos alunos em sala se dá em mesas redondas com seis lugares cada. Este tipo de distribuição ocorre somente no 2º e 3º ano do Ensino Médio, as demais turmas possuem mesas individuais. De acordo com os professores, este formato em sala possibilita a interação entre os alunos, no entanto, observou-se que a falta de atenção

⁹ A Semana Santa foi instituída pela Igreja Católica em comemoração a morte e ressurreição de Jesus Cristo e com ela termina o tempo da quaresma no domingo de Páscoa.

devido à conversa aumenta e alguns alunos ficam de costas, tendo que se virar para poder visualizar o quadro e o professor.

Os alunos se dividem primeiro por gênero e depois por etnia apresentando uma mesa somente com meninas, uma mesa somente com meninos, uma mesa com filhos de brasileiros de ambos os sexos e uma com meninos filhos de paraguaios. Dos 22 alunos 12 são descendentes de brasileiros e em sala é possível ouvir as línguas portuguesa e espanhola constantemente, cada um interage na sua língua materna, sendo que os descendentes alternam entre português e espanhol. Em uma das mesas três descendentes e três paraguaias discutiam coisas do cotidiano em espanhol e em outra seis descendentes discutiam a grafia de uma palavra, em português.

Chamou-me a atenção o fato de a maioria dos alunos ter cabelos e olhos claros, nem no Brasil eu havia encontrado uma sala de aula com tantos alunos com as mesmas características, por um momento pensei estar no sul do Brasil e não no Paraguai. A cena se repete quando observamos as colunas sociais das revistas e jornais da cidade.



Eleição da miss Expo Santa Rita.¹⁰

Os professores afirmam que a única língua aceita em sala é o espanhol e que se o aluno se dirige ao professor em Língua Portuguesa este lhe pede que fale em espanhol, no entanto a realidade desta turma é contrária ao que

¹⁰ <http://www.exposantarita.com.py/>

afirmam os professores. Em um determinado momento da aula a professora dirigiu-se a uma aluna solicitando silêncio já que tinham uma visita na sala (referindo-se a mim) e a estudante respondeu em português *“mas profe se a gente não conversar o que vai adiantar pra ela?”* (aluna, 26/04/2013).

Quanto a Língua Guarani a professora informou que os alunos seguem a cartilha com dificuldade, somente uma aluna paraguaia sabe falar a língua, os demais acompanham a aula com dificuldade. De acordo com a professora os descendentes conseguem aprender aproximadamente 40% do conteúdo e apresentam muita dificuldade na escrita mesclando as duas línguas, não apresentam interesse e questionam para que serve e onde irão utilizar o guarani, para ela *“es una lucha, hasta los paraguayos están hablando en portugués”* (professora paraguaia, 26/04/2013).

A professora de Literatura explicou que no 1º e no 3º ano é obrigatório a leitura e apresentação de uma “novela” de autor paraguaio, no 2º ano a escolha do autor é livre. De acordo com a professora, os alunos preferem livros de autores ingleses e brasileiros como Paulo Coelho. Ela explica que eles leem muito, o que é muito bom, mas não autores paraguaios e quando isso é exigido percebe-se a dificuldade de interpretação por falta de conhecimento da Língua Espanhola.

Durante as aulas observou-se também o desinteresse dos alunos principalmente dos paraguaios, uma das alunas paraguaias sempre se direcionava a mesa somente de meninos paraguaios para auxiliá-los com os exercícios. Este tipo de situação, de ajuda, ocorre constantemente, mas entre alunos da mesma etnia, ou seja, a cumplicidade é maior somente entre paraguaios ou somente entre brasileiros do que entre paraguaios e brasileiros.

Na sala do 3º ano observei as aulas de Psicologia e Religião. A interação nesta turma é bem diferente da turma anterior porque nesta há apenas duas alunas descendentes, os outros 22 alunos são paraguaios, portanto, neste primeiro contato com esta turma a Língua Espanhola prevaleceu durante as conversas. A orientadora e também professora de matemática me apresentou para a turma como uma pesquisadora do Brasil que iria verificar o comportamento dos alunos e eu acrescentei que queria ver como era a interação entre eles quais línguas eles sabiam falar. Ao contrário do que

pensei, os alunos não se intimidaram como minha presença e alguns queriam mostrar que sabiam falar tanto o português como o espanhol.

A recepção foi ótima, muitos alunos vieram conversar comigo, fizeram perguntas e queriam me ajudar com informações e sempre me perguntavam o que eu estava achando do comportamento deles, se eram piores que os alunos do Brasil. Já na primeira turma não sei como fui apresentada, já que a coordenadora pediu para que eu aguardasse do lado de fora da sala. Nesta turma alguns alunos paraguaios falam o português perfeitamente, tanto que pensei a princípio que eles também eram filhos de brasileiros, mas creio que a minha presença influenciou, já que eles queriam mostrar que sabiam falar em português. Outros, apesar de não terem tanta fluência tentavam falar português comigo, mas há também alguns alunos mais conservadores que não aceitam a Língua Portuguesa nem a presença dos brasileiros em seu país.

Uma descendente relatou-me algumas discussões geradas por esses alunos em sala, que afirmam que os brasileiros deveriam voltar para o seu país e devolver as terras que pertencem ao seu povo. Outro momento de discussão é na escolha de obras literárias para apresentação, nome dos times de futebol e músicas nas gincanas, nestes momentos, apesar de os descendentes serem minoria, muitos admiram as músicas e o futebol brasileiro, gerando atrito entre os alunos.

Nesta turma as meninas sentam todas juntas em uma mesa retangular e os meninos em outras duas mesas. Vale ressaltar que as descendentes ficam uma ao lado da outra, mas interagem com as demais nas duas línguas.

Observou-se em vários momentos os alunos paraguaios utilizando algumas palavras ou até frases, gírias e palavrões na Língua Portuguesa em meio a conversas em Língua Espanhola como, por exemplo, “cara”; “fia da puta”; “bota aí”; e em alguns momentos como forma de chacota com os colegas descendentes como, por exemplo, ao imitar uma descendente tentando falar a vogal aberta “ali ó”¹¹ e ao brigar com outra “ta olhando o que?”.

Durante o recreio pode ser visto pequenos grupos somente de paraguaios e outros de descendentes, as meninas que trabalham no mercado se reúnem mesmo não sendo da mesma turma, ou seja, o fato de sentar ao

¹¹ Em espanhol não existe a pronuncia das vogais abertas (acentuadas), como, por exemplo, ó e é.

lado e interagir com um colega paraguaio em sala, não é motivo para permanecer com ele no recreio. Nota-se que também existem grupos mistos e que também há interação entre colegas de uma mesma sala, no entanto não é o que prevalece. Já o futebol une a todos e nas partidas durante os intervalos é possível ouvir gritos nas duas línguas.

Neste primeiro momento foi possível observar que os laços de amizade entre filhos de paraguaios e filhos de brasileiros, muitas vezes se “desfazem” já na hora do recreio, mostrando que os dois grupos se dividem por etnias, preferindo a companhia do colega que tem a mesma língua materna e a mesma cultura. Averiguou-se que a integração e o conflito coexistem neste espaço.

Estas primeiras observações mostram as dificuldades que o pesquisador encontra em campo, que devemos estar preparados para o “não” e para aceitar que nossas hipóteses muitas vezes são falhas, que a realidade não é da forma que queremos ou esperamos. Após várias tentativas não obtive êxito com a escola pública o que seria muito enriquecedor para o trabalho, já que a realidade das escolas públicas e privadas é diferente.

1.4 A ESCOLA COMO LOCAL DE INTEGRAÇÃO E EXCLUSÃO

Pereira (2011) problematiza uma forma de violência simbólica presente nas escolas de fronteira (do lado brasileiro) nas quais verificou-se uma arbitrariedade cultural dos brasileiros em relação aos demais grupos culturais. Ao contrário do que ocorre na presente pesquisa, a estudiosa explica sobre a forma de violência simbólica caracterizada como bullying¹² que tem, dentre outras origens, a imposição de uma cultura dominante e, muitas vezes, se expressa no ambiente escolar sendo confundida como uma forma de brincadeira.

As fronteiras da violência no tempo e no espaço tornam-se maleáveis, frágeis e difíceis de serem definidas. É por isso que, quando se manifesta na esfera escolar, muitas vezes elas se

¹² O bullying é uma forma de violência por meio da palavra, encontrada nas escolas, e consiste em intimidar e humilhar por meio de manifestações preconceituosas.

confundem, interpenetram e inter-relacionam com agressão e indisciplina, sendo que muitos dos casos de violência entre pares escolares acabam naturalizados (PEREIRA, 2011, p. 47).

Uma pesquisa realizada em Ponta Porã – MS, divisa com Pedro Juan Caballero no Paraguai, mostra o despreparo escolar. A escola além de buscar a homogeneidade e contemplar a norma padrão, deseja evitar os “sotaques”, as marcas do falar paraguaio. Ressalta-se que, nessa escola 90% dos alunos são paraguaios ou brasileiros que vivem no Paraguai, falantes de espanhol e guarani, entretanto, embora haja um grande número de alunos oriundos do Paraguai, é proibido o uso de outra língua ou, em outras palavras, apenas é permitido que se fale o português. Essa pesquisa realizada por Dalinghaus (2009) revela que a Língua Portuguesa é imposta dentro do ambiente escolar e gera, dentre outros, medo, vergonha e insegurança aos alunos. A pesquisadora relata que nos momentos de lazer como, por exemplo, o recreio, os alunos falam em sua língua materna, mas mudam rapidamente seu modo de falar no momento em que veem algum professor ou zelador, simplesmente, revela a pesquisadora, porque tinham medo.

Suassuna (1995) explica que a norma padrão deveria ser ensinada como uma possibilidade a mais de uso e não como único uso linguisticamente correto, desconsiderando a língua ou dialeto de origem dos alunos. Esta imposição gera no aluno a imagem de uma língua difícil na qual ele não tem lugar.

a imposição de um modo de falar e conhecer o mundo [...] vai deixando-o cada vez menos capaz de lidar com o conflituoso, o heterogêneo; não só em matéria de uso lingüístico, mas também em termos do que a própria vida tem de palpitante. (SUASSUNA, 1995, p. 58).

A autora afirma ainda que “a escola complica, distancia o aluno do objeto de conhecimento, dificulta a apropriação e faz crer que qualquer problema que decorra daí esta fora de sua alçada.” (SUASSUNA, 1995, p. 58).

A consequência deste tipo de ensino, em que uma língua é imposta em detrimento a outra, pode gerar a abdicação da língua materna e,

consequentemente, da cultura, ou seja, para ser aceito pelos demais colegas de classe, o aluno opta por reproduzir os costumes do grupo dominante (vestimenta, modo de falar, vícios, etc) e, muitas vezes, passa a ter vergonha da sua língua e da sua cultura. Isso não ocorre somente com os alunos estrangeiros, como os paraguaios, muitos filhos de brasileiros que vieram do Paraguai, deixam de falar o espanhol por vergonha, nem sequer citam sobre a vida no Paraguai para não serem motivo de risos, porque assim como os alunos paraguaios, os alunos brasileiros ou filhos de brasileiros que vieram do país vizinho ganham os mesmos apelidos e estigmas dos colegas.

Em escolas de fronteira é fato comum que seus estudantes sejam designados por apelidos, que em geral são termos pejorativos, associados aos pertencimentos étnicos e culturais, bem como às distinções relativa à alimentação, vestuário e atividades laborais dos diferentes grupos étnicos. (PEREIRA, 2011, p. 49)

Em outra investigação, realizada também em Ponta Porã, Pereira (2011) constata que alguns alunos paraguaios desistiram de estudar no Brasil devido ao preconceito sofrido em sala de aula. Além dos paraguaios, os alunos descendentes de turcos e japoneses, também relataram situações de conflito.

“Não falam de verdade, é só de brincadeira, os paraguaios não levam muito a sério. Tem amigo do meu irmão que chama de chipeiro, porque é do Paraguai, só que esse apelido pegou e todo mundo só chama assim os paraguaios. [...] eles consideram que o paraguaio falsifica as coisas, ai eles ficam tirando sarro da gente por causa disso” (aluno citado por PEREIRA, 2011, p. 50).

Para resolver os problemas encontrados nas escolas de fronteira os autores propõem desde uma atitude diferenciada do professor em sala de aula até a criação de políticas públicas específicas para escolas da região de fronteira.

Sem dúvida, projetos, programas e políticas para áreas de fronteira podem corroborar para o desmoronamento de fronteiras simbólicas, para a aproximação de brasileiros de

seus vizinhos sul-americanos, e, o melhor, para o empoderamento de autóctones da fronteira e de grupos minoritários, principalmente oportunizando discussões/trocas coletivas aos agentes, em especial crianças e adolescentes, que historicamente tiveram menos poder na sociedade, ou seja, menos possibilidade de influir nas decisões e nos processos coletivos (PEREIRA, 2011, p. 55).

Coracini (2007) afirma que o estudo de uma língua estrangeira possibilita compreender o “outro” e aceitar o diferente, mas para que haja essa superação e aceitação “passa, necessariamente, pela experiência do estranhamento e nos faz compreender o estrangeiro, o estranho que somos, que habita em nós” e ainda “possibilita o auto conhecimento, uma melhor compreensão do outro, uma maior aceitação do diferente” (CORACINI, 2007, p. 132).

Ressalta-se, no entanto, que o professor necessita estar preparado para conduzir esta aceitação, ou seja, lidar com esses conflitos culturais em sala de aula e levar os demais alunos a aceitarem o “outro”, caso contrário, o estranhamento levará à exclusão e ao preconceito.

Dalinghaus (2009, p. 43) destaca que, é importante que essas preocupações se voltem para a questão que envolve a fronteira, explica, ainda, a autora que, além da delimitação territorial, a fronteira está diretamente ligada “à história de diferentes povos, diferentes culturas e civilizações e, conseqüentemente, a diferentes identidades”, uma vez que a língua é um dos fatores que caracterizam uma determinada cultura e faz parte da identidade de um povo, é também a língua que identifica um indivíduo como pertencente a um determinado grupo (MEY, 1998).

Neste sentido é importante que a escola reflita sobre este aspecto homogêneo, e que ela é um dos lugares onde ocorrem essas aproximações de línguas e culturas, e é também o lugar onde as identidades são construídas e reconstruídas, pois “é na escola que em geral que a criança se expõe, pela primeira vez, às diferenças que nos constituem e que, portanto, representam as primeiras ameaças ao mundo da família” (MOITA LOPES, 2002, p. 16).

Diante disso, aponta-se para a necessidade de uma formação específica para professores de escolas da região de fronteira, isso porque esta região é

reconhecida como um laboratório linguístico natural devido a sua formação étnico-linguística resultante do fluxo migratório. Além da formação não só na graduação, mas também de forma continuada, aponta-se também para a necessidade de se obter um material didático específico para as escolas da fronteira, que tratem da realidade desta região. Um material que aborde a cultura e a história dos países fronteiriços, no entanto, que esta abordagem não seja a partir de uma visão nacionalista para que não gere preconceitos.

Santos (2004) esclarece que estas situações de multilinguismo e multiculturalismo nas escolas “não fazem parte das discussões de planejamento educacional ou da capacitação de docentes. Pelo contrário, quando se tenta questionar esse assunto, as atitudes são de estranhamento e de desinteresse.” (SANTOS, 2004, p. 200).

As pesquisas acima relatadas revelam que, além de estarem localizadas em uma fronteira geográfica, existe uma fronteira dentro da própria escola, seja por meio de preconceitos expressados pelos alunos ou pela própria escola revelando o despreparo de alguns professores. Concorde-se com Pereira (2011) quando esta afirma que “ergue-se na ambiência dessas escolas uma rígida fronteira, ou muitas, tais como a da língua, da cultura, do preconceito”, resta saber se o mesmo ocorre nas escolas do outro lado da fronteira, no Paraguai.

1.4.1 O Caso de Santa Rita

Las escuelitas construídas son obras de los colonos. Los docentes vinieron de otros lugares. Algunas maestras se casaron con brasileños y los profesores lo hicieron con las brasileñas. Así comenzó la integración (EXPO SANTA RITA, 2012, p. 41).

A instalação das escolas nas colônias dos primeiros migrantes brasileiros no Paraguai foi, em grande parte, uma exigência imposta às empresas colonizadoras, como uma forma de atrativo para a partida dessas famílias para o país vizinho, no entanto, de acordo com Silva (2010), isso foi

feito de forma precária, resultando na união destes colonos para, por exemplo, pagar o salário dos professores e os custos com a manutenção das escolas.

As escolas tinham como objetivo ser um instrumento de integração dos colonos e da assimilação da cultura nacional, ou seja, a cultura paraguaia, entretanto, o fato dessas famílias terem vindo de uma mesma região e compartilharem da mesma cultura ou de uma cultura semelhante, levou a um abraqueamento da região em que viviam como, por exemplo, o predomínio da língua portuguesa.

Os filhos dos primeiros imigrantes brasileiros no Paraguai passaram diversas dificuldades nas escolas, isso porque o ensino se dava em espanhol, língua oficial do país na época, sendo que, muitas dessas crianças tinham como língua materna o português e, até mesmo o alemão ou o italiano devido sua descendência. Um dos fatores que levavam a evasão escolar naquela época era a prioridade que os pais davam ao trabalho, muitas crianças paravam de estudar para trabalhar no campo com seus pais, segundo eles isso garantiria o futuro da propriedade.

Os estudos atuais sobre os descendentes desses primeiros migrantes, nas escolas, apontam para uma maior integração com os paraguaios. Ao contrário da primeira geração que sofria preconceitos devido à dificuldade de aprendizado da língua oficial do país e do contato com uma cultura totalmente distinta, a atual geração já nascida lá é alfabetizada em espanhol e aprende o guarani, que atualmente é a segunda língua oficial, e está bem mais familiarizada com a cultura local.

Mas, não é somente as línguas oficiais que eles aprendem, Fiorentin (2010, p. 96) explica que

no espaço escolar, os filhos e netos dos imigrantes brasileiros aprendem as línguas oficiais do país, e mais, aprendem também a história e a geografia paraguaia, cantam o hino nacional e debatem questões sobre o Paraguai, aprendem música, folclore e cultura paraguaia. Em contrapartida, esses descendentes recebem a influência cultural do Brasil no cotidiano de suas casas e nas imagens televisivas.

O primeiro paraguaio a se instalar na cidade, logo no início da colonização, foi o professor Herculano, aos poucos os paraguaios de outras regiões chegaram na cidade, principalmente funcionários públicos.

O professor que veio de Assunção em 1977, conta que um amigo dava aula em uma colônia chamada Esquina Gaúcha, próximo a Santa Rita e lhe contou que havia uma professora que os alunos não respeitavam e os colonos da cidade queriam um professor do sexo masculino. O local de 10x8 metros construído para ser a escola também era utilizado para bailes e missas, o padre vinha uma vez por mês e ajudou muito os imigrantes. O professor explica que seu salário era pago pelos colonos e em cruzeiro, moeda que circulava no Brasil e era necessário ir até Ciudad del Este para fazer o cambio.

Herculano conta que sua principal dificuldade na época era com os costumes e a língua, por ser o único paraguaio da cidade não tinha com quem conversar e a única língua utilizada era o português, língua que ele não conhecia. Os paraguaios que aos poucos foram chegando à cidade, não se conformavam com a forma com que os brasileiros viviam e queriam impor regras. A moeda utilizada, a língua e até o horário eram do Brasil.

No Brasil tinha horário de verão e aqui tinha o horário de inverno, mas eles faziam tudo como se ainda vivessem no Brasil. Muitos paraguaios não aceitaram e iam embora, os que ficaram acabaram se casando com brasileiros. (Herculano, 01/11/2013)

Ele explica que quando os bancos chegaram as coisas começaram a mudar, todas as repartições públicas seguiam o horário do Paraguai e muitos brasileiros reclamavam. Sua esposa que é brasileira conta que ainda existem brasileiros que vivem assim, mais especificamente os colonos mais antigos. A maioria das expressões de preconceito de paraguaios para com os brasileiros, esta relacionada com o comportamento dos primeiros colonos que apresentam atitudes diferentes dos descendentes que já nasceram no Paraguai.

Na escola os alunos reproduziam os comportamentos que tinham em casa, como os pais trabalhavam o dia todo nas terras, as crianças ficavam em casa e não tinham regras, além da dificuldade com o comportamento havia a dificuldade com a Língua Espanhola que foi ensinada aos poucos, por meio do

manual (cartilha), e as diferentes idades dos alunos, já que só havia uma turma e todos estudavam juntos.

O professor descreve que naquele período os pais não tinham a intenção de que o filho fosse um profissional, por isso, a maioria estudava apenas até o quarto ano e aprendia somente o básico, deixavam os estudos para trabalhar nas terras com os pais.

Atualmente a preocupação com o trabalho não mudou, mesmo os brasileiros com terras, empresas e uma economia estável e muito superior aos paraguaios, obrigam os filhos a trabalharem, geralmente no próprio negócio dos pais, apesar de darem valor aos estudos e a formação acadêmica.

O professor, que lecionou durante 10 anos na cidade, explica que os alunos brasileiros e descendentes não são menos inteligentes que os alunos paraguaios, ou tiram notas baixas devido a dificuldades com a língua, o que ocorre é que a exigência dos pais para com o trabalho faz com os alunos dediquem menos tempo para os estudos. Ele conta que, atualmente, realiza atividades extracurriculares com os alunos e tem uma escola de futebol, já perdeu torneios porque os alunos não puderam participar devido ao trabalho.

Um brasileiro que veio para o Paraguai aos quatorze anos, com seus pais, conta que não chegou a estudar no país, mas seus irmãos mais novos sim. Ele relata que naquela época eles sofriam preconceito por parte de alguns professores, mesmo sendo cem por cento dos alunos brasileiros.

“A escola, bem como outras instâncias da sociedade na fronteira, reproduz as representações presentes na sociedade” (PEREIRA, 2011, p. 53), logo, se a escola discrimina é porque este tipo de atitude está presente na sociedade, na convivência dos indivíduos. Herculano admite que existam manifestações de preconceito dentro da sala de aula, mas que isto não vem da instituição, mas sim, de determinados professores que não aceitam os brasileiros.

1.5 A PESQUISA DE CAMPO E SUAS IMPLICAÇÕES

Martins (2009) reflete sobre o sujeito da pesquisa no campo das Ciências Sociais. Para o autor, muitas vezes este sujeito, que é nosso objeto

de interesse, acaba caindo em uma armadilha (a técnica de pesquisa) preparada para revelar suas fraquezas e contradições.

Um indivíduo dificilmente se revelará, por exemplo, portador de preconceitos, em uma entrevista, isso irá depender das estratégias utilizadas pelo pesquisador. Neste caso, o mais relevante é o que está oculto, “portanto, a melhor técnica de pesquisa acaba sendo aquela que induz a vítima a confessar o que provavelmente, gostaria que não se tornasse público” (MARTINS, 2009, p. 102).

O autor explica que normalmente o sujeito escolhido pelo pesquisador é aquele que tem algum poder no grupo que será estudado, um informante que está no centro dos acontecimentos, o pai de família, o líder comunitário, o grande fazendeiro, etc. No entanto, há um sujeito ao qual normalmente não se dá voz, não se vê, um sujeito que não está no centro, mas observa a tudo atentamente: os jovens e as crianças.

Os estudos realizados no Paraguai sobre os imigrantes brasileiros que lá vivem, os conflitos com relação às terras e os denominados “brasiguaios” priorizam os grandes fazendeiros e o pequeno agricultor, mas dificilmente a criança e o adolescente, o que eles veem, sentem e vivenciam em meio a este conflito.

Goldman (2003, p. 317) explica que o trabalho de campo é “uma atividade construtiva ou criativa, pois os fatos etnográficos não existem e é preciso um método para a descoberta de fatos invisíveis por meio da inferência construtiva”. Ou seja, em uma pesquisa etnográfica os fatos não estão dados, as respostas não são visíveis e exatas, devem ser construídos e esta construção depende da criatividade do pesquisador, além disso, as respostas não são exatas podendo mudar de acordo com o recorte que se faz da realidade, o período, etc.

O pesquisador ainda critica a entrevista como única metodologia, pois acredita que esta deve ser utilizada como complemento das informações obtidas por meio de outros métodos. E acrescenta a importância de conferirmos a todas as histórias que escutamos o mesmo valor.

“Enquanto a sociologia se esforça em fazer a ciência social do observador”, escreveu Lévi-Strauss (1954, p.397), “a

antropologia procura, por sua vez, elaborar a ciência social do observado”. “A sociologia”, prossegue, “é estreitamente solidária com o observador”, e mesmo quando toma por objeto uma sociedade diferente o faz do ponto de vista daquela do observador; mesmo quando pretende falar da “ sociedade em geral”, é “do ponto de vista do observador” que amplia seu ponto de vista. A antropologia, ao contrário, elaboraria a ciência social do observado, adotando o ponto de vista do nativo ou o de um “sistema de referência fundado na experiência etnográfica, e que seja independente, ao mesmo tempo, do observador e de seu objeto” (GOLDMAN, 2003, p 462).

A Etnografia possibilita o estudo das práticas e representações de sujeitos concretos e os significados destas para o sujeito a partir do ponto de vista do próprio sujeito, ou seja, daquele que é observado, e não do ponto de vista do pesquisador. É necessário observar as práticas dos sujeitos e perceber a importância destas práticas para o próprio sujeito (GEERTZ, 1989) e, ainda, atribuir “tanta importância aos fatos rotineiros e banais quanto àqueles que chamam a atenção por surpreendentes ou estranhos” (MALINOWSKI, 1985, p. 34).

A pesquisa antropológica deve ser feita em alternância entre teoria/realidade/teoria, lembrando que o pesquisador não pode se prender a teoria, pois ela pode mudar de acordo com o objeto de estudo. A ideia, portanto não é comprovar teorias já existentes, mas criar novas teorias que expliquem a realidade que se encontra.

A observação participante permite ouvir dos sujeitos os discursos sobre suas próprias práticas, no entanto, isso exige tempo do pesquisador para ir até os sujeitos e passar um tempo com eles. Esse método permite colher informações que não se conseguiria somente com entrevistas como, por exemplo, compreender o significado da ação para o próprio agente, significados estes que não são engessados e estão em constante transformação.

Para Goldman (2003) a teoria etnográfica possui uma vantagem sobre as demais teorias, isso porque, ao dar voz ao sujeito, ao explicar as práticas do ponto de vista do sujeito e não do pesquisador, ajudaria a suspender julgamentos de valor.

Uma teoria etnográfica tem o objetivo de elaborar um modelo de compreensão de um objeto social qualquer (linguagem, magia, política) que, mesmo produzido em e para um contexto particular, seja capaz de funcionar como matriz de inteligibilidade em outros contextos. Nesse sentido, permite superar os conhecidos paradoxos do particular e do geral, mas também os das práticas e normas ou realidades e ideais. (GOLDMAN, 2003, p.460).

Em um ambiente fronteiriço em que culturas distintas convivem ao mesmo tempo e mantêm suas fronteiras simbólicas, encontramos vários estereótipos e estigmas que são revelados na convivência social entre os diferentes grupos. Malinowski (1985) aponta para a necessidade de se perceber esses estereótipos e compreender porque eles se manifestam socialmente.

Interessa-nos apenas aquilo que sentem e pensam como membros de uma dada comunidade. E enquanto membros de uma comunidade, seus estados mentais recebem uma determinada marca, tornam-se estereotipados pelas instituições em que vivem, pela influência da tradição e do folclore, pelo próprio veículo de pensamento, quer dizer, pela linguagem. O ambiente sócio-cultural em que vivem acaba por forçá-los a pensar e a sentir de um modo definido (MALINOWSKI, 1985, p. 46).

Kummer e Colognese (2014, p. 98), com base nos escritos de Malinowski (1985) explicam que, na fronteira, podemos encontrar realidades bem diferentes, portanto, o que importa não é a análise dos elementos isolados ou sua importância para o indivíduos, mas sim, para o grupo. “[...] cada elemento tem uma impressão parcial do todo que forma. Se os discursos e os comportamentos forem tomados como partes isoladas e inflexíveis, a visão do todo será impossibilitada”.

Além de ser considerada etnográfica esta investigação usa como delineamento o estudo de caso, isso porque, este tipo de estudo “é um modo de organizar os dados em termos de uma determinada unidade escolhida como a história [...] de um grupo, ou um processo social determinado” (GOODE; HATT, 1960, p. 432). O estudo de caso investiga um fenômeno

contemporâneo, ou seja, a pesquisa é realizada enquanto o fenômeno esta ocorrendo e requer a utilização de vários métodos de coleta de dados.

Para garantir a qualidade das informações obtidas no estudo de caso, requer-se a utilização de múltiplas fontes de evidência. Os dados obtidos com entrevistas, por exemplo, deverão ser contrastados com dados obtidos mediante observações ou análise de documentos. (GIL, 2009, p. 07-08).

Neste sentido, os dados do Censo Demográfico e documentos que contam a história da cidade, vêm confirmar os dados obtidos nas observações e no próprio relato dos moradores coletados por meio de entrevistas.

Outra característica do estudo de caso é o fato de não ser definitivo, apesar de permitir a compreensão do fenômeno, pode gerar mais indagações permitindo a realização de pesquisas futuras. Concorda-se com Geertz (1989, p. 20) quando este explica que “a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa”.

Assim como a etnografia, o estudo de caso favorece “a compreensão do fenômeno sob a perspectiva dos membros dos grupos ou das organizações. Trata-se, portanto, de um delineamento que atenta para a subjetividade dos participantes” (GIL, 2009, p. 17).

O estudo de campo, também utilizado nesta investigação, “permite a obtenção de dados com maior nível de profundidade”, mas “exige a permanência mais prolongada do pesquisador em campo” (GIL, 2009, p. 09). No entanto, não há como delimitar um tempo para a realização da coleta de dados, já que o pesquisador depende da participação dos sujeitos na pesquisa. Neste caso utilizou-se entrevistas formais e informais e observou-se como os discursos mudam diante do gravador, utilizado nas entrevistas formais. Outro fator que influencia o aparecimento de contradições nas falas dos sujeitos da pesquisa é o ambiente, constatou-se que os alunos entrevistados se continham nas entrevistas dentro do ambiente escolar e quando os mesmos foram entrevistados em outro ambiente fora da escola (casa, trabalho) além da profundidade das informações algumas respostas foram totalmente diferentes das dadas anteriormente. De acordo com Gil (2009, p. 63) “a possibilidade de

as pessoas fornecerem respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes” é uma das limitações da entrevista.

Os tipos de entrevistas utilizadas nesta pesquisa foram: entrevistas por pautas e entrevistas informais. Na entrevista por pautas o entrevistador tem como base algumas questões sobre assuntos que ele quer que o entrevistado aborde, no entanto, não há uma ordem para abordagem dessas questões, o entrevistado fala sobre o assunto livremente e é direcionado pelo entrevistador conforme os temas são abordados e para que não fuja do tema de interesse do pesquisador. Já as entrevistas informais têm a seu favor a livre expressão dos entrevistados, um ambiente amigável com clima informal e não presença do gravador, assim, os sujeitos não se sentem pressionados ou intimidados, não havendo problemas com respostas falsas ou contraditórias.

Outro método utilizado é a observação, pois permite o contato direto com o fenômeno que está sendo estudado, no entanto, o pesquisador precisa obter a confiança dos sujeitos já que sua presença “pode provocar alterações no comportamento dos observados, prejudicando sua espontaneidade e contribuindo para que os resultados não sejam totalmente confiáveis” (GIL, 2009, p. 71).

O tipo de observação utilizada foi a observação participante, pois permite a participação real do pesquisador na comunidade, uma das vantagens é o acesso aos dados e a percepção do ponto de vista dos sujeitos sobre o fenômeno estudado, no entanto, exige uma permanência maior na comunidade estudada.

Por fim, utilizou-se também alguns documentos que contribuíram para o conhecimento da história da formação da cidade e de características específicas que não são encontradas em outras cidades paraguaias e que influenciam na convivência entre brasileiros e paraguaios. O tipo de documento utilizado foram as publicações de organizações, caracterizadas por Gil (2009) como revistas, livros e cartilhas organizadas e distribuídas por empresas e organizações.

Algumas empresas editam revistas que são distribuídas gratuitamente aos seus clientes. Também há empresas que, por conta de comemorações e jubileus, editam livros com informações históricas, fotografias, depoimentos de seus

fundadores, gerentes e funcionários. [...] São documentos de interesse para estudos de caso, pois, mesmo não se referindo diretamente ao tópico da pesquisa, podem fornecer informações relevantes (GIL, 2009, p. 78).

CAPÍTULO II: A MANUTENÇÃO DA FRONTEIRA ÉTNICA ENTRE BRASILEIROS E PARAGUAIOS

Neste segundo capítulo far-se-á a discussão sobre a fronteira étnica existente entre brasileiros e paraguaios, como essa fronteira é mantida mesmo diante do contato cultural e em que momentos é permitida a interação entre os dois grupos. Para tanto, serão apresentadas as teorias de Albuquerque (2012) sobre fronteiras, Barth (1998) sobre a manutenção da fronteira e Goffman (1988) sobre o estigma, dentre outros autores que formam o aporte teórico para análise das entrevistas realizadas com pais, professores e alunos.

Após a exposição, no primeiro capítulo, de como ocorre a convivência entre brasileiros, descendentes e paraguaios e a descrição de algumas situações de integração e conflito que ocorrem na sociedade, neste segundo momento serão expostos e analisados os estigmas e estereótipos encontrados neste ambiente social, procurando verificar o surgimento destes com base na história dos dois grupos.

De acordo com Albuquerque (2012) ao pensar em fronteira é necessário compreender que não há uma fronteira no singular, mas sim no plural, isso porque toda fronteira geográfica contém múltiplas fronteiras como, por exemplo, a fronteira política, econômica, social, étnica, cultural, simbólica e linguística, sendo que estas podem estar articuladas ou não. Além disso, algumas fronteiras como, por exemplo, a simbólica e a linguística, não precisam estar necessariamente localizadas na fronteira geográfica podendo ocorrer em uma mesma cidade como, por exemplo, os indivíduos que não conseguem emprego e são vistos com preconceito pelos demais por morarem em um bairro de periferia.

Outro fator importante é que ela não é vista da mesma forma dos dois lados, cada povo a visualiza sob o olhar particular da sua cultura e ainda sob os aspectos positivos e negativos que a fronteira proporciona para cada grupo. Pensando na fronteira entre Brasil e Paraguai, pode-se dizer que para o primeiro, um ponto positivo é a possibilidade de comprar diversos produtos com um preço inferior, já para o segundo é a possibilidade de aumentar a economia do país e a própria renda pessoal.

A fronteira também envolve diferenças, dentre elas, de classe social, étnicas, regionais de gênero e de gerações, podendo apresentar fenômenos distintos de uma geração a outra não só de um lado para o outro, mas dentro de um mesmo lado, por exemplo, quando se fala nas concepções e representações que os brasileiros têm do “outro”, o paraguaio, pode haver representações bem distintas entre uma geração dos 50 aos 60 anos, das de uma geração mais nova dos 20 aos 30 anos. As diferenças podem ser maiores ainda se compararmos tais grupos do lado brasileiro com outro grupo do lado paraguaio.

Vale ressaltar ainda que as fronteiras são dinâmicas, ou seja, podem mudar de acordo com as interações e com acordos entre os dois governos como, por exemplo, demarcação geopolítica, guerras e processos migratórios. Outra característica é que elas são paradoxais e ambivalentes, isso porque ao mesmo tempo em que separam e delimitam também aproximam, ao mesmo tempo em que se apresentam como uma barreira entre dois povos, duas culturas, também permitem o fluxo e, apesar das diversas representações negativas que um povo tem do outro certas práticas realizadas na fronteira podem gerar a cumplicidade, por exemplo a prática ilegal do contrabando que só continua dando certo devido à cumplicidade que há entre os grupos envolvidos dos dois lados da fronteira.

Como a fronteira pode ser analisada a partir de várias perspectivas, esta pesquisa trata da fronteira simbólica entre praticantes da cultura brasileira e da cultura paraguaia que convivem socialmente neste ambiente fronteiriço. Sobre as culturas em contato o pesquisador Barth (1998) explica que apesar do contato entre diferentes culturas algumas características culturais permanecem devido a processos sociais de exclusão, outras características se modificam e algumas são incorporadas.

Neste caso, os estigmas atribuídos de um grupo para o outro, caracteriza o processo social de exclusão que garante que determinadas características, de ambas as culturas, permaneçam iguais mesmo diante do contato interétnico.

O termo estigma origina-se da palavra grega *stigma*, que significa sinal ou marca física que aponta para alguma falha moral a respeito da pessoa que o possui. Seria, portanto, um símbolo de vergonha ou desgraça, ou ainda, de

um sentimento ou reputação vergonhosa. Segundo Goffman (1988), o estigma pode ser definido como sinais corporais que evidenciavam o status moral de uma pessoa. Na sociedade grega, os sinais feitos por cortes ou queimaduras poderiam significar que esta pessoa era um escravo, um criminoso ou, até mesmo, um traidor, fator que levava a sociedade a rechaçar e evitar estas pessoas publicamente. Já na era cristã, o termo foi utilizado para denominar sinais corporais recebidos pela graça divina.

Atualmente, estigma não se refere mais a sinais corporais, mas sim a marcas sociais, depreciativas, pejorativas que acabam gerando a exclusão social. Em outras palavras, o autor explica que o estigma surge nas interações sociais, uma vez que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1988, p. 11). Depreende-se, portanto, que no momento em que um indivíduo se relaciona com outro, até então desconhecido, entra em cena os pré-conceitos, ou seja, ocorre a manifestação de juízos de valores a respeito deste “desconhecido”, são os primeiros aspectos, a “primeira impressão”, os quais permitem prever a sua categoria e seus atributos, enfim, sua identidade social¹³. (GOFFMAN, 1988).

O estudioso salienta que essa “primeira impressão”, esses pré-conceitos que fazemos de um indivíduo quando o conhecemos, caracteriza a identidade social virtual. Virtual por se tratar apenas de hipóteses, do que cremos ser o indivíduo. A partir do momento em que estes atributos se confirmam ou não, e que o indivíduo apresenta os seus reais atributos, ou seja, seu verdadeiro “eu”, passamos a ter sua identidade social real e, ao revelar suas reais características, é que decidimos se ele será incluso ou não, em nosso meio social.

Os atributos que levam o indivíduo à exclusão caracterizam o estigma. “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo [...]” (GOFFMAN, 1988, p. 13). O autor explica, ainda, que há três tipos de estigmas, sendo eles: estigma por deformidade física, estigma por caráter e estigmas tribais de raça, nação e religião.

¹³ O que diferencia identidade social de status social é que, o primeiro engloba, além de aspectos econômicos, outros atributos como, atributos morais, físicos e de personalidade.

Bacila (2008, p. 63) também com base nos estudos de Goffman (1988) explica que

Atualmente, o conceito de estigma parece ser bem claro ao apresentar um aspecto objetivo como características de uma raça ou do sexo feminino ou de atos e comportamentos religiosos ou de visível pobreza, mas também consiste em valoração subjetiva: 'se é pobre é ruim', 'se é deficiente físico, não pode trabalhar tão bem quanto um normal', 'se é mulher é inferior ao homem', etc. O estigma gera descrédito e desvantagem e a idéia de que o estigmatizado não é completamente humano.

Amar (1982, apud Bacila, 2008) explica que a prática da estigmatização é utilizada como uma forma de adquirir poder, assim, ao diminuir o valor do outro apontando características negativas o eu é exaltado.

De tanto ouvirmos piadas sobre certas pessoas, de tanto ouvirmos conceitos equivocados, de tanto lermos histórias doidas sobre raças, religiões, mulheres, presos, pobres, enfermos, lesionados, idealistas, ou simplesmente outsiders, tendemos a acreditar que isso é uma regra, ou melhor, uma sentença inabalável (BACILA, 2008, p. 67)

Bacila (2008, p. 68) esclarece que o estigma ocorre devido a falta de respeito à cultura do outro, aos hábitos, cor da pele, modo de falar levando-nos a tratar este outro como outsider, "o estigma sempre foi o pano de fundo das grandes discórdias da humanidade". O autor ainda aponta para os meios de comunicação, como um dos disseminadores de imagens negativas que levam ao estigma "quando se diz ou se repete os estigmas sobre favelas, pobres, negros, índios, adeptos de todas as religiões, pode-se incorrer no erro de marcar com o estigma o corpo e o espírito das pessoas".

Além disso, o estigma pode também, ser admitido como uma forma de proteção de um grupo, ou seja, a partir da identificação, cria-se um grupo social com as mesmas crenças e valores e, para proteger ou manter essas crenças e esses valores, cria-se uma mentalidade dominante que gera o preconceito e a estigmatização, uma vez que, essa mentalidade dominante leva a crer que a

cultura do “eu” é superior a do “outro”, enfim, gera-se o preconceito em relação a outros grupos, como apresenta Birou (1982):

Simultaneamente por um sentimento de defesa e por egocentrismo, o grupo é levado a formular juízos desfavoráveis a priori em relação a outros grupos, prevenções muitas vezes negativas que podem suscitar diversos sentimentos: depreciação, animosidade, antipatia, hostilidade. Estes sentimentos cristalizam muitas vezes em estereótipos, que por sua vez, conduzem a diversas formas de comportamentos e atitudes: discriminação, etnocentrismo, racismo, etc. (BIROU, 1982, p. 316).

O etnocentrismo é a ideia de que há grupos melhores com valores e qualidades superiores, gerando o conceito de que o outro é inferior, ou seja, uma “visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência” (ROCHA, 1984, p.07). O autor completa, ainda que o etnocentrismo é como uma dificuldade de pensar a diferença, levando a sentimentos de estranheza e de hostilidade.

Rocha (1984) utiliza o termo grupo para referir-se a grupos sociais já definidos, sendo que o critério para classificar os membros desses grupos é que haja características comuns entre eles, tais como, o modo de falar, a língua, o dialeto, a vestimenta, a posição social, dentre outros.

Desse modo, os sujeitos pertencentes a este grupo acabam vendo os de fora, ou seja, aqueles que não apresentam tais características, com estranheza. É, portanto, esta estranheza, causada pelo choque cultural, que resulta na não aceitação do diferente.

a sociedade do eu é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do outro é atrasada. É o espaço da natureza. São os selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa menos humanos, pois, estes somos nós. (ROCHA, 1984, p. 09).

Com isso, pode-se entender, de acordo com a explicação de Rocha (1984), que a identidade cultural brasileira é colocada como superior em

relação à cultura do “outro”, o paraguaio e, conseqüentemente, ao deparar-se com o “outro”, vê-se, portanto, um povo sem cultura ou de cultura inferior, sem prestígio.

Os grupos étnicos em contato conseguem se manter como unidades significativas, ou seja, conseguem manter a sua cultura e as suas diferenças culturais devido à marcação da diferença, critérios e sinais de identificação e a exclusão. Assim ocorre a manutenção da fronteira étnica (BARTH, 1998).

Barth (1998) explica ainda que as relações interétnicas, ocorrem de acordo com um conjunto de prescrições que dirigem as situações de contato, assim, a interação com indivíduos pertencentes a outro grupo étnico, no caso o paraguaio, é permitida em alguns setores como, por exemplo, na igreja, no local de trabalho e na escola. Já em outros setores a interação não é permitida, como o namoro “isolando assim partes da cultura, protegendo-as de qualquer confronto ou modificação” (BARTH, 1998, p. 197).

A interação em um sistema social como este não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos (BARTH, 1998, p. 188).

Os brasileiros que vivem no Paraguai conservam a sua identidade mesmo vivendo em outro país, em contato com outra cultura e outra língua, isso ocorre porque existem “critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão” (BARTH, 1998, p. 195). Observou-se que nos ambientes fora do local de trabalho e da escola os brasileiros e seus descendentes se reúnem excluindo os paraguaios. Seja no ambiente familiar ou para atravessar a fronteira para o Brasil em busca de lazer.

Com relação aos descendentes, poucos têm amigos com paraguaios ou namoram com um. E mesmo quando há o namoro, não apresentam a família devido à posição negativa e preconceituosa dos pais.

Ao impedir o namoro o possível casamento dos filhos com paraguaios a cultura do grupo não é “contaminada” com os atributos negativos, os estigmas, atribuídos ao outro grupo étnico, os paraguaios como, por exemplo, a preguiça e a falta de higiene. Já as características da cultura paraguaia incorporadas

pelos brasileiros e seus descendentes ainda são mínimas e se restringem a alimentação e, muito pouco, a língua.

2.1 A IDENTIDADE DOS DESCENDENTES: SOU AQUILO QUE O OUTRO NÃO É

A modificação de características culturais (Barth, 1998) está mais nítida quando se analisa a identidade dos descendentes que, apesar de serem filhos de brasileiros e praticarem a cultura brasileira, se consideram paraguaios.

No processo de formação da identidade dos descendentes, que convivem em meio à cultura brasileira e a cultura paraguaia, ambas formadas a partir de outras culturas (como, por exemplo, as culturas italiana e alemã e, espanhola e guarani), várias contradições são percebidas na fala dos descendentes.

A maioria dos estudantes se considera brasileira justamente por utilizar mais a LP e devido ao jeito de viver, costumes e amizades, no entanto uma aluna afirmou *“não sou nem totalmente brasileira, nem totalmente paraguaia”* e a outra explicou *“eu me considero brasileira, mas gosto que digam que sou paraguaia, tenho mais coisas de paraguaia que de brasileira”*, pedi para que exemplificasse e a resposta foi a seguinte: *“o jeito de falar, coisas que gosto de fazer, de comer e meus amigos são a maioria paraguaios”*. (aluna brasileira, 09/05/2013)

Ao analisar a fala dos alunos separadamente, por temas, não se percebe as contradições como, por exemplo, o desta aluna que veio do Rio Grande do Sul para o Paraguai com seus pais aos três meses de idade e, portanto, foi registrada no Brasil. Ao entrevistá-la novamente em sua casa, juntamente com a mãe seu posicionamento mudou.

Quando ela cita que seus amigos são paraguaios, refere-se aos filhos de brasileiros nascidos no país, o preconceito com os paraguaios ficou muito mais evidente durante a segunda entrevista: *“Dou graças a Deus por ter nascido no Brasil”*, e ao perguntar à mãe se permitiria o namoro ou casamento da filha com um paraguaio, a estudante retrucou: *“Mas nunca, só se eu estiver louca pra casar com um paraguaio”*. (aluna brasileira, 10/05/2013)

Silva (2009) em seus estudos sobre identidade e diferença explica que a identidade é “aquilo que sou” já a diferença está em oposição a esta, pois é “aquilo que o outro é”, no entanto as duas estão em relação de dependência isso porque a identidade de um indivíduo é construída a partir do Outro, ou seja, eu sou aquilo que o Outro não é.

Tendo a presente pesquisa como exemplo, pode-se dizer “eu sou brasileiro porque o Outro é paraguaio”, ou, “eu sou paraguaio porque não sou brasileiro”.

A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês” e assim por diante. (SILVA, 2009, p. 75).

Segundo o autor, tanto identidade quanto diferença são criadas na interação, dentro de um contexto social e cultural por meio de atos de linguagem, ou seja, é uma criação linguística. No entanto, apesar de serem definidas pelo sistema discursivo e simbólico não é estável:

Sua definição discursiva e linguística está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas, elas são impostas. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado dos bens sociais. (SILVA, 2009, p. 81).

Logo, dizer “sou brasileiro”, em uma sociedade em que o brasileiro possui o prestígio por ser o colonizador, trabalhador, aquele que leva a modernidade e o avanço para um país considerado atrasado, revela o prestígio e o status que este possui, conquistando até a admiração de muitos paraguaios, uma vez que, os brasileiros são mais bem sucedidos economicamente e, portanto, estão acima nesta relação de poder.

Para os pais brasileiros, o desejo de que o nascimento dos filhos ocorra no Brasil, revela não só a desconfiança com o sistema de saúde paraguaio, mas também o desejo de acesso aos bens sociais no Brasil. Assim, os filhos

garantem o prestígio na sociedade paraguaia e na sociedade brasileira no caso de um retorno definitivo ao país, ou dos privilégios que o governo oferece como, por exemplo, uma saúde considerada mais confiável ou a aposentadoria.

Mas, se a identidade brasileira garante prestígio, porque seus descendentes nascidos no Paraguai dizem: “eu sou paraguaio” e não “eu sou brasileiro”? Dentre as possíveis explicações encontradas neste estudo estão: i. Os jovens dizem que são paraguaios por uma questão geográfica, simplesmente por terem nascido no país e por terem documentos paraguaios, mas admitem que ao analisar a cultura por eles praticada, é uma cultura brasileira, portanto, deste ponto de vista se consideram brasileiros; ii. Não possuem tanto preconceito quanto seus pais, por terem um convívio direto com paraguaios, na escola e na sociedade em geral, por terem nascido e crescido nesta sociedade, ao contrário dos primeiros colonos e, esse contato direto com o Outro, esse conhecimento do Outro pode minimizar o preconceito, já que ele é criado a partir do desconhecimento do Outro, do diferente. iii. A consciência de ser este o país que os alimenta, sustenta e o desejo de permanência, já que o país de origem dos pais é considerado com alto índice de poluição e roubos, com cidades grandes e populosas ao contrário do que estão acostumados em Santa Rita.

A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas [...]. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (nós e eles); classificar (bons e maus); puros e impuros; desenvolvidos e primitivos [...] (SILVA, 2009, p. 81-82).

Mesmo afirmando-se como paraguaios, os jovens se distinguem entre filhos de brasileiros e filhos de paraguaios: “*Somos paraguaios porque nascemos aqui, mas não somos como os daqui*” (aluno descendente, 09/05/2013). A mesma distinção ocorre do lado oposto já que os paraguaios afirmam que “*eles se dizem paraguaios porque nasceram aqui, mas não têm sangue paraguaio nem falam o guarani, por isso não são paraguaios*” (aluno

paraguaio, 31/10/2013). Daí alguns autores utilizarem o termo “paraguaio legítimo” em distinção aos filhos de imigrantes que nascem no país.

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. (SILVA, 2009, p. 82).

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações [...]. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2009, p. 82).

Assim, os brasileiros e seus descendentes classificam os paraguaios em três grupos e atribuem valores a cada grupo de acordo com a relação social destes com cada um, sendo estes: o paraguaio da fronteira; o paraguaio de Assunção e o bugre.

2.1.1 O paraguaio da fronteira

O paraguaio da fronteira é aquele que recebe vários estigmas, de classe econômica mais baixa e, geralmente, trabalha para o brasileiro. Com esta interação é permitida, mas não em todos os setores, eles trabalham juntos, estudam juntos e falam a língua um do outro.

Acostumados com os brasileiros e dependentes economicamente, chegam a defendê-los e não os veem como imperialistas ou ladrões de suas terras, tampouco consideram que sua cultura está sendo apagada pela forte influência da cultura brasileira. Um aluno paraguaio que fala português defende os brasileiros e afirma que preconceito só existe na copa, referindo-se à rivalidade no futebol.

Os brasileiros gostam de sair, tomar cerveja, os costumes são diferentes, a comida também, os brasileiros são muito limpos, sua casa é muito limpa, isso influencia os paraguaios aqui, em outros lugares não é assim. Acho que os paraguaios se enojam porque eles não viveram e não nasceram no Brasil. (aluno paraguaio da fronteira, 31/10/2013).

Outros alunos e paraguaios da comunidade afirmam que Santa Rita evoluiu por causa dos brasileiros e os paraguaios evoluíram junto, aprendendo com os brasileiros. *“A família se adaptou muito a cultura brasileira, fazemos coisas que fazem no Brasil. Nós não teríamos o que temos se não fosse os brasileiros” (Aluno paraguaio da fronteira, 31/10/2013).*

Analisando o histórico de preconceito que existe dentro da própria sociedade paraguaia (classe burguesa de assunção x classe popular e indígena exposta no item 2.9 e no terceiro capítulo), compreende-se o porquê da admiração desses paraguaios para com os brasileiros. O Brasileiro deu a eles uma condição de vida melhor, ofereceu emprego e trouxe para o interior o progresso que só havia na capital.

Com relação à discriminação no ambiente social eles afirmam que ocorria com mais frequência antigamente, mas que atualmente existe mais integração e apontam também para outras escolas em que os brasileiros são maioria e, por isso, os paraguaios são mais excluídos.

Quando era mais pequeno tinha mais brasileiros e eles se isolavam mais, era bem dividido. (aluno paraguaio da fronteira, 31/10/2013).

Antes existia mais exclusão. Em outros colégios tem mais exclusão porque tem mais brasileiros, mas acho que aos poucos vai terminar. (aluno paraguaio da fronteira, 31/10/2013).

Os alunos descendentes de brasileiros se encontram em maior número nas escolas privadas, já nas escolas públicas são minoria ou se igualam ao número de alunos paraguaios, o que também pode influenciar no processo de integração e estigmatização.

Os programas televisivos do Brasil também fazem parte do cotidiano dos paraguaios. Eles afirmam que a qualidade da imagem é melhor e os conteúdos abordados são mais atuais. *“A TV brasileira é melhor, sei mais coisas que acontecem no Brasil que no Paraguai”*, eles relatam que os pais também assistem e as mães gostam das novelas. *“Assisto o informativo do Paraguai e o entretenimento do Brasil porque estão mais avançados, a imagem é melhor,*

mais agradável e o conteúdo é mais avançado”. (aluno paraguaio da fronteira, 31/10/2013).

Alguns pesquisadores creem que a presença dos brasileiros no Paraguai, tem contribuído para uma hibridização cultural ou até o apagamento da cultura local, mas muitos paraguaios não veem dessa forma. *“Nós somos muito adaptáveis, somos bons neste sentido, temos mais facilidade em aprender a Língua Portuguesa do que os brasileiros aprenderem nossa língua” (professora paraguaia, 18/04/2013).*

2.1.2 O paraguaio de Assunção

O paraguaio de Assunção é o mais instruído, de classe econômica mais alta não recebe tantos estigmas quanto o primeiro grupo, ao contrário, é quem atribui estigmas ao brasileiro e ao próprio paraguaio da fronteira. Estes ao chegarem na região de fronteira em cidades com grande número de brasileiros não aceitam a forma com que as pessoas vivem e a grande influência da cultura brasileira ao ponto de ver seu próprio povo deixando a sua língua para falar a língua do Outro.

Lo que me molesta es cuando un brasileiro sabe hablar en español, pero habla en portugués. (aluno paraguaio vindo de Assunção, 31/10/2013).

A los paraguayos no les gusta que se hable en portugués porque están en su país. (aluno paraguaio vindo de Assunção, 31/10/2013).

Hasta el nombre de las empresas son en portugués y las autoridades permiten. (aluno paraguaio vindo de Assunção, 31/10/2013).

Creo que hay una pérdida de la identidad del paraguayo porque muchos hablan el portugués hasta en casa con sus padres y bailan la música gauchesca. (aluno paraguaio vindo de Assunção, 31/10/2013).

Os brasileiros e seus descendentes relatam que, quando sofrem preconceito, ocorre por parte dos paraguaios vindos de Assunção, já estes

apontam vários fatores para não gostarem dos brasileiros, além das diferenças culturais principalmente na família e na religião, o próprio preconceito dos brasileiros para com seu povo, seu país e sua língua.

La familia paraguaya es más tradicional, respeta sus padres y su país, tiene más patriotismo. Los brasileiros mandan a mierda sus padres y critican su país sin conocerlo. (aluno paraguaio vindo de Assunção, 31/10/2013).

Os paraguaios são mais retos, respeitam mais, são mais tradicional, tem o costume de pedir a benção para os pais e respeitam os dias santos. (aluno paraguaio vindo de Assunção, 31/10/2013).

2.1.3 O bugre

O bugre foi citado poucas vezes pelos brasileiros, mas quando lembrado, é visto como “não humano”, Albuquerque J. (2007) explica que o grupo do “outro” geralmente é visto como estranho, como estrangeiro e, as vezes, como não humano, como bárbaro.

Martins (2009) concorda ao apontar que, em alguns casos, não só a identidade é negada ao “outro”, mas a própria humanidade e o fato de atribuir ao “outro” características de não-humano, de selvagem, justificaria a violência, como é o caso do conflito entre brancos e índios.

A fala de uma brasileira com relação à Língua Guarani mostra não só a imagem que ela tem desta língua, mas do próprio povo que a utiliza “*é um dialeto que não serve pra nada, não é uma língua, [...] só serve pra falar com os bugre e não com gente civilizada*”. (Maria, 24/04/2013)

2.2 AS REPRESENTAÇÕES DO OUTRO POR MEIO DA MÍDIA

Albuquerque (2010) lembra ainda que os brasileiros têm uma “visão cristalizada dos habitantes dos países vizinhos”, isso porque, para os brasileiros, no Paraguai só tem índio. Desde que venho pesquisando temas relacionados ao Paraguai, tenho ouvido de pessoas que me questionam “mas o

que tem de bom para ser estudado no Paraguai?” Já ouvi inclusive que naquele país só tem índio, que não tem cultura e que meu tema era irrelevante, outras questionam se fui eu que escolhi o tema e porque não escolhi a Argentina, por exemplo.

O imaginário popular é composto por imagens positivas e negativas do outro. Dentre os diversos mecanismos que reforçam as representações negativas do outro está a mídia, o livro didático e os contos populares (HALL, 2005).

Essas pessoas apresentam uma visão negativa do Paraguai devido, principalmente, da imagem transmitida pelos meios de comunicação. Nesta mesma linha de raciocínio, Moita Lopes (2003) explica a importância da mídia para o mundo atual, uma vez que, ela possibilita vermos a multiplicidade da vida humana e vermos também o mundo multicultural em que vivemos, no entanto, deve-se levar em consideração a influência desta, na criação de imagens por ela definidas, ou seja, os fatos chegam até nós “mediante uma interpretação marcada pelos humores, visões, preconceitos e interesses das agências [de informação]. O evento já é entregue maquiado ao leitor, ao ouvinte, ao telespectador [...]” (MOITA LOPES, 2003, p. 18).

Neste caso, essa imagem negativa é reproduzida também com relação à fronteira, Novaes (2010) e Goettert (2013) chamam a atenção para a imagem da fronteira, divulgada pela mídia “é flagrante na maioria delas a relação estreita entre fronteira e violência. Essa relação se intensifica quando o recorte é especificado em fronteira Brasil Paraguai” (GOETTERT, 2013, p. 18).

Atualmente a mídia jornalística (especialmente a escrita) tem construído as fronteiras internacionais brasileiras reproduzindo, dentre outros elementos o estigma da violência (GOETTERT, 2013, p. 25). A mídia tem reproduzido imagens e representações estereotipadas da fronteira como lugar de ilegalidade, do crime, da violência. O fato de estar “entre” normas e regras variadas tem estimulado uma representação que caracteriza as fronteiras como um local “sem norma”. (NOVAES, 2010, p. 279).

Na realidade, observa-se [...] a reprodução constante de um discurso onde o território brasileiro aparece sempre como vítima da produção de drogas e outras atividades ilegais situadas do outro lado da fronteira (NOVAES, 2010, p. 294).

No Brasil os livros didáticos influenciaram durante anos a imagem negativa do Paraguai conforme os estudos de Fertig e Saccol (2010), que analisaram os livros didáticos das décadas de 1940 a 1990. Nestes livros a história contada com relação à Guerra do Paraguai foi escrita a partir de uma visão nacionalista e superior dos fatos, colocando o Brasil como uma nação superior e seus soldados como heróis. Isso porque enfocava-se “a guerra a partir de uma polarização entre heróis nacionais brasileiros [...] e vilões paraguaios, sendo a figura de Francisco Solano Lopez, altamente criticada” (FERTIG e SACCOL 2010, p. 173).

Ferro (1983) menciona ainda que “a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos contaram quando éramos crianças”. Dessa maneira, percebe-se que o livro didático brasileiro contribui para a formação das várias imagens negativa com relação ao Paraguai.

Perguntou-se para os alunos descendentes como a história sobre a guerra era ensinada na escola e se os professores apresentavam algum tipo de preconceito com os brasileiros. Estes afirmaram que, para eles, não existe preconceito e, sim, a lembrança de um período triste que não deve ocorrer novamente. A intenção dos professores é justamente “salvar” os alunos da ignorância, que é a falta de conhecimento, para que este tipo de situação não ocorra mais em seu país.

A mídia também influencia na decisão dos descendentes entre viver no Paraguai ou no Brasil, alguns dizem que não morariam no Brasil devido à criminalidade e violência “*Santa Rita é uma cidade calma e pequena e já estou acostumado a viver aqui*” (aluna descendente, 09/05/2013), outros citaram querer morar no Rio de Janeiro por ter visto na televisão que é uma cidade linda.

A mídia, portanto, constrói e mantém imagens negativas e positivas de ambos os lados. O Paraguai é visto pelos brasileiros que vivem no Brasil como um país desprestigiado, e o Brasil é visto pelos brasileiros que vivem no Paraguai ou como um país em que a violência impera ou como um lugar perfeito para se morar, com suas lindas praias.

2.3 O ESTEREÓTIPO DO NORDESTINO

No Brasil os estereótipos atribuídos aos nordestinos surgem em contraste ao discurso dos brasileiros que vivem no sul do país, estes de origem européia. Como também foram pioneiros e colonizadores, viam os brasileiros da época, índios, negros e mestiços como preguiçosos. Os estigmas que atualmente os brasileiros atribuem ao paraguaio, já foram atribuídos aos brasileiros pelos europeus e continuam em nossa sociedade fazendo com que os sulistas se distingam dos nordestinos, gerando afirmações de que o sul do Brasil sustenta o restante do país reproduzindo uma imagem de superioridade.

Albuquerque (2010) explica que os estigmas são transmitidos entre as gerações por meio da tradição oral e reforçados por meio de alguns mecanismos como, por exemplo, as imagens transmitidas pela mídia.

Sendo assim, os pioneiros do sul do país, migraram com seus descendentes para o Oeste do Paraná e, posteriormente, para o Leste do Paraguai, levando consigo seus estigmas, portanto,

as imagens que fazem do nordestino, do caboclo e do índio no Brasil são transferidas ao camponês paraguaio. Eles afirmam que os paraguaios são como índios e, portanto, preguiçosos. A missão dos imigrantes brasileiros é levar a civilização, o progresso e o desenvolvimento econômico para um país atrasado e com um povo de mentalidade indígena. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 173).

Para Albuquerque, essa visão homogeneizada do paraguaio pode ocorrer devido a três fatores:

Os imigrantes são principalmente brancos e no contraste continuam vendo os mestiços como índios; os paraguaios falam predominantemente o guarani, uma língua de origem indígena, e talvez também reforce a associação entre paraguaios e índios; por último, os camponeses paraguaios se dedicam a uma agricultura de subsistência de matriz indígena, principalmente o plantio da mandioca. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 173-174).

Uma moradora da cidade compara os paraguaios aos nordestinos que, segundo ela, *“trabalham de dia para comer de noite, não se importam com o amanhã, não tem vontade de crescer, os poucos que cresceram foram por influencia dos brasileiros”* (brasileira, 18/04/2013). A empresária, que tem parentes no nordeste brasileiro, diz que não há diferença entre os dois grupos, a explicação para ela seria a de que os índios guaranis, que circulavam entre os dois países, antes da colonização portuguesa e espanhola, permaneceram uma parte no Paraguai e outra parte no nordeste brasileiro, o mais interessante é que ela própria tem suas origens lá. Outro empresário brasileiro que vive no Paraguai ressalta que os verdadeiros brasileiros vivem no norte do país, pois tem origem indígena, já os brasileiros do sul não são totalmente brasileiros porque praticam a cultura européia, deixando implícito que isso os tornam melhores que os demais.¹⁴

2.4 O AMBIENTE DE TRABALHO E O ESTIGMA DE PREGUIÇOSO

Foi possível observar o estigma da preguiça na fala de vários entrevistados, tanto alunos como comerciantes. A fala dos entrevistados está pautada em diferenças culturais existentes entre brasileiros e paraguaios e, principalmente, na história do pós-guerra.

Para um dos entrevistados na exposição agropecuária, a crença de que os paraguaios não gostam de trabalhar é uma questão cultural que vem desde o pós-guerra, isso porque eles tinham que se preocupar com o repovoamento, com a procriação, então *“as mulheres trabalhavam e os homens procriavam”¹⁵*, ele complementa explicando que eles ainda têm esse pensamento, *“não evoluíram, só pensam em conquistar as mulheres”* (brasileiro, 08/05/2013).

O empresário conta que os paraguaios também não são bons empregados, para ele oito em cada dez são ladrões, *“também faz parte da cultura deles, já que está ali vamos pegar, e para eles isso é normal, não é roubar, mas eles sabem que é errado porque fazem isso a noite e não durante*

¹⁴ Esta fala será aprofundada no próximo item, pois esta relacionada ao trabalho.

¹⁵ Esta fala será melhor analisada no último item deste capítulo.

o *dia*” (brasileiro, 08/05/2013). Sua fala é embasada em sua própria experiência na lavoura, ele explica que quando a colheita começa não há hora para acabar, adentra a noite e tudo é feito antes que o tempo mude, mas os paraguaios não aceitam trabalhar mais que 8 horas diárias, mesmo que seja oferecido mais dinheiro pelo trabalho, eles pegam o dinheiro, mas se ficam mais que oito horas trabalhando, no dia seguinte só aparecem a tarde justificando que trabalharam a mais no dia anterior. Segundo ele “os paraguaios preferem ganhar bastante para ficar um longo período sem fazer nada”.

O jovem ainda os compara com os nordestinos e explica: “os brasileiros da região sul não são brasileiros, são alemães, italianos, praticam a cultura européia. Os verdadeiros brasileiros ficam no norte e nordeste porque são descendentes dos índios por isso são parecidos com os paraguaios”. (brasileiro, 08/05/2013).

Em sua fala, ele divide os brasileiros em dois grupos: o primeiro não é o brasileiro “puro”, porque pratica a cultura e os hábitos europeus, dentre eles o trabalho. Já o segundo grupo, os brasileiros “verdadeiros” que não tem raízes européias, portanto, não praticam a cultura do trabalho, que descendem dos índios, estes são parecidos com os paraguaios. Sendo assim, índios, paraguaios e nordestinos possuem o estigma de preguiçosos. E os brasileiros do sul, a virtude do trabalho.

A partir dos ideários de progresso e de civilização europeus; temporalmente, o outro geográfico situa-se como condição a ser superada, pois é alçada àquela do passado e do primitivo, e por isso próximo – senão tal e qual – à condição de natureza (GOETTERT, 2013, p. 20).

Albuquerque Júnior (2007) lembra que o homem também é um animal (racional) e, assim como os demais animais, o homem tem a necessidade de marcar territórios e defendê-los, no entanto, distingue-se, pois tais demarcações ganham sentidos culturais por meio de símbolos e de diferentes tipos de linguagem, “somos seres culturais, capazes de produzir, através de várias formas de linguagens, significados e sentidos para tudo com que nos relacionamos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 07).

O autor afirma que a relação do homem com a terra é uma relação de posse, de domínio e de sentido, por isso traça as fronteiras em relação a outros grupos e atribui à terra um sentido, um significado que por sua vez é marcado pela cultura do grupo e ocorre por meio de símbolos e da linguagem. O ato de nomear a terra é uma forma de dar a ela sentido, de demarcar diferenças em relação a territórios vizinhos e de estabelecer fronteiras, lembrando que o grupo não nomeia apenas a sua terra, o seu espaço, mas também, o do “outro” de acordo com a visão que se tem deste “outro”.

A terra, o povo e um determinado ponto geográfico podem ser nomeados de forma estigmatizante. Assim explica Galetti (2000) sobre o Mato Grosso no período colonial “o Mato Grosso foi parte da invenção de um outro como expressão de um movimento marcador do espaço e das gentes que nele viviam” (GOETTERT, 2013, p.20)

Assim, o Mato Grosso recebeu estigmas de terra atrasada e terra sem lei e o seu povo, na maioria mestiços de descendência indígena guarani era denominado de natureza primitiva, pouco civilizados. “A indolência, a preguiça e a ignorância da população não indígena, majoritariamente mestiça” (GALETTI, 2000, p. 179).

Sabe-se que o povo indígena de origem guarani circulava por um vasto território entre o Brasil e o Paraguai e os lugares que apresentam uma população de origem indígena são considerados até os dias de hoje, como atrasados.

O estigma de preguiçosos é um dos motivos pelos quais os pais (brasileiros) não aceitam o namoro ou casamento de seus filhos (as) com paraguaios, pelo fato de não gostarem de trabalhar. Não só a fala de Marcos, mas de outros entrevistados aponta para o termo “gostar”, revelando que para eles não se trata de “saber trabalhar”, mas sim de “gostar de trabalhar”, ou seja, os paraguaios sabem trabalhar, mas não gostam. Fiorentin (2010, p. 74), traz a fala de um entrevistado que faz a mesma reflexão “*Eu vejo assim, um trabalha mais, e o outro, não é que não trabalha, é que não gosta de trabalhar*”.

Quando os pais dizem que não se deve casar com um paraguaio porque eles são preguiçosos e não gostam de trabalhar, observa-se a exclusão por uma diferença cultural com relação ao trabalho, já que na cultura brasileira o trabalho é visto como progresso e enriquecimento e às vezes é até colocado

como prioridade diante dos estudos (exemplo dos primeiros colonos que não deixavam seus filhos estudarem porque deveriam ajudar no campo). Já para os paraguaios não se trata de preguiça, muitos veem o trabalho do brasileiro, com a terra, como uma forma de exploração da natureza.

Se recorrermos à história da cultura paraguaia, vamos compreender que esta foi formada a partir da junção de elementos de outras duas culturas, a espanhola e a guarani (CARDOZO, 1718). A cultura guarani se distingue principalmente pela língua e pelas formas de organização produtiva, a relação entre homem e natureza é totalmente distinta da relação que o agricultor brasileiro, que vive no Paraguai tem com a mesma.

Schallenberger (2006, p. 24) explica que “a cosmo-ecologia guarani mantinha estreitamente unida à dimensão espiritual e a da natureza [...] entre os guaranis, o movimento ditado pela natureza estabelecia uma certa sincronia entre o mundo e o homem”. Por isso vários acontecimentos como, por exemplo, fenômenos naturais, tinham explicações espirituais e eram atribuídos sentidos por meio do mito e da religiosidade. “O místico prevalecia sobre o factual [...], no universo da vida social, as forças da natureza interagem com os homens. Os deuses e os sentidos emergem de uma relação imediata, onde os fenômenos humanos e naturais são revestidos de um conteúdo religioso mítico.” (SCHALLENBERGER, 2006, p. 24).

Na religiosidade guarani, divindade, homem e natureza são constituintes do mesmo ser. As enfermidades decorrem de uma má conduta, de um modo imperfeito de viver, o remédio é encontrado na fé e na natureza. “A dinâmica dos dons associada à fertilidade da terra, pela disponibilidade de mantimentos e de caça, imprimia à dinâmica social guarani o ritmo da própria natureza”. (SCHALLENBERGER, 2006, p. 27). Sendo assim, o guarani vivia e se deslocava no ritmo da natureza, para onde ela ofertasse melhores condições e suprimentos.

Atualmente, no Paraguai, muitos camponeses ainda sobrevivem da agricultura de subsistência, caracterizada pela utilização de métodos tradicionais de cultivo em pequenas propriedades, diferentemente das grandes lavouras mecanizadas, não utilizam agrotóxicos, pois consideram que polui a natureza e causam doenças ao homem, levando-o até a morte.

O índio guarani não impõe a natureza uma quantidade de produção, ao contrário, retira dela apenas o que ela lhe oferece, para ele a natureza tem algo de divino, isso faz parte de sua cultura, já para o brasileiro trata-se de preguiça. De acordo com Egon Schaden apud Rodriguez (2011, p. 96) os índios guarani não tinham ambições políticas e econômicas “y como las aves del cielo que no siembran ni cosechan, ni acumulan en graneros, así el guarani iba viviendo su vida, sin preocuparse por las necesidades económicas que por ventura le pudieran sobrevenir”.¹⁶

Essa forma de se relacionar com a natureza permaneceu de certa forma na cultura paraguaia, por isso, o maior conflito que existe entre paraguaio e brasileiro é com relação à natureza. O paraguaio preserva, admira e, para ele, o brasileiro destrói e exige dela uma quantidade de produção.

Martins (2009, p. 80) explica este fato afirmando que a evolução do capitalismo, (vivenciado de forma mais intensa por brasileiros quando se trata do início da agricultura no Paraguai) resultou em conflitos nas relações sociais, já que esta não evoluiu tão rápido quanto o primeiro, resultando assim em um “descompasso histórico entre o progresso material e o progresso social”.

Retomando as entrevistas, observou-se que apesar de alguns brasileiros relatarem que preferem empregados da mesma etnia já que os paraguaios são mais preguiçosos e param o serviço a todo instante para tomar tererê, outros se posicionam de forma diferente, como um comerciante que defende os paraguaios:

essa pessoa não conhece o Brasil, essa que fala dos paraguaios. O porquê, porque que eu posso falar pra você com propriedade, eu morei em Rondônia, conheço o Acre a Amazônia, tudo, aqueles são vadio, aqui o paraguaio nem que seja uma porca amarrada numa corda, numa coisa, a mulher dele vende yuyu, tererê ali, o remédio, ele se vira... e eles são mais devagar que o pessoal do sul, sabe, os paraguaios tem o sistema deles, eles tem o horário deles pra toma o tererê, trabalham mais devagar, mas trabalham... eu tenho vários funcionário paraguaio, ele só não produz naquela rapidez que produz o brasileiro, mas você também paga mais barato então, o que que acontece, muitas vezes as pessoas querem paga

¹⁶ O autor faz referência ao texto bíblico Mateus 6,26, “olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta”. Para Egon Schaden, esta é a etnia que melhor vivia o preceito cristão de não se preocupar com o amanhã já que Deus tudo provê.

menos e querem que produza igual o outro que paga mais, então existe esse lado, agora se você olha na produção e no teu custo acaba dando no mesmo (comerciante brasileiro, 07/11/2013).

Alguns paraguaios não consideram que exista preconceito entre os dois grupos, pelo contrário, admiram os brasileiros e explicam porque os paraguaios não trabalham como eles.

O brasileiro tem a mentalidade adiantada, o paraguaio é atrasado. Os paraguaios vivem num ambiente que nunca fez esse tipo de trabalho, o brasileiro tem que ensinar, por exemplo, quando uma paraguaia vai trabalhar na casa de brasileiros ela não conhece fogão a gás, secadora, lavadora, tem que ensinar. Dou razão para o brasileiro ele se desenvolve melhor, o paraguaio não porque a família não incentiva. Eu tiro a parte boa do brasileiro, o ruim descarto (paraguaio que trabalha para brasileiro, 10/05/2013).

Os alunos paraguaios consideram que existe um certo preconceito para conseguir um emprego, eles explicam que os comerciantes preferem contratar os brasileiros e seus descendentes por causa da língua. Os próprios comerciantes paraguaios afirmam que contratam funcionários brasileiros ou descendentes porque a maioria de seus clientes é brasileiro e descendente e estes preferem o atendimento de pessoas de sua própria etnia por uma questão de identificação cultural e linguística.

2.5 AMIZADES E NAMORO ENTRE OS DOIS GRUPOS

A maioria dos alunos (descendentes) informaram ter mais amizades com filhos de brasileiros e que, apesar de terem amizades com paraguaios, *“para fazer trabalhos da escola e ter amizade verdadeira, só com brasileiros” (aluna descendente, 10/05/13)*. Eles explicam que têm mais afinidade, a língua é a mesma e a história também, referindo-se à imigração e, quando saem juntos, os paraguaios são excluídos.

Com relação ao namoro dois alunos informaram que namorariam um paraguaio sem problemas, e outros dois disseram que já namorou ou está namorando, mas os pais não aceitam. Os demais disseram que não namorariam, dentre as explicações, as principais são devido às diferenças culturais.

A aluna que está namorando com um paraguaio explicou que os pais, que são alemães, não aceitam porque são racistas *“eles dizem que os paraguaios tratam mal as mulheres, não vão ser fiel e não vão trabalhar”* (aluna descendente, 10/05/13). Outra aluna contou que os pais jamais deixariam e explica que os mais velhos não gostam dos paraguaios, não só os pais, *“não conheço nenhum parente que goste, a geração de agora aceita mais que os antepassados, namorar sério para apresentar para a família não, ainda mais alemão”* e citou o caso da amiga que havia falado anteriormente comigo *“eles já não gostam de preto, imagina se falar que é paraguaio”* (aluna descendente, 10/05/13).

Outros alunos citaram como empecilho a língua e as diferenças no comportamento além da proibição dos pais. *“Acho muito estranho, o jeito de viver é diferente. Meu pai diz que não devo namorar um paraguaio para não sofrer porque eles são muito bruto com as mulheres e também acho eles meio porco”* (aluna descendente, 10/05/13). Um aluno explica que os paraguaios querem que as filhas namorem com brasileiros devido ao status econômico ser maior, *“não pela menina, mas pelos pais. Eles até querem por causa do dinheiro, os brasileiros têm mais capital”* (aluno descendente, 10/05/13).

Já as alunas paraguaias contam que seus pais preferem que elas namorem os brasileiros porque eles são mais trabalhadores, *“os paraguaios são mais conformista, não há muito progresso. Os daqui pensam diferente, o ambiente muda a mentalidade, os paraguaios veem os brasileiros progredindo e mudam por influencia deles”* (aluna paraguaia, 31/10/13).

2.6 O ESTIGMA RELACIONADO A HIGIENE

Os padrões de higiene em vigor entre os Guaraní são muito rudimentares, o que naturalmente favorece a difusão de moléstias infecciosas de toda sorte. De ordinário, não se nota a menor preocupação como asseio corpóreo [...]. O cheiro de suor e de fumaça que os caracteriza tem sido tomado erroneamente como “odor racial” (SHADEN, 1974, p. 21)

Constatou-se que os paraguaios também recebem estigmas com relação à higiene. Os alunos afirmaram não frequentar restaurantes e lanchonetes de paraguaios por questão de higiene, tão pouco a cantina da escola que é de uma paraguaia “*não sei quem faz nem como é feito*” (aluna descendente, 25/04/13), outra aluna diz que só compra “enlatados” referindo-se a alimentos e bebidas fabricadas que são embalados em pacotes, latas e garrafas, “*vai saber se eles lavam as mãos antes de fazer as coisas*” (aluna descendente, 25/04/13). Somente uma aluna afirmou que prefere comer a comida paraguaia quando é um paraguaio que faz, já que a comida típica é feita melhor por eles que por brasileiros.

O principal termo utilizado pelos alunos foi “porco”, um aluno disse que alguns não têm o hábito de tomar banho, mas eles explicam que não se deve generalizar, pois nem todos são assim: “*são preguiçosos e sujos, mas nem todos, alguns são **amigáveis***” (grifos do autor). O termo “amigável” foi utilizado por vários brasileiros e descendentes para caracterizar os paraguaios e faz lembrar ideia do “não humano” de Martins (2009). Contrapondo os termos amigável x hostil, temos a impressão de que os paraguaios são enquadrados no grupo do Outro, mas um Outro com quem ainda se pode manter contato, um Outro que não é “bárbaro”.

2.7 VOLTAR PARA O BRASIL

“Santa Rita é um pedacinho do Brasil que a gente plantou aqui. Não temos vontade de voltar porque aqui a gente se sente em casa. Só nos sentimos em outro país quando viajamos para as apresentações do CTG, Assunção por exemplo é bem diferente

daqui, aí percebemos que não estamos em casa". (mãe de aluna, 30/10/2013).

Uma aluna relata que o único lugar em que não se sente "em casa", ou seja, o lugar em que ela percebe que esta em outro país, é na escola. Segundo ela a escola em que estuda é a que tem maior presença de alunos paraguaios, além disso, a direção da escola coloca barreiras para os pais brasileiros, impedindo-os de participarem de algumas comissões e reuniões, somente os pais paraguaios podem participar.

A presença de paraguaios de Assunção na cidade e na escola também faz com que os brasileiros não se sintam totalmente em casa. Segundo eles há uma diferença entre os paraguaios daqui (da fronteira) e os paraguaios que vem da capital.

"Os daqui já estão mais habituado, a convivência é melhor, os de fora se incomodam mais, são mais racistas, eles dizem assim: o que que esses brasileiros tão fazendo aqui, porque não voltam pro país deles?" (aluna descendente, 30/10/2013)

Procurou-se saber também, se os brasileiros e seus descendentes pretendem voltar para o Brasil ou permanecer naquele país, apenas um aluno disse que os pais pretendem voltar para conseguir a aposentadoria e duas alunas pretendem fazer a faculdade no Brasil e depois retornar, isso porque com diploma do Brasil o currículo é mais valorizado.

Dentre os motivos para não voltar para o Brasil está o alto índice de criminalidade e o fato de ter se acostumado com Santa Rita que é uma cidade pequena e calma.

2.8 SAÚDE: A BUSCA DE ATENDIMENTO NO BRASIL

No ano de 2006 foi criado no Brasil o Sistema Integrado de Fronteiras – SIS FRONTEIRAS, com o objetivo de promover a integração dos sistemas de saúde dessa região uma vez que há a prestação de serviço para a população dos países fronteiriços.

Como a faixa de fronteira é muito extensa e faz divisa com diferentes países, apresenta diferenças de uma região para outra, portanto, é feito um diagnóstico em cada município que adere ao programa, para que

as necessidades específicas do município e da população que utiliza o sistema de saúde possam ser identificadas e atendidas da melhor forma possível, com ações e planejamento voltados à melhoria da qualidade de vida da população atendida. O município adere ao programa, assinando termo de adesão com a União, por intermédio do Ministério da Saúde, e como Estado respectivo, através da Secretaria Estadual da Saúde (FIGUEIREDO, 2013, p. 63),

Uma pesquisa sobre o acesso à saúde revelou que na fronteira com o Paraguai os serviços mais procurados são de emergência, parto, consultas básicas e procura por medicamentos. Outra pesquisa realizada em 2007 constatou

que 69% dos municípios na faixa de fronteira do Brasil com Uruguai, Paraguai e Argentina não registram os atendimentos como prestados a estrangeiros, apesar de 93% das unidades de saúde pesquisadas apontarem a existência de demanda para atendimento de estrangeiros (FIGUEIREDO, 2013, p. 66).

De acordo com a pesquisadora um dos motivos para não haver o registro de atendimento a estrangeiros é a dupla nacionalidade. “É extremamente comum nessa fronteira a existência de famílias binacionais e que, por isso, possuem documentação brasileira e paraguaia, apresentando cada qual conforme a conveniência e oportunidade” (FIGUEIREDO, 2013, p. 70).

A questão da exigência da documentação brasileira para o atendimento é, de fato, um problema. Há relatos de famílias binacionais residentes na fronteira na qual alguns filhos são brasileiros e outros paraguaios, decorrência da alternância de domicílio nesses países por conveniência dos pais. A exigência da documentação brasileira gera distinção no tratamento de irmãos: uns recebem o atendimento eletivo; outros não (FIGUEIREDO, 2013, p. 70).

De acordo com os pais de alguns alunos, muitos brasileiros atravessam a fronteira em busca de médicos no Brasil porque não confiam nos médicos paraguaios, eles contam que não há fiscalização. *“Aqui qualquer um pode abrir uma farmácia e vender medicamento ou aconselhar a pessoa que medicamento tomar, tem médico que nem é médico e tem uns que se formam em uma área, mas atuam em outra. Mas nem todos são assim, existem os bons, você só tem que pesquisar e achar”*, conta a mãe de uma aluna (brasileira, 30/10/2013).

A mãe conta que fez o pré-natal do segundo filho em Foz do Iguaçu, queria que o parto também fosse lá, mas temia que o bebê nascesse no meio do caminho durante a travessia da fronteira.

“Minha amiga teve o bebê dentro da ambulância porque não deu tempo, daí eles te levam pra qualquer hospital. Então resolvi ter em Ciudad del Este, pelo menos assim eu poderia escolher um hospital e um médico, o próprio médico de Foz me indicou um em Ciudad del Este e eu tive tempo de pesquisar e conhecer o hospital antes. Em Santa Rita eu não sei, mas em Ciudad del Este tem bastante médico bom”. (brasileira, 31/10/2013).

A mãe conta ainda que o registro dos filhos também é um problema, *“eu nem queria registrar ele aqui no Paraguai, mas no final registrei”*. A cidadania brasileira garante aos filhos de brasileiros residentes no Paraguai acesso a diversos benefícios, como a saúde. Os pais também pensam na possibilidade de os filhos estudarem ou até residirem futuramente no Brasil.

Não são somente os brasileiros que buscam os serviços de saúde do lado brasileiro da fronteira, os paraguaios também, no entanto, muitas vezes os filhos de estrangeiros não conseguem encaminhamentos médico devido a nacionalidade dos pais.

Figueiredo (2013, p. 74-75) destaca uma ação judicial promovida pelo Ministério Público Federal no Estado de Santa Catarina e no município de Foz do Iguaçu, que buscava garantir o atendimento a brasileiros residentes no Paraguai e estrangeiros em situação de emergência, o que já estava ocorrendo nas referidas regiões, *“os brasiguaios, independentemente de comprovação da nacionalidade brasileira, estavam recebendo praticamente o mesmo*

atendimento dispensado aos nacionais”. No entanto, não havia uma estimativa, pois não se sabia ao certo quantos eram brasileiros e quantos eram paraguaios.

2.9 OS ESTIGMAS RECORRENTES DO PERÍODO PÓS-GUERRA

Ao longo desta pesquisa observou-se que várias situações de discriminação são explicadas pelos sujeitos referindo-se ao período pós-guerra. “El período de la posguerra transcurrió entre la ocupación de las fuerzas invasoras y el llamado período constitucional [...]” (RIVAS e ARIAS, 2014, p.10).

Além de perder grande parte de seu território para os países invasores, vários estrangeiros ocuparam terras ou por invasão ou por doação do próprio governo. É deste período surge o estigma de ladrão, que os paraguaios atribuem aos brasileiros que lá vivem.

Nóis sofremo muito preconceito por ser brasileiro, uma que era ditadura na época, um pouco de racismo por causa da época da guerra, até hoje ainda rola esse preconceito dos paraguaio, é claro que hoje melhora 90% mas ainda não tem uma convivência boa de 100%, sempre quando tem algum conflito eles esfrega na cara da gente que aqui nós tamo na terra deles (pai de aluno, 26/04/2013).

Os brasileiros também atribuem o estigma de preguiçoso, tanto na escola como no trabalho, tendo como justificativa o período pós-guerra.

A maioria não se esforça [na escola], acho que vem de família, antigamente os paraguaios só serviam para procriar, tem paraguaio que ainda não saiu dessa época (aluno descendente, 09/05/2013).

Após a guerra os homens tinham que procriar para repovoar o país, as mulheres trabalhavam e os homens procriavam eles ainda têm esse pensamento, não evoluíram, só pensam em conquistar as mulheres (empresário, 08/05/2013).

Córdova (et al., s. d.) cita duas políticas adotadas pelo governo, durante o pós-guerra, para reerguer o país que se encontrava em uma situação miserável.

Frente al desastre demográfico, las autoridades paraguayas optaron como primera medida gestionar migraciones desde otros países – europeos en su mayoría - . En primer lugar se llevó a cabo de una especie de “campaña publicitaria, para promover la migración hacia Paraguay (CÓRDOVA et al., s. d.).

Córdova (et al., s.d.) se apóia nos estudos de Harris Warren para afirmar que, diante do insucesso da política migratória as autoridades paraguayas decretaram “el Amor Libre”.

Para el autor antes mencionado [Harris Warren], el “Amor Libre” supone que tanto hombres como mujeres pueden mantener relaciones con otros, es decir, se permite la práctica de la poligamia y la poliandria. De una u otra forma al implementarse esta política de “Amor Libre”, se iniciará una lucha entre natalidad y mortalidad (a causa de enfermedades venéreas) [...]. En la época podemos apreciar a una iglesia pasiva con un papel secundario, pues bajo la administración del Dr. Francia, esta perdió poder y relevancia. Como medida para frenar la imagen inmoral que daba Paraguay a los otros países, es que se aprobó una ley de matrimonio que permitía estas prácticas de “Amor Libre”.

Rivas e Arias (informação verbal)¹⁷ explicam que houve uma reconfiguração social da família após a Guerra da Tríplice Aliança. Segundo as estudiosas o chamado período de “Amor Libre” não é uma política oficializada pelo governo, o que ocorreu foi que a igreja fechou os olhos para o fato de a mulher ter filhos de homens diferentes “*unión libre para poblar el país, no se trata de sexo libre*”. Assim também afirma Dávalos (1907, p. 71) “en efecto, las familias paraguayas, en su mayor parte, siguen siendo familias sin jefes, los hijos son naturales y abundan los de padres desconocidos”.

¹⁷ Informação fornecida no Curso de Língua Guarani, ministrado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo, em junho de 2014.

matrimonio y familia, nunca generalizados antes, prácticamente desaparecen en 1870, además del hecho de ser la figura del padre prácticamente desconocida para la mayoría de los niños jóvenes. Según este autor, en algunas comunidades las mujeres se revezaban para usar el único hombre más o menos entero y hábil con fines procreadores (ARDISSONE, 1994, p. 34-35 *apud* SILVA 2001).

Decorrente deste período surgiu um novo problema social, a discriminação das crianças que tinham apenas um sobrenome. *“El apellido del padre era más valorado, distinguía el hijo legítimo y el no legítimo”*. Este preconceito tem origem na cultura espanhola e era vivenciado no ambiente escolar, *“el maestro que discriminaba, los maestros eran criollos de origen española, pero nacidos en Paraguay. No se aceptaban docentes que no tenían padre”* (RIVAS e ARIAS, informação verbal).

Silva (2001, p. 80) confirma o fato de que os docentes eram homens, situação que só mudou depois do período pós-guerra com o acesso das mulheres a educação: “Hay evidencias de que tanto estudiar como dar clases eran tareas todavía destinadas a los hombres en los primeros años de la posguerra, situación que apenas se modificó por la absoluta superioridad demográfica femenina”.

De acordo com a pesquisa de Alberto Silva (2001), durante o período pós-guerra, o papel da mulher paraguaia foi amplamente discutido pela classe burguesa da capital do país, segundo o autor, uma minoria burguesa denominada “regeneradores”¹⁸, queria estabelecer no país os padrões europeus em contraposição a cultura popular que era vista como bárbara.

cuán contradictorio es el liberalismo impuesto al Paraguay después de la guerra de la Triple Alianza. Los "regeneradores", en nombre de la modernidad y del progreso condenan, por anticuados y por ser símbolos de "barbarie", todo lo que el Paraguay tenía de peculiar. Pretendían transformar el Paraguay en un país europeo en la América (SILVA, 2001, p. 110).

¹⁸ Movimento liberal-conservador que surgiu no período pós-guerra, com o intuito de reconstruir o país.

O estudioso explica que o comportamento da mulher da classe popular era questionado e tido como imoral. Ocorria que muitas mulheres perderam seus pais, irmãos e maridos na guerra, muitas foram para Assunção cuidar de algum parente, trabalhar no comércio ou, simplesmente, mendigar. Para garantir o sustento passaram a

cocinar, lavar y planchar, no sólo para su misma familia sino también para otros hombres que no tenían quien les cuidara. Esos otros hombres pronto se convertían en sus amantes, o bien, un amante pasaba a ser un cliente que pagaba a la mujer por sus servicios domésticos. Paulatinamente, la relación se convertía en algo intermediario entre el concubinato y una unión libre (SILVA, 2001, p. 88).

Além dos serviços domésticos, as mulheres vendiam frutas, doces, chipa e enrolavam cigarros, no campo prevalecia a agricultura de subsistência e a tecelagem. O ideal de mulher frágil e submissa ao homem era vivido por uma minoria burguesa, mesmo antes da guerra as mulheres da classe popular já garantiam a continuidade da família na ausência do homem que, muitas vezes se ausentava para trabalhar no campo e servir o exército. “Las mujeres paraguayas se acostumbraron a contar consigo mismas y a ser casi las únicas responsables de su prole” (Silva, 2001, p. 89).

Essa mulher que vivia sozinha e que lutava para garantir seu sustento era vista a partir da classe dominante como símbolo de barbárie e de atraso social, no entanto, foi esta mulher que garantiu, não só, a continuidade da sociedade paraguaia, como também, da língua e da cultura guarani, que também não eram bem vistas pela burguesia de Assunção. “Contradictoriamente, se le destaca como la grande heroína de la "epopeya nacional" (SILVA, 2001, p. 111).

Para o autor, os desvios morais da classe popular se justifica por uma desorientação causada pela guerra, desorientação que causou vários suicídios e distúrbios psicológicos entre a população mais pobre registrados pelos jornais, além do aumento da violência e da marginalidade, principalmente entre as mulheres que, naquele momento, formavam a maioria da população. Ao

mesmo tempo que eram condenadas, cabia a elas assegurar o futuro da população.

Para los "regeneradores", tocaba a la mujer apenas ser la "progenitora de la [...] regeneración, la reedificadora de la [...] nacionalidad caída", en las palabras, por ejemplo, de Juan R. Dahlquist, Maestro Normal e Inspector General de Escuelas entre 1906 y 1910 (1912-173, apud SILVA 2001).

Un eslabón mantiene las mujeres y los hombres pobres atados a un destino común; el mismo círculo de hierro los aprisiona a la esfera de la vida privada, ocupados de las tareas necesarias a la reproducción de la especie. Seres dominados por los atributos restrictivos del campo de la necesidad, en ellos prevalecen los instintos, la irracionalidad, los sentimientos. Seres incapaces de sobreponerse a los imperativos de la naturaleza, a ellos queda vedado el acceso al dominio de la palabra, de la razón y de la acción política, en una palabra, al campo de las convenciones que racionalizan la convivencia entre los hombres, haciendo posible la propia sociedad civilizada (BRESCIANI, 1991, p.76, apud SILVA 2001).

Esse olhar superior da classe dominante de Assunção para com a população mais pobre que, atualmente, se encontra na zona rural, teve início desde a colonização, foi reforçado no pós-guerra e ainda permanece na sociedade paraguaia conforme observado nesta pesquisa. Observou-se na cidade de Santa Rita, que os paraguaios que já viviam nesta região fronteiriça são estigmatizados pelos próprios paraguaios que vieram da capital, para estes a invasão brasileira é permitida pelo próprio povo paraguaio que chega a deixar de falar a sua língua para falar a língua do outro.

Desde a época do pós-guerra, os paraguaios de Assunção discriminam os paraguaios da classe popular e se consideram mais civilizados, conforme apontado por Silva (2001, p. 112).

la capital paraguaya, nunca tuvieron en consideración los rasgos de la cultura tradicional guaraní-paraguaya, siempre tratada como señal de "atraso" y de "ignorancia". [...] Los "regeneradores" fueron incapaces de imponer la lengua europea, "civilizada", vehículo, según sus defensores, de la cultura del progreso, de las luces, de la ilustración. Tal incapacidad llevó a que la clase dominante, más de un siglo después, se viera forzada a admitir el guaraní como segunda

lengua oficial del país, reconociendo, con un atraso de más de 130 años, el peso de la cultura popular y de su idioma sobre la occidentalización forzada.

A importância cultural do guarani, bem como sua discriminação por parte dos próprios paraguaios que, já estava presente na sociedade conforme apontado pelo autor acima citado, também foi observada nesta pesquisa, o que significa que muitas das situações de discriminação acima citadas, continuam ocorrendo na sociedade atual. Assim como os próprios paraguaios, alguns brasileiros também veem este idioma a partir de uma visão negativa. Por tanto, fez-se necessário explorar um pouco mais sobre a história desta sociedade, mais especificamente sobre o uso das línguas, para compreender o momento presente, conforme será exposto no próximo capítulo.

CAPITULO III: O BILINGUISMO E OS CONFLITOS LINGUÍSTICOS

Este capítulo abordará a questão do bilinguismo, primeiramente de uma forma geral, já que os autores apontam tipos e níveis diferentes de bilinguismo e apenas um será adotado para esta pesquisa. Em seguida, será exposto sobre a história do bilinguismo paraguaio (espanhol/guarani), de que forma ele esta presente e é vivenciado na sociedade, sua importância cultural e o preconceito atribuído até hoje por muitos paraguaios, o que resultou na negação dos próprios falantes da língua. Para finalizar, o bilinguismo dos brasileiros e seus descendentes e a sua visão para com o guarani. Esta exposição se faz relevante uma vez que, as várias línguas presentes na sociedade se manifestam e são impostas ou proibidas, principalmente, no ambiente escolar.

Segundo Siguán (2001) uma sociedade bilíngue se caracteriza por ter indivíduos bilíngues e duas línguas que possuem algum tipo de vigência social, ou seja, cada língua é utilizada de acordo com a situação seguindo normas explícitas ou implícitas. Um exemplo de norma explícita que determina a língua a ser utilizada é o caso da sala de aula, é determinado que os alunos falem o espanhol, mesmo que sua língua materna seja outra, bem como nas escolas do lado brasileiro da fronteira, em que é determinado que o aluno fale português, mesmo que sua língua materna seja o espanhol ou o guarani.

De acordo com Mackey (1968) “o bilinguismo é uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis, desde uma competência mínima até um domínio completo de mais de uma língua”, além disso, é relativo, já que o nível de competência em ambas as línguas esta relacionada ao ambiente em que o indivíduo está inserido, por isso, de acordo com o ambiente o domínio de uma determinada língua pode ser superior à outra. “A condição de bilíngüe se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas” (HEYE, 2003, p. 34).

Assim, brasileiros que vivem no Paraguai e brasileiros que vivem na Espanha podem ser considerados bilíngues mesmo que o segundo grupo tenha uma maior competência comunicativa na língua espanhola em relação

ao primeiro grupo. Essa diferença do nível de competência entre os dois grupos citados como exemplo ocorre porque os brasileiros que vivem no Paraguai não se sentem em um país estrangeiro, além de serem maioria (no caso de Santa Rita e de algumas cidades próximas à fronteira) os próprios nativos que tem o espanhol como Língua Materna procuram falar o português, o que faz com que o uso do espanhol se restrinja as entidades públicas como escola, banco, prefeitura e, muito pouco ao comércio. Vale ressaltar que são considerados bilíngues a geração já nascida no Paraguai, já que os primeiros migrantes não estudaram no país e falam apenas algumas palavras em espanhol, mesclando com o português, gerando o chamado portunhol.

Cada língua está inserida em uma determinada cultura que constitui uma visão de mundo diferente das demais, portanto,

El hecho de que el niño aprenda a hablar en una lengua determinada, quiere decir que adquiere un lenguaje que está constituido por significados estrechamente unidos a una cultura y que determinan una cierta manera de ver el mundo, lo que no está genéticamente establecido, sino que es el resultado de una evolución histórica. Y el niño aprendiendo a hablar en una lengua determinada de alguna manera conforma también su manera de ser (AGÜERO, 2011, p. 45).

Cada língua cumpre determinadas funções que são determinadas por meio de normas sociais. É considerado bilíngue o indivíduo capaz de utilizar as duas línguas de acordo com sua função o que não implica o domínio perfeito das duas línguas. Dentre as duas línguas está a Língua Materna, identificada como LM ou L1, apreendida no âmbito familiar, e a segunda língua ou L2, apreendida também na convivência com a família ou na escola, como uma língua estrangeira.

Vale ressaltar que uma língua está diretamente ligada a cultura e a identidade de um povo. Soria (2011, p. 165) esclarece que a língua é a maior herança recebida da comunidade do qual se faz parte.

Porque es en el lenguaje que hablamos y por el que somos hablados en donde tomamos conciencia de nosotros mismos y hacemos la experiencia del otro, de los valores y de la verdad y, en general, del mundo. [...] Sabernos partícipes de una

comunidad histórica, apropiarnos de saberes y conocimientos, compartir creencias, valores y normas [...].

Rajagopalan (1998, p. 43) explica que “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa, anterior, e fora da língua”. Nesta mesma linha de raciocínio, Chnaiderman (1998, p. 49), aponta que tanto a língua(gem) como a identidade inserem-se em culturas diversas, ou seja, não há como definir a identidade de um indivíduo sem associá-la a cultura em que se está inserido. Mey (1998) afirma que a língua é um dos principais fatores que estabelecem a identidade étnica, pois, ressalta o autor, um mínimo detalhe, como por exemplo, a pronúncia, sotaque ou dialeto, podem identificar um indivíduo como pertencente a uma determinada etnia, uma vez que a língua é um dos fatores que caracterizam uma determinada cultura e faz parte da identidade de um povo, é também a língua que identifica um indivíduo como pertencente a um determinado grupo. (MEY, 1998).

3.1 O BILINGUÍSMO PARAGUAIO

Alguns autores afirmam que o bilinguismo paraguaio começou em 1537 com o apoio de Irala, com base em uma tradição cultural dos guaranis, a exogamia.

los guaraníes estaban acostumbrados a hacer ese tipo de alianza entregando sus mujeres; es decir, como prenda de cumplimiento del pacto, [...]. Las mujeres eran sirvientas de los españoles y, que no valga como ironía, sirvienta para todo servicio, los trabajos de la rosa y también en la casa, madre de mestizo, nunca se le casaron con ellas [...] Esos mestizos fueron criados por las madres de acuerdo a ala costumbre guaraní, exclusivamente a cargo de la madre, entonces que más natural fue que esos niños hablaran el idioma materno. (MARSAL, 2011, p. 52-53).

Rodriguez (2011) confirma a importância da mulher para este período da história do Paraguai, já que foi ela que fez com que a língua e a cultura guarani se mantivessem socialmente.

Las mujeres guaraníes se constituyeron en un factor fundamental de reproducción biológica y cultural, así como de fuerza de trabajo. Criaban a sus hijos y los socializaban en la lengua materna, ya que la relación con el padre, con ser esporádica y pobre, también era posible, por cuanto que los conquistadores hispanos pronto aprendieron a comunicarse en guaraní con sus hijos y con sus esposas. Por consiguiente el mestizo y la mestiza libres, nacidos de madre guaraní y padre hispano, son guaraní parlantes y constituyen el germen inicial de nuestra nacionalidad. (RODRÍGUEZ, 2011, p. 97).

Peres (2001, p. 42) explica que o guarani falado no Paraguai atualmente, se difere do guarani tribal.

É importante observar que a língua guarani que está em questão no Paraguai é uma variante designada como guarani paraguaio, ou seja, não se trata da língua original, pré-hispânica. Mesmo porque, o chamado guarani tribal - utilizado ainda hoje por grupos indígenas remanescentes, como os Pai Tavyterã, Ava katu ete e Mbya - constitui-se de uma multiplicidade de dialetos.

O autor destaca ainda, que o guarani recebeu grande reconhecimento durante a Guerra da Tríplice Aliança, já que o idioma foi utilizado como uma arma, para que os invasores não os compreendessem, assim, instruções militares e até jornais circulavam em guarani. Peres (2001) explica que, apesar de serem em sua maioria analfabetos e não conseguirem ler os jornais, ao verem sua língua sendo utilizada, os falantes do guarani se identificavam com um Estado do qual não faziam parte, e se mobilizavam para participar da guerra.

Saber que a sua língua passava a ser usada em jornais e consignas tomava-se fator de identificação com este estado - a guerra não era mais assunto de *criollos*, mas sim de toda a *nação guarani*. Essa utilização estratégica da língua repetiu-se

em outros momentos da história paraguaia (PERES, 2001, p. 13 grifos do autor).

O Guarani foi reconhecido como idioma nacional em 1967, mas somente em 1992 passa a ser idioma oficial, assim, o Paraguai passa a ser visto como um país pluricultural e bilíngue e se estabelece a Educação Intercultural Bilíngue, ou seja, as duas línguas são ensinadas, sendo que, a alfabetização se dá na língua materna do aluno e não mais somente em espanhol, como ocorria até então.

Em alguns países como, por exemplo, a Bolívia e o Paraguai, existe o Ensino Intercultural Bilíngue em que a cultura e a língua materna do aluno são preservadas e a aquisição de uma segunda língua se dá a partir da primeira, preservando assim a sua identidade.

Do ponto de vista cultural, a língua materna desempenha um papel importante para formar e estabilizar a identidade individual da criança e para formar sua personalidade. Essa língua é importante porque é portadora dos conhecimentos sociais e culturais do grupo sociocultural ao qual a criança pertence. Enquanto que a segunda língua é portadora dos conhecimentos de outras culturas e outros grupos culturais com os quais se relaciona. (CONDO, 2009, p. 216).

Desta forma, este tipo de ensino propicia ao aluno expandir as possibilidades de desenvolvimento cultural, reconhecer nos outros, diferentes formas de ver o mundo e de encarar problemas de natureza diversa. Além disso, é na língua materna em que a expressão, a compreensão e a reflexão ocorrem de forma mais competente e completa, já em uma segunda língua as dificuldades são maiores.

Em 2010 foi aprovado a Lei de línguas com o objetivo de manter o guarani já que, mesmo após ser considerado um idioma oficial, era pouco utilizado. Com essa lei ele passa a ser obrigatório em todos os ambientes públicos. Um estudante de direito explica que, a partir desta lei, as audiências podem ocorrer inteiramente em guarani se assim solicitado, mas, segundo ele, isso vai demorar para ocorrer já que não existem pessoas capacitadas. Segundo este estudante o que ocorre é que a pessoa que tem o domínio da

língua na oralidade, não o tem na escrita e vice versa. Acredita-se que a partir de 2015 as repartições públicas já tenham interpretes em guarani, uma vez que concursos público já estão sendo realizados.

A Lei de línguas estabelece também que 30% da programação do rádio e 10% da programação televisiva seja em guarani, isso ocorre no período da manhã, por volta das cinco horas e no final da tarde, horário em que falantes desta língua acordam e quando retornam do trabalho.

Observa-se que, mesmo sendo a língua mais utilizada pela população durante anos a demora na sua aceitação e oficialização demonstra o preconceito que uma parcela da sociedade paraguaia teve com esse idioma.

Sociologicamente, esta identificação do guarani paraguaio como *língua da pobreza* talvez seja seu traço mais característico. Essa característica constitui-se, precisamente, numa das manifestações mais claras da permanência naquela sociedade de estruturas e relações remanescentes do período colonial [...]. É, também, um dos fatores do desprestígio do guarani, apesar de ser a língua mais utilizada pela população. (PERES, 2001, p. 43-44 grifos do autor).

Campos (2011) define a sociedade paraguaia como uma sociedade de línguas em contato já que existem duas línguas oficiais, sendo os indivíduos desta sociedade bilíngues ou monolíngues. O bilinguismo ocorre porque estes indivíduos vivem em uma sociedade em que duas línguas são utilizadas.

A estudiosa explica que tanto o espanhol como o guarani, possuem determinada vigência social, ou seja, são utilizadas em determinadas situações de acordo com normas explícitas ou implícitas.

En estas sociedades, generalmente las lenguas no tienen el mismo estatus social ni cumplen las mismas funciones, es frecuente el desequilibrio de fuerzas que en la mayoría de los casos favorece a la lengua del conquistador y a sus hablantes. [...] En estas sociedades es frecuente que los conflictos no provengan tanto del desconocimiento de la otra lengua como del valor que se concede a una y otra, y de las discrepancias sobre el lugar que una y otra deben ocupar en la vida social, incluyendo a sus hablantes. (CAMPOS, 2011, p. 189-190).

A autora destaca a problemática da inclusão social dos falantes da língua guarani que estão relacionadas, dentre outros fatores, ao lugar em que vivem (urbano/rural), que resulta na desigualdade e segmentação social, “lo grave es que las diferencias se están reproduciendo em las nuevas generaciones”. (CAMPOS, 2011, p. 190).

Isso pode ser observado por meio do Censo Demográfico, em 2002 registrou-se o menor índice de monolíngues em guarani e aumento de monolíngues em castelhano¹⁹. “El bilingüismo paraguayo es dinámico, pero a grandes rasgos, refleja el crecimiento de la población en general, mientras que la tasa de crecimiento del guaraní es notablemente menor y la de crecimiento del castellano significativamente mayor” (AGÜERO, 2011, p. 19).

Em 1950, 37% da população paraguaia era monolíngue em guarani, esse número caiu para 28% em 2002, enquanto que o monolíngüismo em castelhano subiu de 4% para 10%, já o bilingüismo castelhano/guarani passou de 57% para pouco mais de 52%.

LÍNGUA PREDOMINANTE	GUARANI	CASTELHANO	PORTUGUÊS	ALEMÃO	INDIGENA
Assunção	20.4%	78.1%	0.4%	0.3%	0%
Alto Paraná	55.7%	59.2%	13.3%	0.8%	0.5%
Canindeyú	59.2%	9.5%	25.9%	1.4%	4.0%
San Pedro	92.4%	5.2%	0.4%	1.8%	0.2%
Boquerón	15.8%	11.5%	2.0%	34.1%	36.3%

Censo 2002 (AGÜERO, 2011, p. 21)

O uso do guarani esta mais presente no Departamento San Pedro, já o Departamento com menor índice de guarani revela uma maior presença do Alemão no Departamento Boquerón. A maior concentração do castelhano está na capital Assunção e de português em Canindeyú seguido de Alto Paraná.

¹⁹ Os termos castelhano e espanhol são utilizados concomitantemente nos documentos de análise do Censo, apesar de se tratar da mesma língua, o termo castelhano é preferido pelos paraguaios, já que a variante falada no país é distinta de variante da Espanha. É o caso do português de Portugal e do português do Brasil, é a mesma língua, regida pela mesma gramática, mas pronunciada de forma distinta.

Por meio dos dados do Censo sobre o uso linguístico por Departamento, é possível observar o movimento migratório com maior índice das línguas portuguesa e alemã nos Departamentos fronteiriços com o Brasil. É também possível observar uma maior utilização do castelhano em Assunção, de acordo com o encontrado nesta pesquisa, já que os alunos vindos da capital não falam guarani, apesar de relatarem que os pais falam.

A pesar de haber gozado de un famoso e insólito bilingüismo social estable, hoy en día el Paraguay se está sometiendo al mismo proceso de aculturación e incorporación del hablante de lenguas indígenas, el cual caracteriza a toda otra nación americana. El patrón típico es que los padres siguen hablando su lengua tradicional, los hijos la aprenden a medias, y los nietos se quedan con sólo uno que otro rastro de su herencia etnolingüística. Esto ocurre porque los padres, deseosos de que los hijos tengan éxito, les niegan acceso al idioma tradicional (AGÜERO, 2011, p. 22).

Outro motivo para a diminuição do monolinguísmo em guarani é a migração interna em busca de emprego para as áreas urbanas, onde há o predomínio do bilinguísmo e monolinguísmo em castelhano. Sendo assim, os indivíduos passam a falar mais o castelhano, língua de prestígio e de maior índice nessas áreas.

Um quadro que apresenta a língua predominante por idade revela que, mesmo na zona urbana em que o bilinguísmo e o monolinguísmo em castelhano são superiores ao monolinguísmo guarani, quando se trata da faixa etária mais alta, dos 40 a 60 anos ou mais, o monolinguísmo guarani supera os demais. Já na zona rural o monolinguísmo guarani é superior independente da idade. Isso revela que o monolinguísmo em guarani se concentra na zona rural e em indivíduos com mais idade na zona urbana.

Cuadro 1-7. Población paraguaya por edad y lengua, 2002 (porcentajes en fila)

Área	Edad	Lengua(s) Hablada(s)									
		Guaraní		Guaraní-Castellano		Castellano		Portugués		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Urbana	5-9 años	47.586	13,8	181.094	52,7	98.545	28,7	5.821	1,7	343.762	100
	10-14 años	37.668	11,3	212.391	63,9	60.736	18,3	7.547	2,3	332.189	100
	15-19 años	32.772	9,9	213.702	64,8	51.724	15,7	9.581	2,9	329.801	100
	20-39 años	106.491	11,6	594.818	64,6	121.391	13,2	31.590	3,4	920.515	100
	40-59 años	71.884	14,6	326.998	66,4	52.642	10,7	13.543	2,7	492.699	100
	60 años y más	47.785	22,7	132.742	63,1	15.736	7,5	2.875	1,4	210.244	100
	Subtotal Urbana	344.186	13,1	1.661.745	63,2	400.775	15,2	70.957	2,7	2.629.209	100
Rural	5-9 años	191.118	59,0	92.589	28,6	13.478	4,2	9.818	3,0	324.023	100
	10-14 años	155.088	49,5	127.287	40,6	9.448	3,0	8.172	2,6	313.202	100
	15-19 años	101.945	40,6	120.698	48,1	7.671	3,1	7.809	3,1	250.883	100
	20-39 años	247.826	43,5	241.777	42,4	18.498	3,2	25.280	4,4	570.356	100
	40-59 años	179.758	53,1	119.300	35,2	7.170	2,1	12.626	3,7	338.694	100
	60 años y más	99.855	63,2	45.938	29,1	1.699	1,1	3.170	2,0	157.937	100
	Subtotal Rural	975.591	49,9	747.589	38,2	57.965	3,0	66.875	3,4	1.955.095	100
Total	1.319.777	28,8	2.409.334	52,6	458.739	10,0	137.831	3,0	4.584.303	100	

Fuente: Paraguay [STP/DGEEC], 2002.

Por ser de tradición oral, los monolingües en guaraní son, en su mayoría, analfabetos. No obstante, esto también ocurre con monolingües en castellano, o que significa que el bilingüismo “facilita el proceso de alfabetización y probablemente la participación exitosa en la economía del país” (AGÜERO, 2011, p. 51).

Olivera (2011, p. 176-177) explica que el modelo educativo utilizado en el país hasta 1993 (exclusivamente en castellano), contribuía a una gran tasa de analfabetismo debido a la gran proporción de monolingües en guaraní. “Aquel modelo educativo contribuyó perversamente a mantener a la mayoría de la población a la margen de la educación, realidad que se refleja en la alta tasa de analfabetos, deserción y repitencia escolar”.

La inclusión de la Lengua Guaraní en la educación genera no solo el desarrollo individual, sino también,

el desarrollo socioeconómico, cultural y político del país. En un país con un alto porcentaje de usuarios de la Lengua Guaraní, ésta se constituye en el componente más valioso de la Educación Bilingüe, implementada por el Ministerio de

Educación de nuestro país, mediante la Reforma Educativa, iniciada en 1994 (OLIVEIRA 2011, p.177)

Peres (2001, p. 41) concorda ao afirmar que “a utilização, socialmente diferenciada, de uma ou outra das línguas oficiais do país, guarani e castelhano, pode implicar, para parcelas significativas da população, em acesso diferenciado às oportunidades sociais, culturais e, sobretudo, econômicas”.

Os dados do censo revelam também que, dentre as capacidades de leitura, escrita, interpretação e oralidade, destaca-se que os monolíngues em guarani possuem as capacidades de compreensão e produção oral, se concentram nas áreas rurais e poucos foram alfabetizados, por isso a maioria não sabe ler nem escrever.

En el interior del país hay personas de edad avanzada que aprendieron lecto-escritura en la escuela y algo del castellano como segunda lengua. Habiendo abandonado los estudios a una edad temprana, retienen la capacidad de leer language en guarani y de escribir. [...] A diferencia del monolíngüe guaraní hablante, que casi siempre será analfabeto, el monolingüe castellano casi siempre será letrado (AGÜERO, 2011, p. 49-50).

3.1.1 Língua Guarani: da importância cultural ao preconceito linguístico

Grosjean (1982) nos leva a observar que as atitudes em relação às línguas, muitas vezes, refletem atitudes relacionadas aos usuários destas línguas. O autor ressalta que línguas estigmatizadas podem se tornar respeitadas, porém, infelizmente, o contrário também acontece (RIBEIRO, 2005, p. 57).

Oliveira (2011) explica que com a implantação da Educação Bilíngue em 1994, muitos professores foram contra o ensino do guarani, levando os pesquisadores a formar um grupo que saía para diferentes departamentos para levar a conscientização da importância histórica, social e cultural do guarani.

En varios encuentros que nos tocó protagonizar en distintos puntos de la geografía paraguaya, durante aquellos años, escuchamos a docentes enceguecidos por la ignorancia y el fanatismo, considerar el guaraní como el peor de los enemigos, como el futuro gigante obstáculo de la propia Reforma Educativa. (OLIVERA, 2011, p. 176)

Essa resistênciã dos professores levou os pesquisadores a realizarem uma investigaãõ sobre as diferenãas linguísticas entre o guarani e o castelhano, com a hipótese de que, ao compreender as diferenãas gramaticais entre as duas línguas, melhoraria o desempenho dos professores que, implementariam o ensino bilíngue com mais competência, resultando em uma maior competência intelectual e auto-estima dos estudantes. Outro problema levantado pelo estudioso é a discussãõ sobre qual guarani ensinar “el académico o el ‘paraguayó’. Supuestamente el guaraní Académico era ‘extraordinariamente difícil’ comparado con la ‘extraordinaria sencillez y facilidad’ del guaraní Paraguayo o jehe’a (mal llamado jopara)” (OLIVERA, 2011, p. 183 grifos do autor).

El término yopará suele aplicarse al continuo de guaraní hispanizado, lo que supone un elevado grado de fluidez en cada lengua y la penetración española en el guaraní. El yopará es algo más que una mera introducción de palabras del guaraní en el español y esto lo hacen todos los paraguayos. (LIPSKI, 1994, apud PAVETTI, 2011, p. 69).

Quanto mais urbanizado o indivíduo, maior a interferência do castelhano. Daí o emprego do termo *jopara* para designar esse guarani de uso coloquial: *jopara* é palavra guarani que significa mistura; designaria uma língua resultante da mistura do guarani com o castelhano (PERES, 2001, p. 48).

A estigmatizaãõ linguística ocorre, normalmente, entre dialetos, em que um é considerado mais bonito ou gramaticalmente mais correto que outro. Este conflito também ocorre no Paraguai com o guarani ensinado nas escolas e o guarani falado pela populaãõ.

Uma professora argumenta que o guarani que se ensina na escola é muito diferente do utilizado na oralidade, o da oralidade ela chama de Guarani Vulgar.

O guarani da oralidade é o chamado jopara, por se tratar de uma mescla com o espanhol, muitos paraguaios atribuem ao jopara mais preconceito do que é atribuído ao guarani.

Lustig (1993:13) informa que o *jopara* "actualmente es sin duda la variante con menos prestigio en el espectro lingüístico del Paraguay" e que "para muchos no es más que el producto degenerado de un malogrado encuentro de culturas y lenguas". Roa Bastos, citado por Lustig (1993:13), caracteriza o *jopara* como "horrendo dialecto (...) que parece el habla idiota de la senilidad colectiva, el *ne'e tavl* del débil mental". (PERES, 2001, p. 49).

A professora de Língua Guarani explica que os alunos filhos de paraguaios também têm dificuldades de aprendizado e uma das justificativas é o desinteresse, "*existe muita discriminação com a própria origem da língua, muitos acham que não tem utilidade*" (professora paraguaia, 18/04/2013). Essa discriminação com relação a origem da língua ocorre principalmente no meio urbano, pois é vista como língua de índio e de minorias. Na própria história do país houve momentos em o uso do guarani foi proibido.

Em uma entrevista dada em 2008²⁰, o linguísta Tadeo Zarratea afirmava que a própria política paraguaia tinha uma mentalidade colonialista e que o país vivia um bilinguismo não assumido. Isso porque as próprias leis eram exclusivamente em espanhol, além disso, "la Justicia también sigue funcionando en castellano, en perjuicio de los paraguayos que solamente hablan guaraní. Los ciudadanos se deben someter a jueces que no hablan el idioma, mucho menos leen y escriben; son analfabetos en guaraní".

Para ele este é um dos mecanismos que mantém a mentalidade de que o guarani é inferior ao espanhol, "somos un pueblo profundamente acomplejado. Despreciamos nuestra lengua materna nacional por excelencia, nos avergonzamos y no asumimos nuestro bilingüismo". O pesquisador afirma

²⁰ CICIOLLI, Rosalía. El lingüista Tadeo Zarratea cuestiona a la clase política por seguir ignorando que el Paraguay es un país bilingüe. Asegura que al no incluir el guaraní en los documentos oficiales se viola la Constitución de 1992. 11/01/08. Disponível em: <http://www.ultimahora.com/el-guarani-sigue-arrastrando-el-prejuicio-los-paraguayos-n88591.html>. Acesso em: 10/10/03

ainda que a escola tem sido uma das promotoras desse complexo que tem encoberto a realidade bilíngue do país.

A afirmação de Zaratea se baseia nas diferenças entre o guarani da oralidade e o ensinado nas escolas. O guarani ensinado nas escolas se baseia na Gramática Normativa que não reflete a oralidade, segundo Rivas e Arias (2014, informação oral) muitas palavras que não existiam ou que eram empréstimos do espanhol, foram “inventadas” pelos linguistas. Além disso, muitos professores não possuem um grande conhecimento sobre a língua, não eram bilíngues e, por isso, ensinam a língua formal da mesma forma que aprenderam. *“La gramática estructural no se utiliza en la calle, por eso a los niños no les gusta, porque no les sirve, no es el mismo que se habla en la calle, con la familia”*.

Um jovem de Assunção explicou que o guarani falado nas cidades é diferente do falado pelos índios *“é mais difícil, mais enrolado e em Assunção ninguém fala guarani”* (paraguaio, 08/05/2013).

Para uma mãe paraguaia o preconceito tem origem na própria família e acredita no desaparecimento da Língua Guarani nas próximas gerações. *“Eu mesma tenho duas filhas, uma fala perfeitamente, a outra não, já demonstra desinteresse”* (paraguaia, 30/10/2013). Ela acredita que o governo do país deveria fazer mais para promover a Língua: *“o Estado tem que colocar regras rígidas para que haja um interesse nacional”*.

Além de ser visto com desprezo pela minoria burguesa, o guarani também é visto com descrédito pelo próprio falante da língua, isso ocorre devido à discriminação sofrida durante décadas pela população mais pobre e monolíngue em guarani. Assim, muitos pais não ensinam e até proíbem os filhos a aprenderem o idioma, porque não querem que os filhos vivenciem a mesma discriminação e porque o espanhol é visto como língua de prestígio e ascensão social.

Essa realidade permitiu a sedimentação de um discurso que atribui ao guarani a responsabilidade pelo atraso econômico e pelas profundas desigualdades sociais vigentes no Paraguai. Numa situação em que os pobres falam guarani porque são pobres, procura-se convencê-los de que são pobres porque falam guarani. Esse discurso, que implica na responsabilização dos pobres pela própria pobreza, é amplamente difundido entre

os falantes guarani. Isso faz com que seja justamente essa parte da população a manifestar rejeição ao ensino nessa língua (PERES, 2001, p. 44).

Al castellano, por ser la lengua oficial de los negocios, la administración pública, y los medios de comunicación, se le atribuye un valor instrumental mayor que al guaraní. Se considera la lengua que permite el ascenso social y profesional y es la lengua que se usa para la comunicación internacional con los otros países de habla hispana.

El prestigio del guaraní es más simbólico, llevando consigo la historia, cultura y costumbres de los grupos indígenas y de los sectores campesinos. Se usa en situaciones más informales, entre amigos y familia, y casi siempre de forma oral (CORVALÁN et al, 1993, 20-21).

Dentre os alunos (filhos de paraguaios), apenas um tem domínio da língua, os demais explicam que entendem, mas não falam, dentre as explicações dos estudantes está a falta de utilidade da língua, porque não se fala na região e porque não é necessário.

Uma aluna paraguaia vinda de Assunção conta que nasceu em uma colônia alemã e por isso fala português, ela explica que não fala guarani porque nunca a ensinaram, *“falta de costume, meus parentes não falam e em Assunção ninguém fala, só em povos mais pequenos”* (aluna paraguaia, 01/11/2013).

Outro aluno também atribui o desaparecimento do guarani a falta de incentivo da família, ele explica que muitos alunos paraguaios não falam o guarani porque seus pais também não falam em casa. Ele conta que seus pais falam guarani, mas ele tem muita dificuldade *“não falo o guarani puro só o misturado com o espanhol porque é muito difícil e o guarani que os índios falam é muito diferente”* (aluno paraguaio, 01/11/2013).

Um professor destaca que, por ser a língua mais utilizada na região, o português começa a ser falado até na casa dos paraguaios, isso ocorre porque os jovens falam em português com seus amigos, na escola e no comércio e, às vezes, chegam em casa e falam em português com seus pais.

Do ponto de vista dos paraguaios de Assunção, o português deveria ser proibido ao menos no comércio já que ele é “imposto” segundo eles, pelos brasileiros.

3.2 O BILINGUÍSMO DOS DESCENDENTES

O bilinguismo dos descendentes, como citado no início deste capítulo, é aquele que não abrange a competência total das duas línguas. Isso porque ocorre a chamada interferência linguística, tanto na oralidade, quando utilizam algum vocábulo do espanhol enquanto estão falando em português, como na escrita, quando escrevem em espanhol, mas mesclam com o português

Por serem o português e o espanhol línguas românicas muito próximas, a transferência de conhecimentos de uma para outra pode chegar idealmente a mais de 90% (PESSINI, 2003, p. 76). Tal semelhança justifica empréstimos, interferências ou transferências da língua espanhola para a língua portuguesa.²¹

A professora de Guarani explica sobre as dificuldades dos alunos filhos de brasileiros, com relação às línguas oficiais do país, de acordo com a professora os alunos entendem e interpretam bem, o problema esta na hora de se expressar e na escrita. Os erros ortográficos são constantes e isso se explica, segundo ela, porque a língua materna desses alunos é a Língua Portuguesa, além disso, é a língua utilizada constantemente por eles em casa e até com outros paraguaios, *“quando os paraguaios percebem que estão falando com um brasileiro, mudam a língua e também falam em português. Na escola, se não fosse exigido o espanhol, todos fariam em português, até os paraguaios”* (professora paraguaia 26/04/2013).

A professora deixa claro que esse é um fenômeno característico dessa área de fronteira em que a presença dos brasileiros é marcante, e ainda, que Santa Rita se distingue das demais cidades, *“Santa Rita é um mundo a parte, é diferente das outras cidades, a convivência é diferente”*.

Outra professora que também da aula na cidade de Santa Rosa conta que lá, a maioria dos alunos fala alemão o que, de alguma forma, facilita o aprendizado do guarani. *“Em espanhol eles são péssimos tem mais dificuldade*

²¹ A transferência. 2009. Disponível em: <http://interlenguas.blogspot.com.br/2009/02/2-transferencia-em-linguas-proximas-o.html>. Acesso em: 06/12/13.

que os daqui, mas falam guarani muito bem". Por isso, mesmo se tratando de uma região próxima a fronteira com cidades colonizadas por brasileiros, cada cidade tem suas especificidades e características distintas.

Com relação ao guarani, a professora explica que as dificuldades dos descendentes é maior ainda. *"O espanhol eles ainda utilizam na escola, mas com o guarani há pouco interesse, muitos perguntam para que serve e em que momento vão utilizar"*.

Assim como do lado brasileiro da fronteira, os professores das escolas do Paraguai também reclamam da interferência linguística que ocorre na escrita. A diferença é que para estes professores, os alunos não são vistos como "burros" ou "apáticos", ao contrário, reconhecem que este é um caso específico que ocorre nesta região e, principalmente, em Santa Rita. Para estes professores o problema está na falta de utilização do espanhol, já que os alunos falam português em casa e no comércio e, muitas vezes, também na escola, assim, quando o espanhol é exigido na escola, os alunos apresentam algumas dificuldades. Isso também ocorre com os alunos que estão na graduação, conforme a afirmação de uma graduanda: *"meu professor disse que tenho que falar mais em espanhol, porque tenho que apresentar o TCC em espanhol e como a gente só fala em português eu não sei se vou conseguir fazer toda apresentação em espanhol"* (aluna descendente 14/03/2013).

Algumas pesquisas mostram que no Brasil, alguns professores também acreditam que o constante uso da língua materna dificulta a aprendizagem da língua utilizada no contexto escolar, neste caso, o português. Isso ocorre não só com os alunos paraguaios, conforme exposto no primeiro capítulo, mas também nas cidades do Sul do Brasil, entre os filhos de imigrantes italianos e alemães, conforme exposto por Martiny e Menoncin (2013, p. 315),

No contexto do Oeste do Paraná, além de cidades gaúchas, a proibição do falar alemão nas escolas devia-se à crença de que as crianças somente aprenderiam o português quando deixassem de falar a língua étnica. [...] Portanto, muitos pais decidiram não transmitir mais a língua alemã aos seus filhos devido a esse contexto diglótico, de conflito entre as línguas.

Neste contexto, os descendentes de alemães fazem parte de um grupo minoritário e estigmatizado, por isso muitas vezes optam por deixar a sua língua materna para falar a língua de maior prestígio, o português, e evitar as situações de discriminação. Já em Santa Rita, os brasileiros e seus descendentes não são minoria, além disso, a sua cultura é admirada e a sua língua falada por grande parte dos paraguaios que ali vivem. Assim, a língua do imigrante torna-se a língua de prestígio, ao contrário do que ocorre com imigrantes em outros países.

Isso não significa que a Língua Portuguesa poderá ser aceita no ambiente escolar, mas faz com que os brasileiros e descendentes não se sintam tão recriminados a ponto de abandonar totalmente sua língua materna, como ocorre entre os imigrantes de outras etnias, presentes no Brasil.

3.2.1 Estigmatizando a Língua Guarani

Assim como alguns paraguaios, os brasileiros também não vêem o guarani de forma positiva, além de não quererem estudá-la na escola, na sociedade em geral é vista como forma de exclusão por parte dos paraguaios. Um comerciante relata que por várias vezes já presenciou paraguaios falando em guarani para que ele não entendesse. Para ele isso é injusto: *“os alemães não falam em alemão para que eles não entendam, mas eles falam e estão no direito deles. Eles dizem: você não aprendeu guarani porque não quis, se você não fala guarani não é paraguaio”* (comerciante brasileiro, 01/11/2013).

Ele explica que seus pais não foram para a escola, não aprenderam a falar o guarani, portanto não poderiam ensinar para os filhos e, quando ele foi para a escola, *“não se ensinava guarani e quando ensinava era como uma língua estrangeira, como o inglês é ensinado no Brasil”*.

Em um almoço com a família que me acolheu falávamos sobre o ensino do Guarani nas escolas e da dificuldade dos próprios filhos de paraguaios em aprender a língua, Maria se posicionou contra o ensino desta, ela recordou que na época em que o Guarani se tornou obrigatório até os professores foram contra já que muitos deles também não dominavam a língua, segundo ela “é

um dialeto que não serve pra nada, não é uma língua, tem palavras que nem tem em guarani, nem os paraguaios sabem” (brasileira, 25/04/2013). Além de não considerar o Guarani uma língua, Maria explica que os paraguaios muitas vezes mesclam-no com espanhol ou por não saber o Guarani, ou porque a palavra simplesmente não existe.

Entre os alunos procurou-se saber em que contexto cada língua é utilizada e confirmar o estigma com relação a Língua Guarani. Todos os entrevistados utilizam a Língua Portuguesa em casa e uma aluna, além do português fala alemão com seus pais.²²

Afirmaram também, que na escola alternam entre a LP e a LE uma vez que os professores não impedem que seja utilizada a LP e que os colegas paraguaios também não se importam. Uma aluna afirmou que os paraguaios *“estão se adaptando porque têm muito brasileiro, eles já estão falando a nossa língua” (aluna descendente, 09/05/2013).* Outro aluno disse que fala em português com os que entendem e espanhol com os demais.

Quanto ao guarani, dois alunos citaram que os professores utilizam a língua entre eles, segundo os alunos, para que não saibam o que estão falando, um aluno afirmou não ter nada contra a língua, e um aluno diz ter vontade de aprender para interagir. Os demais se sentem mal, pois consideram que a mesma é utilizada como uma forma de exclusão e somente um aluno deu razão aos paraguaios: *“eu me sinto mal, mas fazer o quê? Se eu não entendo azar o meu... to na terra deles” (aluno descendente 09/05/2013).*

Dentre as explicações dos alunos para não gostarem da língua destaca-se a dificuldade de aprender a mesma, *“o inglês é mais fácil, quando tinha aula de português eles também não gostavam” (aluna descendente, 09/05/2013);* o fato de ser uma língua atrasada, *“não tem nem no google” (aluna descendente, 26/04/2013),* outros adjetivos utilizados foram: difícil, estranho e enrolado.

Um professor esclarece que não vê o uso do guarani como uma forma de exclusão, ele explica que alguns paraguaios se expressam melhor em guarani por ser sua língua materna, assim como outros se expressam melhor em espanhol, ele cita também a mescla entre os dois idiomas, muito recorrente na região. Para ele, muitas pessoas não aceitam o guarani ou o português

²² Serão utilizadas abreviaturas para os termos: Língua Portuguesa – LP; Língua Espanhola – LE; Língua Guarani – LG.

simplesmente porque não entendem e que essa discriminação não deveria existir, principalmente no comércio já que existem vários clientes que falam línguas diferentes.

Outro professor, dono de uma escola particular de línguas, conta que muitos brasileiros se interessam pelo guarani, segundo ele vários brasileiros já procuraram o curso de Língua Guarani porque precisavam utilizar a língua no ambiente de trabalho.

Depreende-se, portanto, que a Língua Guarani é mais um fator de conflito entre os dois grupos estudados. Para alguns brasileiros, esta língua é vista como uma fronteira que os exclui da comunidade paraguaia e impede a integração. Geralmente não é a cidadania o critério para o reconhecimento social, mas o domínio desse idioma nacional, que é um dos elementos mais importantes da cultura paraguaia.

Se para alguns brasileiros ela é um fator de exclusão, para os paraguaios é motivo de orgulho nacional, é o que os distingue dos demais povos. Observemos a fala do diretor de uma escola no Paraguai citado por Albuquerque (2010):

El guarani es uno de los pocos elementos que va a identificar a la nación paraguaya dentro del mundo globalizado... Cuando desaparecen las demás fronteras, el único elemento que va a hacer que generalmente se conoce el Paraguay, que se sepa que es Paraguay, es su lengua. (ALBUQUERQUE, 2010, p.222).

Esses conflitos linguísticos não são exclusivos do Paraguai, ao contrário, são comuns em comunidade multilíngues e plurilíngues. Concorde-se com Martí (2011, p. 109) quando este explica que na maioria dos países é possível verificar a convivência entre pessoas de identidades distintas.

Las migraciones complican y complicarán cada vez más la gobernación de las sociedades contemporáneas. [...] Los inmigrantes tienen la obligación de respetar las culturas locales de los países en los cuales van a vivir. [...] Todas las culturas son el resultado de aportaciones diversas. Ninguna cultura

puede pretender ser pura y no contaminada. Las contaminaciones no agresivas enriquecen todas las culturas.

O autor explica que o patriotismo favorece as identidades das comunidades majoritárias, mas que é necessário reconhecer o multiculturalismo presente nestas comunidades. “Lo que parece más sensato es vivir una complementariedad entre identidades que no son excluyentes y que se van articulando de manera creativa” (MARTÍ, 2011, p. 107).

Apesar das diferenças culturais causarem situações de conflito entre os estudantes, a integração também ocorre, e tende a aumentar visto que os filhos dos primeiros colonos se consideram paraguaios, por terem nascido no Paraguai, e não tem a intenção de viver no Brasil. Além disso, a união entre brasileiros e paraguaios passa a ser cada vez mais constante, a pesar de não ter sido citado nesta pesquisa por não aparecer entre as famílias dos estudantes, observou-se no convívio social, principalmente no comércio entre algumas conversas informais, a união entre brasileiros e paraguaios. Torna-se relevante, portanto, a realização de uma pesquisa com jovens que tenham pais das duas etnias para verificar como a nova geração lidará com as culturas distintas dos pais.



Obs.: Foto tirada em outubro de 2013 em uma escola particular da cidade.

CONCLUSÕES

No primeiro capítulo observou-se como ocorreu a imigração de brasileiros para o Paraguai sob a perspectiva de dois autores, um de cada país. Para Laino (1979) os brasileiros são descritos como imperialistas que impõem a sua cultura e exploram a terra e o povo. Para Menegotto (2004) o brasileiro levou para o Paraguai o desenvolvimento, mas há uma coisa em que os dois autores concordam, os dados do Censo Demográfico não são exatos e pouco confiáveis. Os dados do Censo 2012 não foram divulgados integralmente, por isso não foram citados.

As primeiras observações expostas no primeiro capítulo revelam que existem situações de conflito no ambiente escolar devido às diferenças culturais. Outra questão abordada foi referente ao rendimento escolar dos alunos. Recorda-se que, nas escolas do lado brasileiro da fronteira, alguns professores crêem que a educação do Paraguai é de baixa qualidade, e que os alunos são “apáticos” por não participarem das aulas como os demais. Para os professores paraguaios não há como distinguir melhores e piores alunos por etnia, mas confirmam que o fato de muitos alunos (descendentes) trabalharem, por exigência dos pais, faz com que se dediquem menos aos estudos e confirmam que lá também há a dificuldade com relação à interferência linguística, tanto na oralidade como na escrita, mas, ao contrário dos professores brasileiros, os professores paraguaios que participaram desta pesquisa, têm consciência de que esse fenômeno ocorre devido a localização da cidade, que está próximo a fronteira com o Brasil e foi colonizada por brasileiros.

Identificou-se a existência de estigmas que os estudantes de descendência brasileira atribuem aos paraguaios, dentre eles o estigma com relação a preguiça, higiene e a língua guarani. Sabe-se que os estigmas podem levar a práticas de preconceito, bullying e exclusão conforme pesquisas já realizadas, no entanto, estes estigmas apresentam-se de forma velada, sendo assim, na sala de aula existe a interação e amizades, sendo que poucas permanecem fora dos muros da escola. Os descendentes preferem as amizades entre o seu próprio grupo e, apesar de haver a exclusão fora da

escola, dentro desta, o que se presencia é um ambiente sem grandes hostilidades.

Verificou-se que os estigmas e estereótipos ocorrem como uma forma de proteção do grupo e de manter a fronteira étnica entre os dois grupos (BARTH, 1998), portanto, ao mesmo tempo em que excluem os de fora, mantém a integração entre os de dentro. Os estigmas não impedem a interação e a integração entre os dois grupos, já que em alguns setores, como no trabalho e na escola eles são permitidos. Além disso, a tendência é que a integração aumente nas próximas gerações, pois a convivência cada vez mais próxima entre paraguaios e descendentes de brasileiros faz com que os estigmas, aos poucos, diminuam.

Averiguou-se também a diferença entre as gerações, sendo que os brasileiros imigrantes, pais desses alunos, apresentam uma resistência maior em relação aos paraguaios. Já seus descendentes, nascidos no Paraguai, apesar de terem herdado alguns estigmas que os pais atribuem aos nativos, convivem de forma mais pacífica e alguns já aceitam, por exemplo, o namoro entre os dois grupos.

A ideia de retorno para o Brasil, também é distinta entre as duas gerações, os primeiros migrantes afirmam que não voltariam para o Brasil devido à burocracia que existe no país. No Paraguai há mais facilidades para o comércio, além disso, os imigrantes alegam que se vendessem tudo o que têm no Paraguai, não comprariam a metade no Brasil devido à diferença no valor da moeda. Vale ressaltar que esta é a opinião dos brasileiros que estão bem economicamente, alguns alunos informaram que os pais ou avós têm a intenção de voltar para conseguir a aposentadoria que não existe naquele país, portanto, seria interessante realizar uma pesquisa em que a opinião dos brasileiros menos favorecidos seja comparada com a dos bem sucedidos economicamente. Já a segunda geração, nascida no país, afirma que não moraria no Brasil por já terem se acostumado com a tranquilidade de Santa Rita e devido à violência vista por meio da mídia. Alguns afirmam que tem a intenção de estudar no Brasil, fazer uma graduação ou pós-graduação e depois retornar, já que isso daria mais valor ao seu currículo.

Assim como exposto por Sprandel (2006) existem características distintas entre o primeiro grupo de brasileiros que migrou para o Paraguai nas

décadas de 70 e 80 e o atual grupo que nasceu lá e assume para si a nacionalidade paraguaia ou por identificação, ou como uma forma de reivindicar direitos.

Fiorentin (2010, p. 87) concorda ao afirmar que os filhos dos primeiros imigrantes, nascidos no Paraguai e com nacionalidade paraguaia vivenciam um universo cultural distinto da época de seus pais e que “os laços de proximidade entre as duas culturas vão se estreitando para essa geração”.

Constatou-se também que os brasileiros atribuem valores semelhantes a paraguaios e nordestinos, e valores distintos aos paraguaios da fronteira e os paraguaios vindos de Assunção.

No decorrer da pesquisa constatou-se que, alguns pesquisadores, têm a visão de que os brasileiros residentes no Paraguai são “imperialistas”, que impõem a sua cultura em detrimento a cultura paraguaia, no entanto, os paraguaios que ali residem não veem desta maneira, para eles, a facilidade em aprender a cultura do outro é uma das características da cultura guarani e é motivo de orgulho, sendo assim, a opinião de alguns pesquisadores, não é a opinião dos sujeitos que vivem naquele espaço fronteiriço.

Ressalta-se que esta é uma pesquisa etnográfica, que pretende expor a opinião do próprio sujeito estudado sobre suas práticas. A intenção não é expor a opinião do pesquisador, mas, apenas expor as práticas existentes no ambiente estudado, de acordo com a visão do próprio sujeito participante da pesquisa. Não serão feitas aqui conclusões sobre qual grupo esta certo ou errado, se há algum prejuízo para algum grupo e o porquê. Apenas verificou-se que os conflitos existem e que a fronteira entre os dois grupos é mantida por meio de alguns estigmas que surgiram e se explicam na própria história dos grupos étnicos envolvidos.

Verificou-se também que o preconceito com a Língua Guarani não ocorre somente por parte dos filhos de brasileiros, mas os próprios paraguaios estão deixando de falar a língua e apresentam tantas dificuldades quanto os brasileiros, no aprendizado da língua. Na sociedade paraguaia, o espanhol é visto como língua de prestígio, em detrimento ao guarani, já em Santa Rita, o português, língua do imigrante, está sendo falado até mesmo na casa de paraguaios, situação que difere das demais histórias de migração em outros países, o que também merece ser tema de novas pesquisas.

Ressalta-se também que esta pesquisa, além de ocorrer em uma única cidade, ocorreu em uma única escola, e com características bem específicas que a distingue de outras. Seria interessante que se realizassem pesquisas em escolas públicas para compará-las com as escolas particulares já que o número de descendentes é distinto em cada uma delas. Outra ideia é a realização de pesquisas nas escolas das colônias que também apresentam realidades distintas da zona urbana.

Se no Brasil, com tantos estudos, ainda presenciamos situações de despreparo dos professores para lidar com as diversas identidades encontradas no ambiente escolar, no Paraguai, por um lado a educação bilíngue aplicada no país, tem a intenção de respeitar as diferentes culturas encontradas no país, mas se isso já difícil entre as duas línguas oficiais do país, o que dizer das línguas dos imigrantes. Além disso, não se encontrou estudos sobre a presença de imigrantes nas escolas de fronteira do lado paraguaio, o que mostra que as possíveis situações de conflito e preconceito não são estudadas e não fazem parte dos interesses dos pesquisadores de nenhum dos dois países.

Apona-se, portanto, para a necessidade de se olhar não somente a fronteira física, mas as fronteiras simbólicas existentes nos grupos sociais, não só do nosso lado da fronteira Brasil/Paraguai.

REFERÊNCIAS

AGÜERO, Maria Eva Mansfeld de; BRACHO, Carlos Marino Lugo; MANSFELD, Karina Elizabeth Agëro; GYNAN, Shaw Nicolas. *Biligüismo y Educación Bilingüe: Un análisis sociolingüístico de contacto guaraní-castellano en el Paraguay*. Asunción: CEADUC, 2011.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo, Annablume, 2010.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C de. *Fronteiras: entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação*. In: *I Colóquio internacional sobre dinâmicas de Fronteira*. Toledo: UNIOESTE, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

AMAR, Ayush Morad. *Temas de Criminologia*. São Paulo: Resenha Universitária, 1982, v. II, p. 79.

ARDISSONE, Carlos José. *Reflexiones sobre el Paraguay*. Intercontinental, Asunción, 1994.

BACILA, Carlos Roberto. *Estigmas: escrito a partir de duas obras inacabadas sobre preconceito*. Revista Novos Estudos Jurídicos, 2008. Vol 13, n 2, p 61-75.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.

BIROU, Alain. *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1982.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. "A mulher e o espaço público" in *Revista Brasileira de História: Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas*. ANPUH/Marco Zero, São Paulo, 12(22):67-86, Mar.-Ago. 1991.

CAMPOS, Maria Elvira Martinez. La lengua Guaraní y el proceso de inclusión social en una sociedad de lenguas en contacto. In: *Identidad Nacional, Interculturalidad y Bilingüismo*. Asunción: Foro Bicentenario, 2011. p 189-196

CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada*. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARDOZO, Efraim. *Apuntes de Historia cultural del Paraguay*. Asunción: CEADUC, 1718.

CHAMORRO, Graciela. *Terra madura yvy araguyje*: Fundamento da palavra guarani. Dourados: UFGD Editora, 2008.

CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s)-linguagem(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de letras. 1998.

CONDO, L. A educação intercultural bilíngüe na reforma educacional boliviana. In: *Educação e Diversidade: experiências e desafios na educação intercultural bilíngüe*. Org. Inácio Hernaiz. Trad. Maria A. Pereira. Brasília: Ministério da Educação. 2009.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo memória e identidade: linguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CÓRDOVA, Ignacio [et al]. Amor libre: consecuencia de la post-guerra de la Triple Alianza. Universidad Alberto Hurtado [s. d.]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/23713795/Amor-libre-en-Paraguay-post-Guerra-de-la-Triple-Alianza>. Acesso em: 13/09/213.

CORVALÁN, Graziella, KRIVOSHEIN DE CANESE, Natalia. *Plan de educación bilingüe para el Paraguay*. Nemity. Asunción, n° 25:13-24, juVdic 1992.

DALINGHAUS, Ione V. *Alunos brasiguaios em escolas de fronteira Brasil/Paraguai: um estudo linguístico sobre aprendizagem do Português em Ponta Porá, MS. – Cascavel: UNIOESTE, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, 2009. (Dissertação de Mestrado).*

DÁVALOS, Serafina. *Humanismo*. Tesis presentada para optar al grado de Doctora en Derecho y Ciencias Sociales (Universidad Nacional/Facultad de Derecho y Ciencias Sociales). Jordan & Villamil, Asunción, 1907.

EXPO SANTA RITA: 20 años fomentando el desarrollo. (Revista comemorativa). AGR: Ciudad del Este – Py, 2012.

FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. Tradução de Wladimir Araujo. São Paulo: IBRASA. 1983.

FERTIG, André A. e SACCOL, Tassiana M. P. *A guerra do Paraguai nos livros didáticos de história do Brasil: uma análise de obras publicadas entre 1900 – 1960*. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/12778/9> 172. 2010. Acesso em: 27/07/2011.

FIGUEIREDO, Luiza Vieira Sá de. *Direitos sociais e políticas públicas transfronteiriças: a fronteira Brasil-Paraguai e Brasil-Bolívia*. Curitiba: CRV, 2013.

FIORENTIN, Marta Izabel. *A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)*. Curitiba: UFPR, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, 2010. (Dissertação de Mestrado).

FOGEL, Ramón. *La concentracion de la tierra en los departamentos fronterizos*. Asunción: Intercontinental Editora, 1989.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre o Mato Grosso*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2000.

GARCIA DA SILVA, Dezir. *Violência e estigma: bullying na escola*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, 2006. (Dissertação de Mestrado).

GEETZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antonio Carlos. *Estudo de Caso*. São Paulo: Atlas, 2009.

GOETTERT, Jones Dari. *A fronteira, a violência com o outro geográfico e um cotidiano de relações múltiplas (ou aquilo que não se mostra)*. In: *As múltiplas faces das fronteiras*. Org: Eric Gustavo Cardin. Curitiba: CRV, 2013.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia B. de Mello L. Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan 1988.

GOLDMAN, M. *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos*. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 46, n. 2, p. 423 – 444, 2003.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982, p.117-127.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira L. Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

HEYE, J. Considerações sobre bilingüismo e bilinguidade: revisão de uma questão. In: *SAVEDRA, M; HAYE, J. Palavra*. Rio de Janeiro: Trarepa, 2003, 30-38.

JARA, Bruno. *Santa Rita: La comunidad y su Expo, reseña de una ciudad*. Asunción: Artemac, 2012.

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. *A infusão etnográfica em comunidades na fronteira*. In: *COLOGNESE, Silvio Antônio; CARDIN, Eric Gustavo (org.). As Ciências Sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa*. Cascavel: JB, 2014.

LAINO, Dominto. *Paraguai: fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global Editora, 1979.

LUSTIG, Wolf. Mba'éichapa oiko la guarani ? Guaraní y jopara en el Paraguay. *Nemity*. Asunción, nº 33:12-32,. ago/dic 1996.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed.). *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968.

MALINOWSK, B. *Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação* (Argonauts of the Wesstern Pacific). In:_ DURHAM, E. R. Malinowski. São Paulo: Ática, 1985.

MARSAL. Carlos Villagra. La lengua como sustento de nuestra identidad cultural. In:_ *Identidad Nacional, Interculturalidad y Bilingüismo*. Asunción: Foro Bicentenário, 2011.

MARTÍ, Félix. Saber vivir la complejidad cultural y lingüística. In:_ *Identidad Nacional, Interculturalidad y Bilingüismo*. Asunción: Foro Bicentenário, 2011.

MARTINI, Franciele Maria. MENONCIN, Camila. O estudo do bilinguismo e da diglossia para uma perspectiva linguística educativa. In:_ *Web-Revista SOCIODIALETO*. Vol 04, nº 11. Novembro 2013 p. 301-322. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/edicoes/16/10012014015013.pdf>. Acesso em: 29/06/2014.

MARTINS. José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MENEGOTTO, Ricardo. *Migrações e fronteiras: os imigrantes brasileiros no Paraguai e a redefinição de fronteiras*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MEY, Jacob L. Etnia identidade e língua. Tradução: Maria da Glória de Moraes. In. SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de letras. 1998.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

NOVAES, André Reyes. *Fronteiras mapeadas: geografia imaginativa das fronteiras Sul-Americanas na cartografia da imprensa brasileira*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IGE/PPGG. 2010.

OLIVERA, David Galeano. El Guaraní como instrumento de desarrollo del Paraguay. In: *Identidad Nacional, Interculturalidad y Bilingüismo*. Asunción: Foro Bicentenário, 2011.

PAVETTI, Ricardo. Identidad, Nación y Estado nacional paraguayo (1810-1820). In: *Identidad Nacional, Interculturalidad y Bilingüismo*. Asunción: Foro Bicentenario, 2011.

PEIXOTO, João. *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro Sociológicas*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, n 11/2004 (on-line).

PEREIRA, Jacira Helena do Valle. *Violência simbólica em escolas de fronteira: em questão as diferenças étnico-culturais*. Revista Educação e Linguagem, p.45-56, 2011.

PERES, Sebastião. *Escolarização do guarani e diglossia no Paraguai*. Revista História da Educação. Pelotas: ASPHE/FaE/URPel, abril 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma consideração radical?* Tradução: Almiro Pisetta. In. SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de letras. 1998.

RIBEIRO, Alessandra R. *Aprender Italiano: identidade em (re)construção entre língua e cultura em contexto formal*. Cascavel: UNIOESTE, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, 2005. (Dissertação de Mestrado).

RIVAS, Carmen. ARIAS, Gloria. *Curso de Lengua y Cultura Guarani*. Toledo: UNIOESTE, 2014.

ROCHA, E. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RODRÍGUEZ, Sinfiriano. Fundamentos etnológicos de nuestra identidad nacional. In: *Identidad Nacional, Interculturalidad y Bilingüismo*. Asunción: Foro Bicentenario, 2011.

SANTOS, Maria Elena P. *O cenário multilingüe/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entrono social*. – Campinas: UNICAMP, Doutorado em Lingüística Aplicada, 2004. (Tese de Doutorado).

SCHADEN, E. *Aspectos Fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo, EDUSP, 1974.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *O guairá e o espaço missionário: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses*. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.

SIGUAN, M. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alcanza S.A., 2001.

SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. *Bailes y fiestas populares en la Asunción en la posguerra de la triple alianza: mujer y resistencia popular en el Paraguay*.

Revista Diálogos Latinoamericanos, nº 004, Universidad de Aarhus, 2001, p.78 – 118.

SILVA, Henrique M. *Fronteireiros: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do Oriente paraguaio*. Maringá: Eduem, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu Silva (org). Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102

SORIA, José López. Lengua, Identidad e Interculturalidad. In: *Identidad Nacional, Interculturalidad y Bilingüismo*. Asunción: Foro Bicentenario, 2011.

SUASSUNA, L. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. Campinas: Papyrus. 1995.

SPRANDEL, Márcia Anita. *Brasileiros na fronteira com o Paraguai*. Revista Estudos Avançados nº 20, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a11v2057.pdf>. Acesso em: 17/08/2011.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes. 1990.

WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay and the Triple Alliance War: the post-war decade, 1869-1878*. University of Texas Press, Austin, 1978.